

Há 50 anos, nascia a Academia Joinvilense de Letras. É uma jovem senhora, diria Balzac hoje. Foi fundada em 15 de novembro de 1969 e teve como primeiro presidente – e grande incentivador – o escritor e historiador Adolfo Bernardo Schneider.

A AJL é a segunda mais antiga academia de Letras de Santa Catarina – antes dela só havia a Academia Catarinense de Letras (ACL), fundada em 1920 e que ganhou expressividade na década de 1960.

A solenidade de inauguração da AJL, realizada nos salões da Sociedade Harmonia-Lyra em 1969, contou com a presença de personalidades renomadas no meio intelectual brasileiro, como o escritor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que representou a Academia Brasileira de Letras.

Ficou inativa por mais de 30 anos e, em 2013, foi retomada, mostrando força e pujança criativa. Esta antologia mostra um pouco do que ela é. Sobretudo, criatividade, capacidade crítica, conhecimento técnico e saber histórico.

Representa, sem dúvida, a cultura dos joinvilenses que, a partir da década de setenta, deixou de ser essencialmente germânica para abrigar todas as tendências nacionais.

Diagramação: Poerner



ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

COLEÇÃO ENSAIO VOL. 4



A vida tem mesmo Sentido?

E OUTROS ESCRITOS

A VIDA TEM MESMO SENTIDO? E OUTROS ESCRITOS



ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Já dizia Flaubert [1821-1880], em *Cartas a Louise Colet*: “O gênio é Deus quem nos dá, mas o talento é por nossa conta”. Entretanto, é certo afirmar: o gênio faz o que é preciso e o talento faz o que pode.

Criar não é ofício fácil. Não é tarefa para muitos. Na obra-prima *Jean-Christophe*, Roman Rolland, prêmio Nobel de Literatura, diz que “criar é matar a morte”. No processo criativo, o escritor tem como alvo tornar-se além da vida. Ele não se contenta com a rotina, com a mesmice. Ele quer sempre romper as barreiras do cotidiano, do homem comum.

No Ensaio-4, o leitor encontrará as mais recentes criações de nossos acadêmicos. Um bom retrato do que os criadores joinvilenses estão fazendo. Textos diversos – crônicas, ensaios, poemas, contos – que comprovam a força criativa de nossa Academia.

Acreditamos que a obra de arte há de ser essencialmente socrática – deve conter mais questões do que respostas, e o Tempo é o juiz implacável. Nenhum dos autores quer dar respostas, mas levantar questões.

É na arte que o homem rompe as barreiras do cotidiano e se ultrapassa definitivamente.

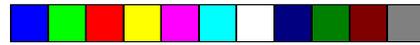


**A VIDA TEM MESMO SENTIDO?
*E OUTROS ESCRITOS***

Ronald Moura Fiuza	Milton Maciel
Hilton Görresen	Alessandro José Machado
Carlos Aduino Vieira	Onévio Zobot
Postai de Souza	Else Sant'Anna Brum
Maria Cristina Dias	Nelci Seibel
Salustiano Souza	David Gonçalves



ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS



A vida tem mesmo sentido? Vários autores.
Joinville, Academia Joinvilense de Letras, 2020
Coleção Ensaio - vol. 4.

CDD - 330.2

CDU: 33-39

1. CONTO. CRÔNICA. POESIA, ENSAIO - Século 21: Literatura Brasileira 869.9341
2. CRÔNICA. POESIA. CONTO, ENSAIO, ROMANCE: Literatura Brasileira 869.9341

ISBN: 978-85-69004-07-3

Capa: foto - Maria Cristina Dias

Diagramação: Geraldo Poerner

Revisão: Autores



© 2020 - **ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS**

Proibida qualquer tipo de reprodução, sem prévia
autorização dos autores.



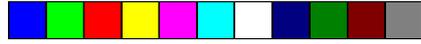
ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Rua XV de Novembro, 485 - cep. 89223-010 - Joinville/SC

e-mail: contato@academiajoinvilense.com.br

site: www.academiajoinvilensedeletras.com.br





ÍNDICE

Ronald Moura Fiuza

A vida tem mesmo sentido?, p. 07

Hilton Görresen

O homem que gostava de pés, p. 15

Uma questão de nome, p. 19

Meu querido hóspede, p. 23

O irmão fantasma, p. 28

Libertê, p. 31

Carlos Adauto Vieira

Crematório, Streedogs, urnas, p. 37

Sogricídio no bagageiro, p. 39

Er Abott, p. 40

Não responda, p. 42

Fotos dos ancestrais, p. 44

Tio Vidal, p. 46

Seu Andorinha, p. 47

Postai de Souza

O descobrimento de Joinville pelo Conde de Valsugana, p. 51

Maria Cristina Dias

“À frente voluntários”, p. 61

Salustiano Souza

A procura, p. 71

Milton Maciel

Um estranho cerco, p. 83

Alessandro José Machado

O último ano, p. 97

Parabólica Duarte, p. 98

Resgate para um funeral, p. 101



Onévio Zobot

Parreirais de minha infância, *p. 107*

Ondas de rede, *p. 107*

Anastácia, *p. 108*

Grata surpresa, *p. 109*

Cavalos em Ulan Bator, *p. 110*

Arpejar às calendas, *p. 111*

Ingrato desencanto, *p. 112*

Papagaios charão, *p. 112*

Adeus aos anos, *p. 113*

Else Sant'Anna Brum

Destruição, *p. 117*

O capitão da sujeira, *p. 118*

O salgueiro e o rio, *p. 120*

Nelci Seibel

Barnabé de Belém, *p. 125*

Axé minha chinoca, *p. 126*

A mulher sozinha, *p. 128*

Desacato à autoridade, *p. 130*

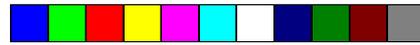
O incrível fusca amarelo, *p. 133*

Água traíra, *p. 135*

David Gonçalves

O último defunto vigia até o próximo chegar, *p. 139*

Natal no oco da figueira, *p. 141*



RONALD MOURA FIUZA



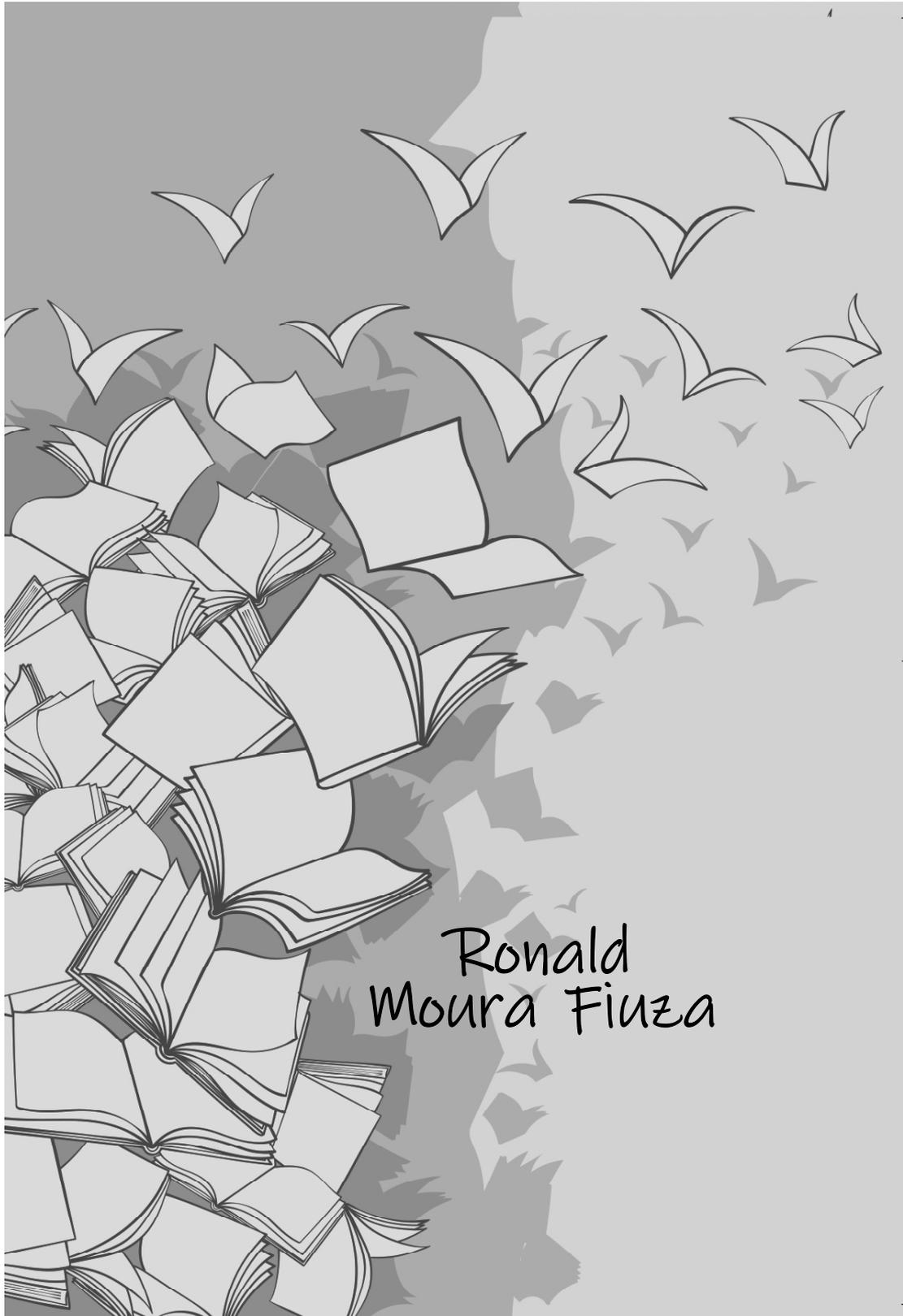
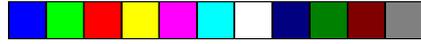
RONALD MOURA FIUZA

é médico formado pela UFMG, tendo título de especialista em Neurologia e Neurocirurgia. É membro efetivo e perpétuo da Academia Catarinense de Medicina e da Academia Joinvilense de Letras.

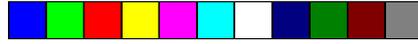
Foi presidente da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e secretário de saúde do Estado de Santa Catarina.

Tem pós-graduação em Neurocirurgia na Universidade de Munique e mestrado em Neurociências em Barcelona.

Tem publicado os livros: A consciência, uma viagem pelo cérebro, Dor de cabeça: o que você deve saber e o que você pode fazer e sua versão: Headache: what you should know and what you can do.



Ronald
Moura Fiuza



A VIDA TEM MESMO SENTIDO?

Ronald Moura Fiuza

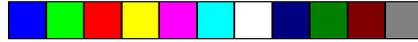
POR QUE ESTAMOS NESTE MUNDO? Qual é o verdadeiro “sentido” da vida? Esta pergunta tem resposta? Ou é só uma questão absurda, típica de desocupados? Diante de tais dilemas, fazemos logo uma careta e tentamos mudar o foco. Afinal, para que nos prendermos a enigmas, quando a vida já é tão cheia de desafios?

Acontece que esses assuntos ressurgem e nos importunam, teimosos. Quando não estamos bem, eles insistem. Se estivermos deprimidos, aí é que eles nos sufocam, nos maltratam.

Algumas pessoas não ligam mesmo para essa conversa, até por já não terem dúvidas sobre o assunto. São as que descobriram a resposta, por exemplo, na religião. O sentido de tudo está na fé e na revelação. Estamos aqui basicamente à procura de Deus e nossa missão primordial é fazer o bem. É seguir a vontade de Deus e glorificá-Lo. No fim, nos uniremos a Ele! Resolvido, estes estão confortados.

Com a mesma tranquilidade, mas com a visão oposta, estão os céticos. É um grupo que tampouco percebe qualquer mistério. Entretanto, o motivo é outro. A vida não tem, para eles, qualquer sentido. Consideram fútil a tentativa de solucionar o que chamam de “pseudoproblemas”. Eles dizem que nós somos pequenos demais diante da imensidão do Universo, sendo inútil procurar importância nessa vidinha efêmera. A nossa função única no mundo é, simplesmente, viver! Devemos manter a nossa saúde e nos reproduzir. E só. Ora, isso já é um sentido! Quem estiver satisfeito com essa tese, que a aceite.

Para os outros, os que vão atrás de respostas, fica a angústia. Angustiados sim, mas com o consolo de que a tensão da procura carrega esperanças. Vale a pena procurar um significado para a vida, pois este poderia nos orientar em nossa caminhada. Agir



de maneira compatível com a tal resposta seria, simplesmente, viver melhor.

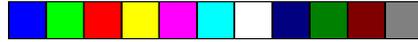
Se digitarmos “sentido da vida” no Google, encontraremos mais de 300 milhões de resultados. Se digitarmos “meaning of life”, são bilhões. Isto demonstra o interesse da humanidade pelo tema. Mostra também a nossa incapacidade de encontrar uma resposta convincente.

Se estivermos mesmo dispostos a gastar o nosso tempo por esse caminho tortuoso devemos ser, pelo menos, modestos. Sabendo que não encontraremos a resposta definitiva, podemos tentar situar melhor a questão. Precisamos restringir o escopo, para não nos perdermos logo de início.

É mais fácil, por exemplo, buscar primeiro um sentido “na” vida e não “da” vida. Assim, poderíamos tentar definir qual é a essência de nossa própria vida e qual é o sentido que essa definição pode ter “para nós”. Nossa tarefa ficaria facilitada, já que procuraríamos o que é importante para a nossa existência individual.

A busca da felicidade, por exemplo, poderia ser uma boa aposta. Estaríamos no mundo seguindo nosso caminho a cada dia, tentando ser felizes. Por felicidade podemos considerar a realização dos principais valores e desejos, as escolhas que são essenciais para cada um de nós. A questão primordial seria: quais de nossos valores poderiam nos aproximar desta felicidade e, assim, encher nossa vida de significado?

Para muitos, ser feliz pode ser, por exemplo, tornar-se rico ou poderoso. Para outros, é ter boa saúde. Para alguns, talvez, ser sábio. Para os mais puros, ser feliz pode denotar ser honesto ou ser generoso, ou até saber criar bem os filhos. Outros valorizariam mais ser capaz de descobrir seus próprios talentos e de ser competente. Ser feliz pode ainda traduzir algo mais vívido, como ser aventureiro, ou divertir-se a valer, ter muito sexo, comer e beber do melhor. Quem sabe o principal é conhecer o mundo, ter muitos amigos, talvez ser engajado em grandes causas. Cada um de nós destaca algum ou vários desses pontos. A ênfase pode ser na intensidade da vida (como queria



Nietzsche) ou na ampliação do pensamento (como preferia Kant). Devemos decidir quais são os nossos valores principais e tê-los sempre como referência.

Se conseguirmos vislumbrar a nossa essência, já teremos dado um enorme salto para viver melhor. Poderemos então sofisticar, construir uma hierarquia entre os valores, avaliar nossas prioridades. Seria um sinalizador em nosso caminho, ajudaria nas encruzilhadas. Fugiríamos assim das incertezas e das ações impulsivas.

Depois dessa fase, aí sim, podemos ir além. Para descobrir um sentido mais abrangente na vida, devemos ultrapassar a simples expressão de nossos desejos ou a avaliação de nosso microcosmo. Até porque a explicação de uma coisa não pode ser buscada na própria coisa ou em suas partes, o que fere a lógica. Assim, uma resposta mais ampla não pode ser encontrada na vida em si. Precisamos de um referencial externo. A vida deve estar a serviço de alguma outra coisa, sendo nossa tarefa encontrar o seu significado na transcendência.

Entretanto, devemos ter cuidado para não extrapolar a possibilidade do conhecimento. Se formos procurar, por exemplo, um sentido da vida no âmbito do Universo, já nos perderemos de novo, já que não conseguiremos fugir da especulação. É paralisante tentar responder a perguntas tais como “por que o mundo existe?”.

Se não pudermos ficar excessivamente restritos (nossos valores) e nem nos desprendermos para algo longe demais (Universo e além), deveremos tentar encontrar o sentido da vida com os pés no chão. Vamos procurar aqui mesmo, neste planeta em que vivemos. Afinal, a Terra é nossa origem, nosso destino final. Talvez possamos buscá-lo em nossa condição de ser vivo, em nossa relação com outros seres. Estas são procuras menos universais, mais restritas, mas já estão fora de nosso umbigo.

A maneira mais apropriada de nos relacionarmos com o planeta e com os outros seres definiria a nossa natureza mais profunda, a de ser humano. O sentido da vida deveria ser procurado apenas onde estivéssemos imersos nesta natureza.





Só aí teríamos a condição e o direito de optar por este ou aquele valor. É importante, então, situar melhor o significado desta natureza.

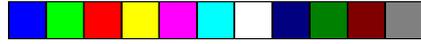
Qual seria, por exemplo, o sentido da vida de um animal que habita a Terra? Qual é a sua essência? A primeira e fundamental determinação na vida do animal é, simplesmente, viver. Qualquer ser vivo, das bactérias aos elefantes, procura garantir a própria vida, antes de qualquer coisa. O segundo propósito geral de um ser vivo é se reproduzir, deixar descendentes. Dessas tendências ninguém foge, elas são necessárias. Assim temos nós também que fazer nossa travessia, valorizando nossa saúde e nossa prole. Esta é a primeira regra, indelével. O restante de nossa busca deve ser feito paralelamente. Continuemos.

Depois de nos situar como animais, devemos nos situar como humanos. Sabemos que somos uma espécie peculiar. Primeiro, por sermos profundamente sociais, o que já nos diferencia de muitíssimas espécies. Segundo, por sermos inteligentes, o que nos diferencia do resto. Isto nos posiciona! O sentido da vida dos humanos deve ser compatível com essas condições.

A maioria das espécies animais vive em pequenas comunidades. Entretanto, são poucas as espécies essencialmente sociais. Surpreendentemente, isto é raro! A maioria dos animais tem ligações sociais, mas estas relações são frouxas. Somente vinte linhagens de animais têm relações sociais bastante intensas. Neste grupo seletivo podemos incluir as formigas, as abelhas e ... os humanos!

Esta característica natural tem grande influência e deve moldar as tendências comportamentais primordiais, aquelas vinculadas à manutenção da vida e à reprodução. Isto significa que nós, humanos, não podemos nos restringir a essas tendências primitivas. À medida que somos também uma espécie social, nosso repertório comportamental precisa mudar. Da mesma maneira como nos preocupamos em viver e reproduzir, devemos nos interessar com o bem-estar do grupo mais amplo. E cuidar também deste grupo. A preocupação com os outros não é, portanto, derivada somente de regras sociais, culturais ou





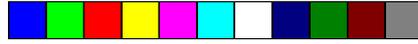
religiosas. É determinada pela natureza da espécie humana! O comportamento moral deriva de nossa biologia e os que ignoram esse traço se afastam da condição de humano.

Finalmente, há o fato marcante de sermos inteligentes. Esta é uma característica observada especialmente nos mamíferos superiores, predominando de maneira decisiva entre os humanos. Entre nós, é potencializada, e muito, pela linguagem. A inteligência, inclusive a verbal, nos possibilita a avaliação das situações, a previsão de resultados e a flexibilização do comportamento. Ela nos permite a escolha entre diversos caminhos.

A vida nos leva sempre a encruzilhadas. Na avaliação das opções, frequentemente ocorre o conflito. Enquanto a nossa condição de animal nos leva a competir, a nossa condição de seres sociais nos leva a cooperar. Aí vem a chave da questão. O terceiro pilar, a inteligência, nos possibilitaria compatibilizar estas tendências. O exercício dessa dinâmica deve determinar o sentido da vida de cada um.

Coordenando as ideias colocadas, podemos utilizar as potencialidades oferecidas por esse quadro e as limitações impostas por ele para construir nossa opção pessoal. Poderemos assim viver uma vida plena, aproximando-nos de nossos valores e de nossas concepções de mundo. Nessa marcha carregaremos a obrigação de cuidar de nosso próprio corpo e cultivar o zelo pelo nosso pequeno grupo (família e amigos). Não poderemos, entretanto, deixar de zelar pelo grande grupo (os colegas, os compatriotas, a humanidade). É um espectro amplo e muito rico, que obrigatoriamente inclui os cuidados com a nossa casa, nossa cidade e deve se esticar até às preocupações com o planeta.

O sentido da existência encontra-se, então, em estar de acordo com os valores pessoais e com as tendências naturais. E isto significa mais do que simplesmente curtir a vida. É viver bem essa vida, de forma a desfrutar da boa saúde, é lidar bem com as emoções e com os prazeres. É enriquecer a vida, tendo oportunidade de descobrir a beleza, o êxito, ou mesmo o poder. Entretanto, a vida será seguramente capenga se não nos envolvermos com paixão na vida social, se não nos encontrarmos



na convivência, se não procurarmos o conforto na tradição. É na vida social que teremos a oportunidade de oferecer e receber os atos que possam ser chamados de bondade. É lá que teremos contato com a ética. É lá que encontraremos o amor.

Finalmente, deveremos utilizar bem a inteligência, com a qual buscaremos o conhecimento e a sabedoria. Aí poderemos nos aproximar da verdade. Com a ajuda da inteligência, observaremos as contradições entre os valores e aprenderemos a fazer nossas escolhas.

Nos conflitos deve prevalecer o que contribuir para compor o todo e não a simples vontade. Se um dos valores for, por exemplo, ficar rico, isto não pode ser à custa de outros, contrariando, por exemplo, nossa natureza social. Com o intelecto guiando, ficará mais claro o que podemos desfrutar, o que devemos perseguir e o que precisamos evitar. Na priorização de alguns desses valores e no equilíbrio e harmonia de tudo isso está a vida boa, cheia de sentido.

A prova dessa hipótese não existe. Mas parece coerente. Qual o sentido da vida das abelhas operárias? Trabalhar muito pelo grupo, transportar néctar e pólen, construir favos, produzir mel, alimentar a rainha. Qual o sentido da vida da abelha rainha? Formar o grupo, ser mãe de todas as abelhas da colmeia. Qual o sentido da vida de um ser humano? Antes de tudo, manter a vida e procriar. Mas não é só isto, é também zelar pelo grupo todo, ser ético. Finalmente, exercer o livre arbítrio, não deixar que uma coisa atrapalhe a outra. Isto é o que determina a vida boa.

A pergunta “por que estou aqui?” pode trazer uma resposta frustrante, como: “estou aqui por acidente”, já que condições do universo criaram uma situação em que eu acabei sendo concebido e nasci. Por outro lado, se perguntarmos “o que devemos fazer para que a vida seja cheia de significado?”, poderemos responder em uma frase: Devemos nos manter dentro das variações de nossa natureza e nos aproximar dos valores que escolhemos.





HILTON GÖRRESEN



HILTON GÖRRESEN

Nascido em São Francisco do Sul, SC. É formado em Letras, pela atual Univille, com especialização em Língua Portuguesa pelo programa da UFPR.

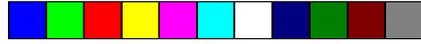
Aposentado do Banco do Brasil S.A., onde exerceu atividades na Direção Geral, em Brasília, como instrutor de cursos, redator e revisor de publicações do banco.

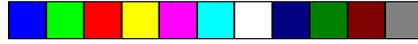
Foi, durante anos, cronista de "A Notícia", e de "Notícias do Dia", ambos de Joinville.

Tem publicadas diversas obras, entre elas São Chico velho de guerra – memórias de um francisquense e Por que matei Rocky Lane? e outros contos, além de colaborações em antologias e em sites na internet.

É atualmente cronista semanal do jornal "A Gazeta" de São Bento do Sul.

Membro da Associação das Letras e da Academia Joinvilense de Letras.





O HOMEM QUE GOSTAVA DE PÉS

Hilton Görresen

ANTÔNIO SE APAIXONOU PELOS pés da garota. Eram uns pés de tamanho médio, branquinhos, as unhas e as pontas dos dedos arredondadas. Quando ela esticava uma das pernas, de modo sensual, os pés se dobravam numa curva suave, voluptuosa. Atendia numa boate de segunda classe, registrada como dançarina. Se ele levantasse a vista, olhasse para o equipamento acima dos pés, veria uma mulher de modos vulgares, rosto redondo, nariz um pouco grande, corpo cheio, barriga com estrias.

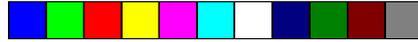
Passou a visitá-la toda semana. Deitava na cama e ela roçava com os pés todo seu corpo, começando de baixo, até vir parar em sua boca, onde engolia os dedinhos com sofreguidão.

Um dia, decidiu:

– Preciso tirar essa mulher da zona.

Trabalhava numa empresa de refrigeração, onde era técnico. Não ganhava mal. Morava numa casa alugada, no bairro Floresta; conservava-se solteiro, atualmente com 37 anos. Era alto, de corpo fino, cabelos já embranquecendo, coisa de família. Às vezes se pegava matutando: donde vinha aquela gama por pés femininos? Não podia ver mulher sem olhar primeiro para os pés. Detestava pés compridos e finos ou muito curtos, de unhas estragadas, e – ó abominação – com joanetes. Leu numa reportagem: essa tara era conhecida como podolatria. Atração mórbida por pés. Diferente de pedofilia. Havia alguns que se excitavam lambendo botas e sapatos; outros curtiavam crostas em solas dos pés. Era seu segredo mais escondido.

Pegou a garota e arrastou-a para sua casa. Ela teria tudo o que quisesse, do bom e do melhor. Podia se considerar sua



mulher. Teria aqueles pés quase perfeitos somente para ele.

Uma semana de sultão. Chegava do serviço, tomava seu banho, nem vestia a roupa; enrolado na toalha, refestelava-se na cama de casal que comprou e a esperava ansioso. Ela vinha balançando o corpo, num andar aprenhado no ofício; ele de olho nos pés flexíveis, nas curvas deliciosas da parte de baixo.

Depois da primeira semana, ela veio, dengosa:

– Benzinho, preciso contar uma coisa. Minha mãe ainda é viva, está sendo cuidada por uma família. Agora que temos nossa casa, queria que ela viesse morar com a gente.

– Por que não me falou isso antes?

– Você não perguntou. Disse que não lhe interessava nada de meu passado.

Dias depois, veio a velha, com seus trastes. A velha gostava de um trago, tinha que esconder suas bebidas. As despesas aumentaram: a velha só dormia com a luz do quarto acesa, consumia em três dias um rolo de papel higiênico (e enchia o penico, colocado debaixo de sua cama), comia como um operário, para o corpo seco e franzino. O dinheiro ia escasseando. Pra se consolar, pensava: não faz mal, agora tenho uma família. Não morro solitário. Pelo menos a velha não incomodava, ficava a maior parte do dia sentadinha em frente da TV, com cara de sofredora, padecimentos da idade. Ajudava na cozinha, pois a garota mal sabia fritar um ovo, desde jovem na vida torta.

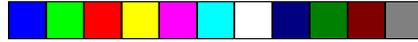
Com jeitinho, ela conseguiu que Antônio lhe desse um cartão de crédito. Aparecia com vestido novo, ele estranhava:

– Anda comprando roupa?

– Que nada, bobo, é vestido antigo, não se lembra dele?

Ele não se lembrava. O débito no cartão dela aumentava. O cartão pagou tratamento dentário, pagou autoescola, agora queria dirigir o “nosso carro”.

Um dia, quando chegava do serviço, ouviu barulhos na sala



de entrada: risadas, copos tilintando. Um marmanjo, de barba negra, estava à vontade no sofá, com uma latinha de cerveja na mão. Duas mulheres conversavam em voz alta, descontraídas, o cinzeiro repleto de guimbas de cigarro. Sua mulher e a velha serviam salgadinhos numa bandeja.

– Que festa é essa, posso saber?

– São visitas, benzinho. Este é meu primo, Augustão. As duas são ex-colegas. Estamos matando saudades.

– Tô vendo, tô vendo... E com minhas bebidas.

– É uma vez na vida. Deixa de ser sovina – disse carinhosamente.

Conseguida a carteira de motorista, reivindicou o carro para suas tarefas. Ele iria ao trabalho de ônibus, era mais prático, ela cuidaria do carro, um Honda Civic prata, com pouco mais de um ano.

– Toma cuidado. Dirige devagar. E não vai muito longe, a gasolina está cara.

– Não se preocupe, bem, só ando aqui por perto.

Chegava em casa e perguntava, para mostrar gentileza: Como foi seu dia?

Estranhou quando, certa vez, ela respondeu:

– Fiquei em casa o dia todo, preparando nosso ninho de amor.

Havia verificado a quilometragem do carro antes de sair, para controlar a troca de óleo, e agora, olhando por acaso, achou que marcava 30 quilômetros a mais. Seria engano? A memória não estava muito boa.

Uma tarde, voltou cedo do serviço, não se sentia bem, queimação no estômago. Ela o levou de carro ao médico. Bem vestida, perfumada, enormes óculos escuros; na direção do carro parecia madame. Parou na frente do consultório, ele desceu.

– Te deixo aqui, benzinho, e vou dar um pulo na butique da





Amanda. Preciso devolver umas peças de roupa. Quando sair, liga pro meu celular.

Ao entrar no local, a atendente, por trás do balcão e de enormes óculos coloridos, foi se desculpando: o médico foi chamado urgente no hospital. Que remarcasse consulta. Antônio meneou a cabeça, contrariado, a dor quase o sufocava. Sentou por uns momentos. Depois ligou para a mulher. Celular fora de área. Esperou uma meia hora na calçada, encostado à parede do consultório, estômago ardendo, cansaço nas pernas. Natural que bufasse palavrões. Como a mulher não desse sinal, ligou para a boutique.

– Oi, Amanda. Minha mulher ainda está aí?

– Não, ela não vem aqui faz tempo.

– Tá bom, esquece.

Pegou um táxi para casa. Ela estacionou na garagem depois de duas horas, serena, óculos sobre a testa.

Quando o viu, foi perguntando:

– Onde você estava, bem? Tentei telefonar várias vezes. Você não atendia.

– E onde *você* estava?

– Ora, na boutique da Amanda. Onde mais?

– Acho que não. Lá você não estava.

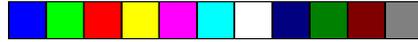
– O quê? Tá me vigiando? Tá desconfiando de mim? – disse furiosa. A placidez das feições se desmanchou, o círculo esverdeado dos olhos se crispou friamente.

– Não estou vigiando. Diga simplesmente onde estava.

– Não digo. Não admito que desconfiem de mim.

E ficou por isso. Antônio não jantou, foram dormir separados. No outro dia, um pouco melhor, foi trabalhar com o carro. Estava com uma pulga atrás da orelha, como se dizia. Uma pulga do tamanho de uma barata. Saiu do serviço e entrou num bar. Numa mesa de canto, sozinho, pediu uma cachaça, para destravar o





entendimento. O aparelho de som rolava uma música de Leonardo. A cabeça girava. Confiar ou não confiar? Afinal, não era bobo. Ali tinha coisa... tinha coisa.

Quando voltou para casa, ela estava fazendo as malas. Tinha entrado ali com uma malinha modesta, saía com três malas cheias de roupas. Felizmente a casa era alugada, senão ia se incomodar com briga judicial, pensou.

– Não posso ficar mais aqui. Com essa desconfiança tola, não tem mais clima.

– E para onde você vai, posso saber?

– Não interessa. Eu me viro.

A velha desconsolada, sentada na poltrona. Voltar para onde?

Um táxi buzinou na porta. Ainda ficou parada, como se esperasse dele alguma reação. Dando oportunidade de implorar que ela ficasse.

Manteve-se calado, olhar duro. Ela então se apurou e saiu de cabeça erguida. Tirou da bolsa um ursinho de pelúcia, regalo dele recebido, e o arremessou no chão, firmando a concretude do rompimento:

– Pegue essa porcaria. Nunca gostei dele.

A velha ia atrás chorosa. Disse adeus, seu Antônio.

Sentou na poltrona, pegou a garrafa de gim, que não precisava mais esconder, encheu um cálice. Que me importa! – pensou, enquanto virava de um gole seu cálice de gim. Há um tempo já andava de olho na nova secretaria da empresa: tinha uns pezinhos...

UMA QUESTÃO DE NOME

QUANDO O MENINO NASCEU, vendo-o no berçário, a tia coruja exclamou maravilhada: Ah! Que lindo! Emocionada, a mãe do garoto resolveu adotar o estranho nome: Aquelindo.





Um nome porreta!

Seu Venâncio do cartório era um homem sério, compenetrado, de óculos acavalados no narigão vermelho. Perguntou o nome do garoto.

– Aquelindo Veloso.

O velho tirou os óculos com a mão esquerda, desenhando com eles uma interrogação no ar:

– Como?

A mulher repetiu o nome, separando bem as sílabas.

– Deixa de brincadeira, dona. Isso aqui é um órgão sério.

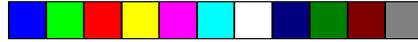
A mãe bateu o pé, era nome escolhido, pensado e repensado.

Quando Aquelindo cresceu, seu físico começou a destoar do nome. Era pequeno, tímido, testa alta, óculos enormes de aros pretos, sempre escorregando do nariz diminuto.

O pai havia abandonado a casa antes do garoto nascer, enrabichado numa artista do circo que havia permanecido longas semanas na cidade. Era eletricista, foi chamado para resolver problemas com as luzinhas que brilhavam na fachada da grande lona, em redor de uma cara de palhaço azul e vermelha. Consertou as luzes, mas acabou levando choque quando viu a bela equilibrista, de shortinho e sapato alto. O coração deu um pulo, se desequilibrou dentro do peito. Sozinha, a mulher se defendia costurando para o pessoal do bairro, um rebaixo de bainha, uma costura nos bolsos, um ajuste naquele vestido antigo...

O filho único era sua esperança num futuro melhor, mais confortável. Era organizado, bom estudante. Com os pés no pedal da máquina de costura, zap-zap, ela sonhava, sonho era de graça. Um nome bonito, que soava tão bem, não era para ser desperdiçado: Aquelindo... A-que-lin-do...

Empurrava o filho para festinhas com som de eletrolas, apresentações na escola, grupinhos mistos de jovens. E queria ouvir o que ele achava? A enorme timidez e o porte desajeitado



não o deixavam à vontade nesses eventos. As meninas o ignoravam, os rapazes o deixavam de lado.

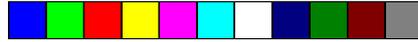
A mãe não dispensava suas novelas, à noite, chuleando uma barra de vestido diante da TV. Apostando no retumbante nome do filho, insistia no seu sonho: artista de televisão, no mínimo um Francisco Cuoco a contracenar com Regina Duarte, a namoradinha do Brasil. Ou quem sabe um Rock Hudson. As mães costumam achar que seus desejos podem determinar o futuro dos filhos. Projetam neles o ideal que nunca puderam alcançar.

Diante dos belos protagonistas da novela, dos feitos quase impossíveis de James Bond, para Aquelindo só havia lugar no mundo para as pessoas bonitas, fortes ou poderosas. A beleza das meninas o atemorizava; lá vinha um bando delas, alegres, coloridas, cabelos soltos, olhos vivazes, e ele cabeça baixa, olhar no chão, como se fossem estrelas brilhantes que lhe ofuscassem a visão.

Que fazer senão refugiar-se nos devaneios? Em seu quarto, após os trabalhos escolares, recostado na cama, era o agente da lei dizimando o bando de mafiosos, enfrentando perigos inimagináveis, para ao final desfrutar a intimidade de belas mulheres. Ou o intrépido astronauta vagando pelo espaço como fosse de carro até a esquina.

Na Copa do Mundo, reserva na seleção, ninguém punha fê nele. Entra em campo nos últimos instantes e faz o gol da vitória. Brasil campeão. A torcida enlouquece. Ele corre pelo campo planando feito um avião. Todos gritam seu nome em uníssono, de pé. Arrepiava-se todo. Sentia o corpo vibrar. Os olhos úmidos de emoção. Certamente, Doroti, a menina mais bonita de sua escola, o estaria assistindo.

Adulto, conseguira um empreguinho de auxiliar de contabilidade. O contador, seu chefe, era exigente, arrogante. Humilhava-o com reprimendas constantes. Era daqueles que se dobrava até o chão diante dos diretores, mas, para compensar, tratava os subordinados como fossem aquela poeirinha diante de seus olhos, que urgia ser espanada.



Em contraponto aos maus momentos, à carga humilhante depositada em seus ombros frágeis, ao pouco caso dos colegas, Aquelindo, em casa, arriava o cansaço numa poltroninha de palha com encosto de espuma, deixada pelo pai, tirava os grandes óculos, esfregava-os lentamente com um pano, depois fechava os olhos e continuava incendiando o rastilho dos sonhos.

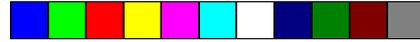
Caso amoroso apenas com as grandes estrelas da TV ou com alguma socialite de nome badalado. Mulheres lindas, charmosas. Eram os momentos em que verdadeiramente vivia. Quando as imagens sensuais eram fortes, nítidas, uma perna morena, uns lábios entreabertos, dirigia-se ao banheiro para satisfazer o corpo.

E assim seguia ele, ora salvando a lavoura nacional, ora liquidando, num golpe magistral, a dívida externa.

A mãe havia morrido há uns três anos. No enterro quase faltou gente para carregar o caixão (o pai nunca mais apareceu). Debruçou-se sobre o rosto tão maltratado, os dedinhos com furos da agulha, pedindo perdão por não ter sido o que ela desejava. As lágrimas rolavam como água fervente em seu rosto, iam salgar os lábios ressecados, chorando pela mãe e por ele mesmo.

Permaneceu sozinho na casa antiga, meia água, com cerca de madeira e pequenos arbustos ao redor de um passeio estreito, de tijolos enegrecidos, que conduzia à porta da frente. Com a ausência da mãe, passou a se alimentar mal; comprava pão, queijo, produtos embutidos, e fazia suas refeições em casa, à noite, acompanhadas de uma xícara de café. Embrulhava o resto do pão, jogava água na xícara e ligava a TV. Magro, quase desnutrido, andava pelas ruas como se escondendo, colado às paredes, com o mesmo terno surrado, esvoaçando no corpo como uma bandeira solta ao vento.

Com o tempo, foi se afundando nos sonhos, em substituição à sua vidinha sofrida. Já se tomara conhecido no país e até no exterior, a grande imprensa substituíra seu nome pela sigla AV. Não se acordava no mundo sem ouvir já de manhã alguma notícia importante vinculada ao famoso AV.



Ia para a cama com seus devaneios e acordava com sua realidade de pequeno empregado, horas e horas arquivando e desarquivando documentos, sempre interrompido pelo chefe em sua imensa mesa dominadora.

Um dia começou a faltar ao serviço. Quase semana sem comparecer. O chefe bufava:

– Que terá acontecido com esse bosta? Tá querendo perder o emprego?

Mandaram um contínuo verificar se estava vivo. O homem chegou pisando em folhas caídas no quintal, úmidas da chuvinha no dia anterior. Bateu à porta. Ninguém atendeu. Rodeou a casa: janelas fechadas, nenhum barulho. Será que tinha mesmo se finado? O chefe chamou os bombeiros, que arrombaram a porta. Dentro da casa encontraram um fantasma, esquelético, sujo, as unhas das mãos compridas, cabelo desgrenhado.

– Como ousam perturbar-me aqui no palácio? – enfrentou-os com a voz agressiva.

Os homens entenderam. Foram se aproximando, cautelosos.

– Venha, senhor. Está tudo bem. Vamos levá-lo a uma audiência com o seu povo.

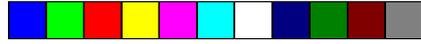
Com cuidado, o conduziram até o carro, a caminho do sanatório. Foi com a cabeça erguida, olhar arrogante, pois não era o rei?

MEU QUERIDO HÓSPEDE

ERA POR POUCO TEMPO. O primo da mulher, viúvo, havia tido um infarto. Morava sozinho numa pensão e resolveram, não sem alguma discussão, hospedá-lo em sua modesta casa até que pudesse se recuperar. “É só por uns dias, Juve. É meu único parente vivo.”

Já estava ali há cinco anos.





No início, veio cheio de rapapés, não queria incomodar. Não é incômodo, falou a mulher. Parente é pra isso mesmo. Adaptaram uma salinha, que o marido usava de escritório, uma cama, cabideiro, ventilador.

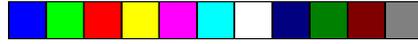
Já se tinham passado três meses. “Logo que conseguir um lugarzinho com certo conforto, deixo de incomodar vocês”.

Mas aí ficou desempregado. Desgraça pouca é besteira. Até hoje não se sabe por que foi despedido da prefeitura, onde trabalhava como auxiliar de tesoureiro. Já não era jovem, tinha chegado aos 50 anos, uma calva pronunciada, sobrancelhas bastas sobre os olhos escuros.

Fique mais um pouco, a casa é sua, diz a mulher. Mas sua presença começou a pesar no bolso. Não era de comer pouco. Seu prato era uma montanha com saliências de carnes e saladas, molhos escorrendo pelos flancos. À tardinha avançava na geladeira, acabava com as sobras de comida que – esperavam – ficariam para o jantar. Para acalmar as bichas, justificava. Às vezes, trazia da rua um pão caseiro debaixo do braço. Meus últimos tostões, sempre dizia. Para deixar “em banho-maria” a compaixão do casal, se atirava num sofá e massageava o peito com expressão sofredora. Que houve, não está se sentindo bem? – perguntava a mulher. Não é nada prima, é só uma dorzinha incômoda. Já vai passar.

Quando não tinha nada a fazer, e era quase sempre, reunia os dois filhos do casal e lhes contava histórias de sua mocidade, que, por coincidência, eram muito semelhantes às narrativas de Júlio Verne. Os meninos passaram a considerá-lo herói (O pai só conhecera a vidinha monótona de funcionário subalterno). Obedeciam-no como se fosse um coronel. Chegava em casa fatigado de suas andanças pelos bares, em conversas e discussões políticas com amigos, jogava-se no costumeiro sofá e os meninos corriam a lhe trazer os chinelos de couro. Então os dispensava com um afago na cabeça. Dava um suspiro profundo, alongava os braços com as mãos trançadas e deixava cair as pálpebras sobre os olhos.





A prima, uma mulherzinha mirrada, paciente, lhe arrumava a cama, lavava e passava as roupas, com o rádio ligado, cantarolando:

Madalena, o meu peito percebeu

Que o mar é uma gota, comparado ao pranto meu...

Amava Elis Regina. Quando jovem, queria ser cantora. Bons tempos. Agora, as mãos grossas, avermelhadas.

Deixava o café preparado na mesa, pois o primo costumava acordar mais tarde. Às vezes ele comentava:

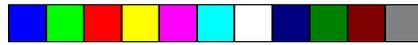
– Pena que os primos não têm um espaço maior para minhas quinquilharias, aquele quartinho já anda me sufocando.

Juvêncio trabalhava num órgão público. Era um homem baixo, atarracado, peito cabeludo, mas de olhar manso, voz monótona. Insípido como um refrigerante sem gás. Seu paletó vivia manchado de suor nas axilas. Fazia horas extras para dar conta das despesas mensais. A conta de alimentação era alta, assim como a de luz. O “hóspede” costumava ficar vendo televisão até madrugada; ficava dormitando debaixo do chuveiro, a água morna resvalando pelo corpo.

Um dia, começou a receber amigos em casa. Entravam dois ou três, sem cerimônia, puxavam cadeiras, perguntavam em voz alta se havia bebida. Ele chamava os meninos e os fazia servir o licor de jabuticaba que Juvêncio guardava ciosamente para visitas especiais. Não para vagabundos daquela espécie. Escarrapachavam-se nas cadeiras, ao redor da mesinha de sala, coçando as partes, prontos para o carteado.

Juvêncio recriminava a mulher pelo belo estrupício que havia arrumado. Se a pessoa cede um naquinho de queijo, depois fica difícil recusar outro tanto; quando vai ver já entregou o queijo todo. Devia ter sido firme no início. Peixes e visitantes fedem em três dias, diz o ditado.

– E mais essa, agora! Se apossou de meu escritório, me tirou o respeito dos filhos e agora avança na minha bebida. Mais essa agora! E me traz essa corja de chupins como ele. Um dia o



tonel transborda. Coloco ele pra fora!

– Paciência, Juve, paciência... Um dia ele se arruma na vida e vai embora, se Deus quiser.

– Mas primeiro precisa encontrar aquilo do qual vive se escondendo: trabalho.

– Ele tem saúde delicada. É muita responsabilidade...

– Saúde delicada? Vai nessa... Desconfio que seu coração funciona melhor do que o meu.

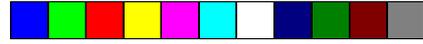
Juvêncio detestava entrar em conflitos. Ficava nervoso, estressado. Sua valentia era só para uso interno, diante da esposa. Reclamava, reclamava, mas preferia esperar que as soluções caíssem do alto.

De irritado, uma hora teve altercação com um colega de serviço.

– Ora, você não manda nem em casa. Aqui vai querer cagar grosso.

Isso bastava para todos entenderem. Os funcionários, ao redor, aprovaram o dito com um risinho disfarçado com a mão sobre a boca. Ficou mudo e pálido. Estava cara a cara com sua fraqueza, sua frouxidão. Sentiu-se mal, o estômago revirado. O gerente recomendou que fosse para casa. Suprema humilhação. Para chegarem ali, seus “problemas domésticos”, como os designava, deviam ter passado por várias bocas e ouvidos. Sua vida particular rolava pelas ruas. Sentia isso no olhar de cada transeunte. Sua vergonha no riso da vizinhança.

Foi pela rua de cabeça baixa, quase cambaleando. Vontade de se jogar num poço sem fundo, só caindo, caindo, deixando tudo para trás: vergonhas, problemas, incertezas... Era uma pulsão que tinha desde jovem. Como seria um poço sem fundo? Mas tinha que resolver a questão. O intruso teria que sair por bem ou por mal, doente ou não. Ia expulsá-lo. Recuperaria sua dignidade.



Chegou em casa tremendo, suor abundante nas axilas. Foi ao banheiro, deu uma urinada, passou água no corpo, borrifou desodorante sob os braços, tudo muito lentamente, como retardando o momento inevitável. Chamou um dos filhos:

– Vá avisar seu tio que desejo lhe falar urgente, aqui na sala.

Sua cabeça girava. O ódio que sentia era contra o parente ou contra ele mesmo? Seu erro foi não ter lhe cortado as asinhas desde o começo. Deixando-o morder o queijo até achar que o queijo era seu. Agora sabia, o ódio era contra ele mesmo. Ele é que era o bocó, o molenga, sempre foi assim. Sempre evitou encarar essa verdade.

O homem o fez esperar minutos. Veio descontraído, de roupão estriado e chinelos.

– Pronto, primo! Qual é o assunto tão urgente?

Não conseguia encarar o outro. O que dizer?

– Fala, primo. Qual é o assunto?

Agora não podia recuar. Encheu os pulmões de ar e largou, num ímpeto, antes mesmo que o outro pudesse sentar:

– O senhor não pode mais ficar aqui. Arrume suas coisas e vá procurar outro lugar.

As grossas sobrancelhas se ergueram, os lábios se entreabriram maquinalmente, um baque dentro do peito. As palavras de Juvêncio pareciam vir de um estranho.

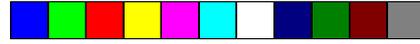
– Mas primo...

– É minha última palavra. Quem manda em minha casa ainda sou eu.

Viu-o sair curvado, as feições desfeitas, malinha nas mãos. Voltou-se na porta:

– Adeus, primo. Despeça-se das crianças por mim.

Ficou observando-o, o coração pesado, até que sumiu na primeira esquina.



O IRMÃO FANTASMA

O DINHEIRO DA APOSENTADORIA era pouco, mas chegava para sobreviver, viciado no café preto, forte. Remédios, pegava na farmácia, no programa do governo. Permaneceu a vida toda na casa herdada dos pais, castigada como ele, precisando de reparos. Na parede de pintura descascada, ainda a moldura com o retrato dos pais, abraçados e sorridentes; ele, menino, no meio dos dois. Parecia-lhe que se deitara para dormir na infância e acordara com esses cabelos branquinhos, já se tornando ralos, o corpo alquebrado.

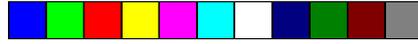
Desde pequeno perguntava por que não tinha um irmãozinho. O casal havia planejado apenas um filho, a situação não estava para criar mais um pimpolho. Mas isso era problema de adulto. Ele insistia, não compreendia essas coisas. Ficava trancado em casa, brincando sozinho, sair à rua era perigoso. Às vezes era o herói do faroeste, dava tiros em inimigos invisíveis; enfrentava monstros, seres de outro planeta. Chutava bola na parede da sala. Rolava carrinhos em miniatura nos braços das poltronas. Cansado das brincadeiras, entediado, ia à geladeira tomar capilé de framboesa. Menina não queria, menina só brincava de casinha e de boneca.

Na base da brincadeira, o pai inventou um irmão. “Você tem um irmãozinho, sim, o Juquinha”. O Juquinha nunca estava onde ele estivesse. Sempre que perguntava, o Juquinha estava na escola. O Juquinha era um bocado envergonhado. Estava quase sempre escondido.

Juquinha era uma criança-modelo, educada, estudiosa. Servia de parâmetro para avaliar seu comportamento: o Juquinha não deixa os brinquedos no chão. O Juquinha faz a lição da escola direitinho. O Juquinha não fala palavrão. O Juquinha não suja a roupa. No Natal, só o Juquinha é que vai ganhar presente.

Quando ele insistia, o pai chamava: Juquinha! Juquinha! Juquinha respondia com um barulho semelhante ao ranger de





uma porta, ao arrastar de uma cadeira ou ao barulhinho de chuva. “Olha só, ele está tomando banho”.

A avó se condoía:

– Vocês não deviam enganar o menino. Vão pensar que ele é maluco.

Mas a coisa estava feita. Era divertido enganar uma criança inocente. E o Juquinha já era uma presença instalada na casa. Era conhecido dos tios, que chegavam perguntando por ele. Quando traziam presentes, diziam: este é para o Juquinha que ficou bonzinho.

Por um bom tempo, acreditou na presença do Juquinha. Muitas vezes, chegava a ter raiva dele. Guri estranho, ficava quietinho em algum lugar da casa, não dava um pio, não brincava. Juquinha talvez fosse um duende, tão pequenininho que não conseguia vê-lo sem os óculos mágicos.

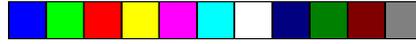
Um dia, quase conseguiu flagrar o estranho irmão. Estava sozinho no quarto, no comecinho da noite, quando ouviu um barulho na cozinha. Os pais estavam em seu quarto, sabe-se lá o que fazendo. Saiu de baixo da coberta, calçou os chinelos e foi devagarinho até o local do barulho. Quando acendeu a luz, ficou cara a cara com um enorme gambá, paralisado pela claridade, que arreganhou a bocaça, ameaçador.

Era, agora, solitário como um pássaro preso em gaiola, um pássaro de asas rotas e secas, de cujo bico só podia sair um canto ensurdecido e melancólico. Foi casado faz muito tempo, não lembrava bem se a mulher tinha morrido ou o havia deixado. As mãos tremiam, os dedos amarelos de fumo. Ultimamente deixara o cigarro, conselho do médico do SUS:

– Se não parar de fumar, seu Orestes, vai agravar o problema cardíaco.

Que droga, o cigarro era sua única alegria, depois de uma paradinha de café.





Não saía mais de casa nem mesmo para o jogo de dominó na pracinha. O esforço de subir escadas produzia cansaço em excesso. Dor intensa no peito. Os outros velhos da praça eram parceiros ocasionais, talvez não lhe soubessem ao menos o nome. A eles, não faria falta sua ausência. Parceiros de jogos havia muitos, aguardando ao redor das mesinhas de pedra, especulando as jogadas.

Já se perdera nos arredores, tentando localizar a padaria. Não mais reconhecia lugares por onde sempre havia passado. Tiveram que conduzi-lo à casa. Sentia mãos lhe segurando o braço, os ombros, nada entendia, a cabeça oca, e se deixava levar. Às vezes se largava no velho sofá, parado, olhando para o teto, os cabelos em desalinho, boca exalando forte hálito de café. Tentando vislumbrar résteas do passado longínquo por entre os destroços da mente. Programas de TV já não o atraíam; mal ligava o aparelho, já estava ressonando, um ronco grosso, os chinélos de pano largados no assoalho.

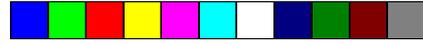
Para não passar fome, ligava para o mercadinho (era o único número que sabia) e lhe traziam o pão, café, ovos e comida enlatada. Os pratos sujos ficavam dias abandonados na pia.

Era como se não estivesse mais instalado em um mundo real. Então, o final de vida era isso?

Teve vontade de tomar uma cerveja. Seu único objetivo na vida, agora, era tomar uma cerveja gelada. Dane-se o resto. Pegou a garrafa há tempo perdida na geladeira. Deu umas batidinhas com o abridor em cima da tampinha; não sabia qual a utilidade disso, mas era um costume antigo. Derramou o líquido espumoso no copo. A bebida entrou refrescante em sua garganta, estalou a língua. Prazer solitário. Sentado à cabeceira da mesinha de madeira, a cabeça começava a pesar, o coração parecia crescer, áspero.

Então bateram à porta. Era um senhor, vigoroso ainda, bem vestido, tinha um jeito familiar.





– Te arruma, meu velho, vim te buscar.

Percebeu na hora: era o Juquinha.

– Juquinha, finalmente! Onde esteve escondido todo esse tempo, seu sacana? – falou com a voz enfraquecendo e capotou no chão, sem vida.

LIBERTÊ

NÃO ERA A PRIMEIRA VEZ QUE o circo Salamanca vinha à nossa cidade. Mas na última vez, era eu ainda um pirralho e só me impressionavam as luzes vermelhas que dançavam no picadeiro, as músicas da banda, que aumentavam a ansiedade da espera. E naturalmente as palhacices do Chichico, com seu narigão vermelho, a roupinha suspensa por uma corda e o cãozinho Biriba, que ele trazia preso por uma fita amarela.

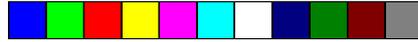
Agora, meu interesse se voltava a outras paragens. Ela vinha com um vestido preto colado ao corpo, um naco de coxa aparecendo, os cabelos negros escorridos e um olhar mortal. Diretamente da França, dizia o apresentador. A música começava suave, facho de luz passeavam pelo palco, até incidirem em cima dela; agarrava o microfone como se abraçando um amante, levava-o aos lábios vermelhíssimos, e cantava com voz rouca:

Et maintenant, que vais-je fairrre.

De tout ce temps que serra ma vie...

Quando ela rolava os rrr, parecia uma serra a me atravessar o corpo. Libertê. Queria dizer Liberdade.

Quando me trancava no banheiro, ficava imaginando a cantora nuinha, sem aquele vestido escuro, os peitos brancos, leitosos. Ela se colava em meu corpo, passava os braços ao redor do meu pescoço, lambuzava meus lábios com a boca gulosa. A



periquita de uma francesa seria igual à daquelas mulheres pentelhudas das revistas?

Aquilo se tornou uma obsessão, uma coisa que me transtornava a cabeça. Paixão de jovem. Andava avoado, sem me fixar em nada, sem paciência para me sentar à mesa com a família. Minha mãe notou isso.

– Nada, mãe. É só problemas no estudo.

Precisava ver a cantora de perto, falar com ela, se minhas pernas não tremessem na hora. O que me atraía nela era o mistério, a sedução de um corpo que se entremostra, o sotaque estrangeiro, quente, o andar de gata quando entrava no palco. Mas como me aproximar dela?

Lembrei do Jaiminho. O pai do Jaiminho era caseiro do Dr. Antunes, dono do terreno onde estava montado o circo. Ele é que administrava o terreno, tratava com os locatários, recebia os valores. O Jaiminho tinha acesso livre ao circo, fazia pequenos favores aos artistas, ia comprar cervejas, cigarros...

Procurei o Jaiminho e fui fazendo rodeios, comendo o mingau pelas beiradas do prato:

– Jaiminho, você tem falado com o pessoal do circo?

Ele, orgulhoso:

– Tô lá todo dia. Conheço um por um.

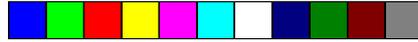
– E a cantora?

– A dona Libertina? Vejo ela sempre.

– Não é Libertina, seu asno. Libertê, nome francês.

– O nome não interessa, vejo ela todo dia, fumando um cigarro com piteira, soprando as fumaças pro alto, depois do ensaio. O Chichico...

– Não me interessa a porra do Chichico. Me diz, você vai lá hoje? Posso ir contigo?



Ele fez charminho, mirou um tempão a ponta do tênis, até que concordou.

Isso foi de manhã. À tarde fui à aula, voltei pelas cinco horas, tomei banho e me arrumei como para um encontro com a namorada. Calça jeans, camisa domingueira, tênis limpo, desodorante, gel nos cabelos. Deixei o arremedo de barba que me despontava no rosto.

Era uma segunda-feira, não havia sessão no circo. As cores da tarde escorregavam suavemente do céu como tintas derramadas. Alguns artistas estavam reunidos no terreno, ao lado de um trailer pintado de azul e vermelho, com frases de propaganda. Um careca curvadinho, de bermudas, sentado num banquinho de madeira, me pareceu ser o palhaço. Um altão sem camisa, que não pude reconhecer, dava risadas altas. O pessoal se divertia. Tive vontade de pertencer a esse mundo de magia e companheirismo. Onde estaria a cantora?

Tudo estava calmo, os poucos sons da cidade haviam se extinguido. Perto dali havia um ponto de trole, condução tradicional puxada por cavalo, que ainda existia no local. Vez em quando um dos cavalos bufava, os cocheiros tossiam, reclamavam do dia parado. Atrás do trailer uma mulher gorda tirava de um varal improvisado algumas roupas coloridas.

Da porta do trailer surge uma mulher com o cabelo cheio de papelotes, surradas havaianas cor de rosa, olhar cansado, veias azuis se estendendo pelas pernas, como os afluentes de um rio.

– Porra, Eurides, mexeram de novo nas minhas pinturas. Se eu pego essa f.d.p., que eu sei quem é, dou um lanho de canivete naquela bunda seca.

Reconheci a voz. Era ela. Uma torrente de água fria pareceu jorrar sobre minha cabeça. Olhava com horror, talvez asco, para aquela mulher estranha. Libertê uma ova. Como seria seu nome verdadeiro? Emendina? Risoleta? Comecei a pensar em diversos nomes que me desagradavam, para colá-los nela. Onde estava

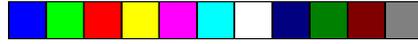


seu mistério? Nos olhos de sonâmbula, nas pernas estriadas de varizes? Na baixaria da linguagem?

Sem mesmo uma explicação para o Jaiminho, saí dali, mãos nos bolsos, cabeça baixa. Acendiam-se as luzes dos postes. A rua deserta.

Primeira desilusão na vida. E a desgraçada nem francesa era.





CARLOS ADAUTO VIEIRA



CARLOS ADAUTO VIEIRA
nascido em Lages (SC) a 26 de março de 1933, aos dois anos já estava em Floripa, onde viveu, estudou e aprendeu a escrever com a picardia dos Manézinhos.

Começou a advogar em Joinville em 1957 e escrevendo para os jornais locais.

Presidente do Conselho Municipal de Cultura de Joinville durante dezesseis anos, foi co-fundador da Academia Joinvilense de Letras, do Grupo Cordão, em cuja revista escreveu em todos os números. Colaborou na criação da Feira de Arte e Artesanato, no Festival de Dança, no Clube do Cinema, Criou e foi seu primeiro presidente da Associação Catarinense de Escritores.

Incansável na dedicação à Feira do Livro, conseguiu

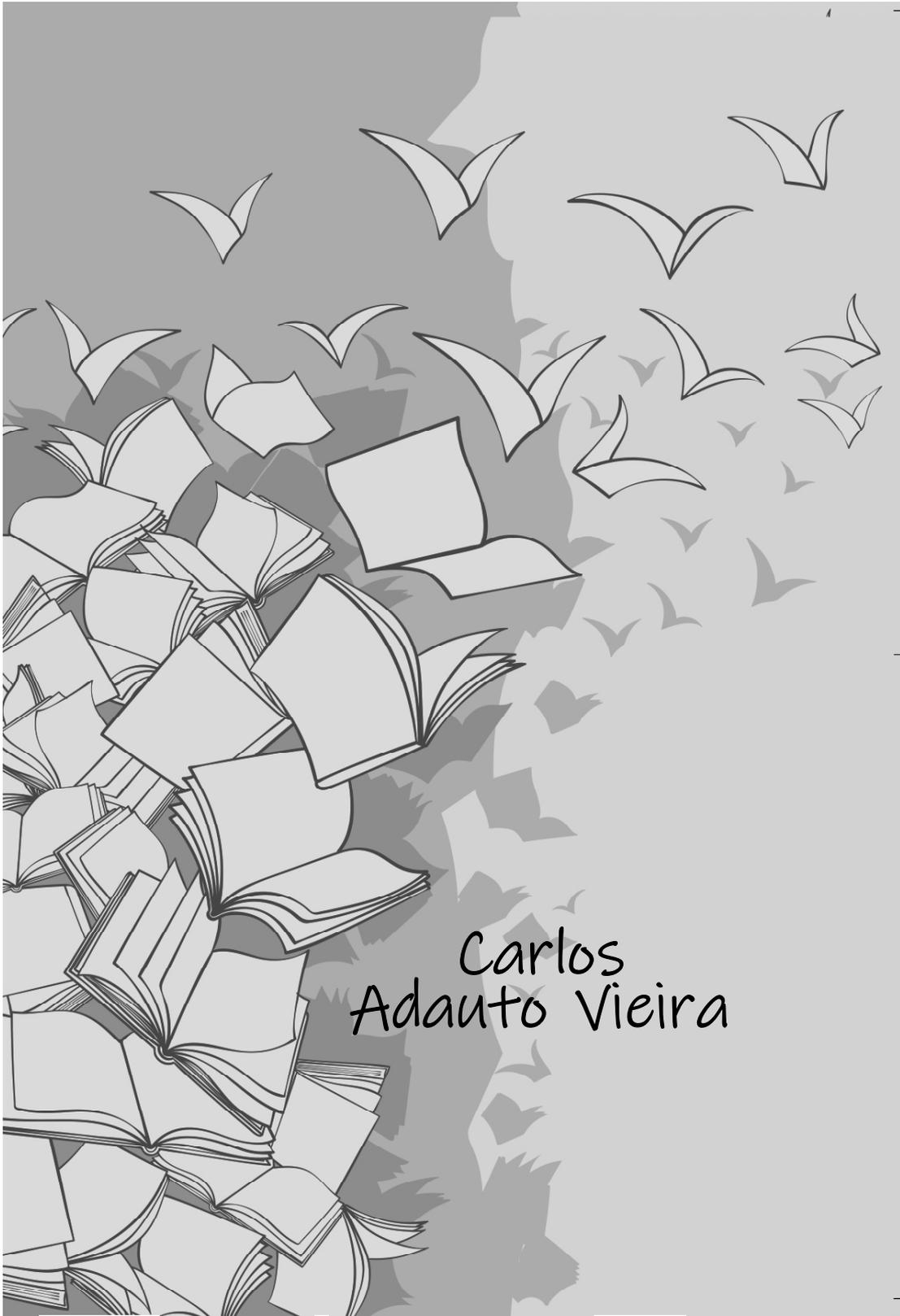
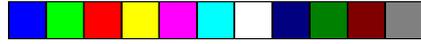
realizá-la há dez anos atrás com o precioso concurso de sua amiga Sueli Brandão. Motivo da sua eleição para Presidente de Honra do Instituto Feira do Livro de Santa Catarina.

No período, publicou quatro livros – Aos domingos, cônica; Crônicas, Europa sem programa; Saborosas histórias de Charles D'Olénger; além de matéria esparsa em revistas e coletâneas literárias, ganhando alguns prêmios literários.

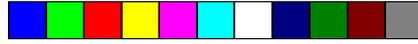
Por força da pressão da ditadura de 64, adotou o pseudônimo de CHARLES D'OLENGER, lutando contra ela.

Fundou a Academia de Letras e Artes (ALASFS), São Francisco do Sul, de que é Presidente de Honra, Vice-Presidente.

Cronista do jornal A Notícia há sessenta anos. Como advogado e jurista, escreveu teses sobre direito, sendo a principal delas, aprovada na XI Conferência Nacional da OAB, Advocacia prerrogativa constitucional, que se tornou o artigo 133 da atual.



Carlos
Adauto Vieira



CREMATÓRIO, STREETDOGS, URNAS

Carlos Aduino Vieira

INACREDITÁVEL – diziam e repetiam os velhos policiais. Como pode um cérebro humano ser tão frio? Mas se esquentam com o lucro fácil. E de que crime poderão ser denunciados? Haverá previsão no Código Penal? Ou será invocada analogia. Talvez com violação de sepultura. Mas o morto nem foi enterrado; foi entregue para ser cremado.

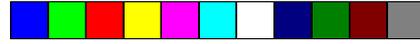
Vamos aos fatos.

Alguém, com algum capital, monta um crematório. Na sua publicidade, anuncia preços inferiores aos dos já estabelecidos na praça. E, ainda, com a possibilidade de as cinzas serem guardadas em urnas artisticamente expostas em lugar visível. Pode parecer exibição, mas, se enterrado, há a obrigação de um túmulo ou jazigo perpétuo familiar, via de regra em mármore e bronze. Muito mais dispendioso. Tudo muito bem pensado. Boa cabeça!

Sabem, os italianos têm um ditado que é mais ou menos assim: *Il diavolo no oculta il rabio...* Mea nona repetia e repetia para a gente não cometer burrice. Ser desonesto. O outro replicou: a minha repetia que “um dia a casa cae”. É a mesma coisa. E o delegado interveio: problema do promotor. A nossa parte fizemos. O Ariovaldo, com seu nariz de Sherlock, foi atrás do cheiro certinho. Parabéns mais uma vez, companheiro! Mais tarde conta como foi a tua campana. E já foram presos todos da quadrilha.

Conto, sim. É confiar, desconfiando. Tenho para mim que ela tem ramificações e grandes. Até internacional. É muita grana fácil. Quase como a da droga. Vamos a um café? Quem paga hoje? Menos o nosso Sherlock. E com bolinhos de chuva...

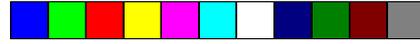




Sentados e atendidos pela garçonete solícita, o Delegado pediu que o Sherlock contasse a sua tática.

Conto – disse, mas é segredo. – Fui ao funeral de um amigo nosso, de família. Resolvi seguir o carro fúnebre ao crematório que, até, e bem localizado. E a vizinhança, segundo investiguei, me disse que não se ouve nem um barulhinho, nem se sente um cheirinho. Tudo com o máximo de cuidado. Após a viúva ter recebido a urna e a beijado com lágrimas, pedi para examiná-la, a pretexto de que nunca vira uma. Não só a vi; examinei-a. E descobri uma falhinha na marca e na origem. Calei-me. Era o rabo do diabo... Depois que todos se retiraram, resolvi dar uma voltinha nos fundos do crematório. Impecável! O alto forno, os tubos para água; o depósito para as cinzas que vão automaticamente para a urna. O depósito das urnas; o mostruário de caixões. Bem ampla a construção, com as divisões para cada etapa da cremação. Por uma porta aberta, nos fundos, vi um enorme canil com cães de rua. Enormes, bem alimentados. São muito fiéis. Então chegou uma van com mais cachorros de rua. Por que e para quê? Fui dar uma volta no quintal e encontrei as roupas e sapatos do cremado em armários. Ternos pendurados. Sapatos engraxados. Sempre pensei que se queimava tudo. Afinal, o defunto já vinha pronto do velório. Roupas e sapatos deveriam ser cremados. Foi a minha segunda desconfiança. Os cães; agora, as roupas. Quanta despesa inútil. Para a cremação eram pedidos terno em bom estado e sapatos, igualmente. A desculpa é que, assim, não precisaria mudar os trajes após o velório. Mas não vi restos dos ternos, nem dos sapatos cremados. Nem devolução das roupas. Terceira suspeita. Deveria haver um lixeiro próprio. Seriam as cinzas encomenda? Chegou outra van e o seu motorista perguntou se a encomenda estava pronta. Que encomenda, meu Deus, perguntei-me. Fiz de conta que me retiraria e de um lugar discreto assisti o traslado – digamos assim – do corpo pelado. Mas inteirinho. Não quis fazer o flagrante. Havia, ainda, algo a ser descoberto. Para onde iria o defunto sem roupa? Ser enterrado novamente? Jeito? Segui a van. Foi





direto a uma fazendola de horticultores orientais. E estes colocaram o defunto em uma forma de cimento e o cobriram com terra forte. Faziam com postagem! Como a gente faz em casa. Por isto as roupas e sapatos estavam tão conservados. Deveriam ser vendidos. E os cães de rua bem alimentados forneciam as cinzas para as urnas; e as urnas eram encomendadas em uma cerâmica próxima. Excelente maneira de ganhar dinheiro sem suspeita, não?

Um outro comissário, também famoso pela perspicácia, fez a pergunta: e as roupas e sapatos, meias, cintos, suspensórios e outros penduricalhos? Brechó? Dois dias mais para mim responder a estas perguntas. Brechó? Outlet finíssimo com 20 por cento de desconto... A dinheiro, mais 5%...

SOGRICÍDIO NO BAGAGEIRO

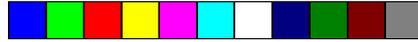
– DE JEITO NENHUM ESTA VELHA bruxa vai conosco...

– Mas é pra cuidar das crianças; nós não temos babá – e esposa começou a chorar, chamando a atenção dos demais condôminos na ampla garagem do condomínio Udine.

– Se for, acabo com ela, se der um palpite furado... Um só que seja.

A esposa calou-se, buscou a mãe no banco detrás e passou o cinto de segurança nas crianças e nela. Foi uma alegria para os 3 netos. Uma menina e dois piás. Iam para a praia, ficar três dias no Hotel Porto de Paz. Chegaram na santa paz do senhor; a sogra rezando o terço. “Ainda reza a escomungada...” Vou dar-lhe uns caldos pra ela não vir mais.

Deixaram a roupa no apartamento conjugado. Que fique com os pestinhas pra aprender. Quis vir... Foram dias maravilhosos; o tempo ajudou; a hospedagem deslumbrou. “Bem que falaram... vão adorar.” Ana Paula, recepcionista, é um encanto de charme e



educação. Adivinha os pensamentos; Dona Márcia, a dona, é incansável nas delicadezas. A Chef Adi Leonor adivinha os nossos gostos e os satisfaz. Seu Adauto, gente fina, inteligente, escritor, faz versinhos no “pão por Deus”, uma brincadeira folclórica; depois explico. Fez pra mim, que me chamou Leonor “Leonor, Leonor, por este Pão por Deus, digo que, se fosses bananeira só darias flor”. Porém, há uma hora que é do adeus; da volta para casa. Arrumadas as malas, pagas as despesas, despediram-se, prometendo voltar e partiram.

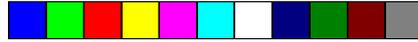
No meio da BR-280, antes do Canal do Linguado, uma barraca de caldo de cana. Era o refresco desejado. Saltou e mandou providenciar seis duplos com limão. E os distribuiu, à medida em que eram servidos pelo garapeiro, deixando o daquela excomungada por último, murmurando baixinho: vai ter mais sede no inferno. Abriu a porta detrás e a viu com os olhos fechados e presa pelo cinto. Solta o cinto !!! – ordenou. Se não, não ganha. Nenhuma reação da excomungada, repetiu baixinho. Tua mãe dormiu... A filha foi acordá-la. Não conseguiu. Está morta – gritou chorando.

Foi um espanto. Um médico, que esperava seu caldo, foi ver a senhora. Realmente, está morta. Assim, não vão poder viajar com ela. A Polícia Rodoviária pode dar uma incerta e querer investigar a causa mortis. Um rolo. Ele, o marido, nem pensou duas vezes. Abriu o bagageiro e trancafiou a velhinha lá dentro. Agradeceu a todos e pôs-se em marcha.

ERABOTT

RESIDIU NO HOTEL CENTRAL da Margarida e do Dato, aposentado do Banco Brasil, de que era inspetor regional, após o enfarte, em plena agência, inspecionando-a. No seu quarto, deitado de pijama, lembrava-me a figura do Dom Quixote, lido na Coleção Infantil do Monteiro Lobato, mas sem as gravuras





do Doré. Magérrimo, com cabelos esmaecidos... E, ao cevar um mate, indispensável todas as manhãs como bom gaúcho de São Gabriel, convidava-me para o acompanhar na saudável bebida indígena. Saboreávamos o mate até chuchurrear. E me perguntou quando e como aprendera a tomar chimarrão.

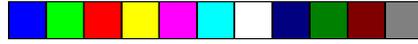
“Quando fui chasque do meu avô muito doente.”

E a palavra chasque?

“Lendo autores de contos e novelas sobre o pampa. Simões Lopes, Darci Azambuja: Carlos Eugênio de Souza Moraes, Manoeluto Dornellas. Bueno, Tchê. Se gostou delas, ouça a minha, que, ainda não escrevi.”

E tomou a palavra, passando-me a cuia.

“Só ingressei no Banco do Brasil, após um estágio em um banco inglês de que meus avós e meu pai eram acionistas. Em verdade, meu avô foi Coronel dos Lanceiros da Índia e voltou rico a Londres. Na volta para o Rio Grande, passei por Toledo na Espanha e comprei uma adaga para o capataz de uma das nossas estâncias, tchê. Cabo de prata com 800 gramas e aquela famosa lâmina de aço toledano com 7 centímetros junto ao cabo e dois na ponta. Verdadeira guilhotina. Recebeu-a com lágrimas nos olhos. Porém lhe expliquei que tudo de gauchismo que aprendera desde piá fora com Ele. Vou tê-la sempre debaixo do meu travesseiro, embrulhada em lã de ovelha. Para uma precisão.... Certo dia, vi um peão surrando um zaino (cavalo de raça, lindo) e o mandei cessar a brutalidade. Parou, mas arrancou a adaga da guaiaca e veio para cima de mim. Desarmado, esfriei... Porém, lembrei-me da adaga do capataz e corri ao galpão, passei a mão por debaixo do travesseiro e senti-a ali. Arranquei-a e fui enfrentar o peão, a fim de saber que não era covarde, mesmo sendo filho do Patrão. Correu... E nunca mais retornou a qualquer das nossas estâncias. Tínhamos três. Ao saber do quase entrevero, meu pai, sempre sensato, me disse: Tá na hora de enfrentar o banco. E, igualmente, o enfrentei, mas quase fui derrotado... Mais um mate, tchê? Esta erva foi bem cancheada.



Que sabor! Ah, mesmo sem a nossa intervenção, tornou-se andejo o valentão... Ninguém mais o quis. É uma regra fronteiriça... Verdadeiro gaudério. Lastimamos, porque era bom ginete, ótimo domador, jogador de osso, bom magarefe, assador de costela em fogo de chão. Além de payador na guitarra. Êmulo do Jaime Caetano Braun! É um belo conto. A gente enfeitada para não parecer muito curto. Mas os do Simões Lopes são curtinhos. Graciás por la história e por el mate... Ainda vamos escrevê-la. Hasta...

Entendi a mão despedindo-me e lhe sentindo a mão gelada...

NÃO RESPONDA

MEUS SAUDOSOS PAIS me ensinaram a não responder jamais aos mais velhos. Jamais lhes respondi. Mas há respostas que ficam grudadas na garganta, ou lá embaixo ao começo da escada. Há até poemas emocionantes sobre a falta da pronta resposta. Nosso Tio Custódio Campos, uma inteligência entre a loucura e a genialidade era famoso pelas respostas. Jamais ficou de boca fechada ante a oportunidade de uma resposta ao pé da letra. Especialmente, nos júris, nos quais, com uma só resposta, absolvía ou condenava o réu. Ex: Presença de Espírito.

“Poucas coisas serão tão fascinantes como a presença de espírito, aquela qualidade de responder, com graça, sempre ao pé da letra, no momento exato, desnortando aquele para quem é dada a resposta. Porque, no mais das vezes. A oportunidade é perdida e fica o lamento:

– Poderia ter dito isto, poderia ter dito aquilo...

Onde a presença de espírito é sempre qualidade indispensável é no tribunal do Júri ou nas assembleias legislativas.

Há respostas espirituosas, que varam séculos, contadas de pai pra filho, de geração para geração. Ou narradas em livros.



Tive oportunidade de assistir respostas desse tipo, desconcertantes pela finura e contundência.

Um velho professor, nascido em São José, rábula famoso, homem de avantajada cultura, latinista emérito e germanófilo sectário, brilhante nos tribunais de júri pelos seus apartes, pelas respostas sempre prontas, confundia seus contendores assim, inibindo-os, desarvorando-os.

Em uma sessão do tribunal de júri, vi-o triunfar numa causa, menos pela argumentação desenvolvida, do que pela presença de espírito, em respondendo a um aparte.

Por razões de diletantismo e não pecuniária, cujas possibilidades de absolvição haviam sido reduzidíssimas, não só pela sua confissão, mas, igual e, principalmente, porque teria de sofrer o peso da acusação da promotoria e de um auxiliar desta, notável advogado, tribuno famoso, natural de São Paulo, contratado pela família da vítima.

O professor não se intimidava com títulos e prática, pois era vivido e seguro de si. Ouviu calmamente toda a acusação, sem sequer dar um aparte, tanto ao promotor, quando ao auxiliar, ambos prevenidos destas qualidades do defensor.

Chegou a vez de este apresentar as suas razões, não sofrendo, por igual, a menor interrupção.

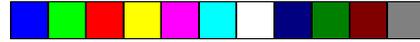
Quase ao final, arrematando, o velho professor disse:

– Dai, senhores jurados, a este rábula, cujos dias já se findam, a alegria de ver a justiça mais uma vez triunfando; dai, senhores jurados, a este modesto filho de São José...

– O nobre colega concede um aparte? – perguntou o auxiliar de acusação, provocando um frêmito na assistência e nos jurados.

– Com todo o prazer.

– Admira-me que o colega se confesse filho de São José, santo que só teve um: Jesus Cristo!



Tal aparte tinha a força de um murro, desnortearia qualquer um que não o velho professor. Jogando para trás os cabelos grisalhos, com um meio sorriso de malícia, replicou:

– Mas não deveria causar-lhe qualquer surpresa, sendo, como é, filho de São Paulo, que morreu solteiro.

Ante as recomendações paternas, sempre engoli uma resposta, já na ponta da língua. Em uma manhã de inverno, ET POUR CAUSE, dormi um cadinho mais. E cheguei atrasado à aula no colégio. Entrei embarafustadamente ao fim da fila e ouvi o professor (Padre Dullius, jesuíta) me admoestar perante todos, ainda de pé, prontos a rezar o Padre Nosso:

– Carlos Aduato, o sol jamais encontrou Ruy Barboza na cama...

A resposta saiu espontânea:

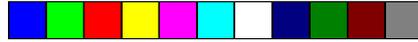
– Dormia de janela fechada!

FOTOS DOS ANCESTRAIS

QUANDO ENTREI NO APARTAMENTO DELE, perguntou de chofre:

– Tens algum retrato dos nossos avós?

Lauro Luiz era primo e muito querido, embora mais moço do que eu uns oito anos. Quando ia a São Paulo, sempre o procurava, desde quando ainda era solteiro. Casou e montou um belo e confortável apartamento. Ele e a mulher trabalhavam e juntavam, mensalmente, os ganhos numa mesma e única conta bancária do Banco do Estado de São Paulo, porque ela era funcionária do Judiciário Paulista. Tinham montado o apartamento com raro bom gosto. Sobre o sofá enorme da sala de visita, queriam dois retratos (fotos antigas) decorativos. Dela já estava lá. Dele, faltava. Razão pela qual me perguntara sobre o nosso. Sentei-me e procurei lembrar-me da foto conjunta da Vó Jeje e



do Vô Heleodoro. Existira. Porém, onde teria ido parar depois de tantos anos da morte de ambos, do desmanche da sua bela casa para virar espigão? Fora-se junto com os demais móveis, vendidos a um Belchior de antiguidades? E o Belchior? Onde existiria ou já morreria, igualmente? Nunca mais tivemos notícias dele. Era um grego imigrante, seu Pantaleão. Tinha a vaga ideia da sua loja no centro da Capital. Visitava-a. De vez quando, ainda menino. Depois, mudara com a família e esquecera as visitas que fazia ao bricabrac do grego. Talvez houvesse morrido... Mas o primo disse que tínhamos de conseguir aquela foto. Que eu buscasse notícias dela junto à Família. Quem sabe a Tia Esther, ainda solteirona? Talvez, talvez. Voltaria para de onde viera e daria notícias, após falar com a referida tia.

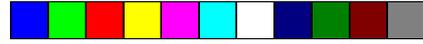
Passaram-se anos sem que nós, os primos, nos encontrássemos. Ele em Sampa eu na Ilha. Lá um belo dia surgiu a oportunidade de um reencontro. Com a minha esposa, tomamos o avião e fomos passear e matar saudades. Buscou-nos em Congonhas com a mulher e o filho Andréa, cuja avó materna, por ser calabresa, lhe pusera aquele nome, meio feminino. No encontro já avisou:

– Nada de hotel. Nosso apartamento está montado e bem decorado. Vão gostar. Tem uma suíte para vocês. E a nossa cozinheira é baiana: Gabriela! Fala pelos cotovelos sobre Jorge Amado e Caetano. Tem Pai de Santo... Mas cozinha que é um chef francês. A cidade está um caos. Temos de furar o trânsito. Dar uma volta enorme para chegar em casa, se não furarmos.

Adele, a esposa, desde o nascimento do Andréa, largou o volante.

– Diz que não aguenta a balbúrdia. Também, nasceu em Laranjal Paulista... Trezentas e quatro famílias de habitantes imigrados dos Açores, tranqüilíssima. Meio aldeia. Temos uma chácara lá. Foi do avô dela, seu Bento ou Bentinho. Lavrador... Tinha cavalos, vacas, os cavalos para viagens curtas. Galinhas caipiras, poedeiras e para o corte. Se der, vamos até lá...



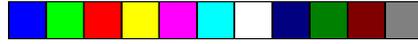


Saltaram – na garagem, tiraram as malas e subiram pelo elevador ao 5º andar. Decoração elegantíssima. Na parede da enorme sala de visitas, um retrato em moldura antiga. Avós dela? Perguntou o primo recém-chegado. Não, os meus – respondeu o primo. Como? Não os conhecia. São paternos ou maternos? Paternos. Nunca conheci bem o vô e a vô. Morei com eles no fim da vida. Era o seu manda-lete. Diz logo quem são, exigiu a esposa, ansiosa para largar o pesado filho. Não teve solução.

– Não sei quem são. Comprei na feira de antiguidades da Praça da República. Ficou muito bem; ninguém, aqui, conhecia os nossos inolvidáveis vovôs. Tem gente que os acha parecidos, ora comigo, ora com Adele e ora com o Andréa (filho calabrês).

TIO VIDAL

FOI DEZ (10) VEZES ELEITO PREFEITO da sua terra natal. Ela era uma bacia leiteira, empório madeireiro, represa de água da serra pura e fresca. Nestes anos, os três sustentáculos das suas eleições desapareceram. Nem se precisa descrever. Lembram eleitores mais antigos: Tio Vidal era riquíssimo, nunca precisou dela para viver e sobreviver sempre faustosamente. Mas a política é uma sarna que nenhum mitigal cura. Tinha um farmacêutico à disposição para os pedidos relacionados com doenças: pastilhas de açúcar mascavo cobertas com várias cores de anilina; seu automóvel para o diário era um Fusca 66 muito bem de funcionamento, garantido pelo melhor mecânico à noite, na surdina. Não parava no gabinete. Entrava às seis pro chimarrão e, tomado este, partia para a (chama) caçada. Ah ! um aroma de feijão cozinhando na cozinha de um peão... Encostava o fusca na porta da cozinha. Entrava, beijava a cozinheira (fosse quem fosse, “Ele é muito simples!”) e disse não ter resistido ao bouquet (em francês para puxar a pergunta: como?) Explicava com requinte de um mestre sorbonnes. E inquiria: vamos de mandioca ou de biju (conhecedor de farinhas!!) e um xarque de lombo? Já



recebia o convite para tomar assento, com pedido de desculpas pela pobreza da mesa. Fazendo de contas que não ouvira, pedia um trago da “mardita”. E filosofava gastronomicamente, pra fazer logo quilo que tenho de ir adiante... E ser interrompido pelo generoso convite da dona: “inté faz male... deita um pouco na nossa cama; tá arrumadinha, parece que advinhando... Graças, generosida demais, porém, constrangido, aceito. E, sem o paletó ou casaco, pedia para o peão ajudar a descalçar as botas feitas em couro de potro. E puxava um ronco musical bem ensaiado. Ficara inesquecível na região para o próximo pleito. Home bom e simple tava ali. Se a “comadre” (já a batizara assim, precisava de um remedinho pros piás, tinha no carro, num peçoelo de pele de ovelha uruguaia . E orientava pelas cores. Faziam efeito. Parece que tem feitiço; dá as baguinhas, passa a mão na cabeça e o piá fica novo. Nem cobra nada. Ainda deixa um pacotinho com a receita escrita com aquela canetona de ouro. Tem medo não ? Óia os Brogratto andam pela aí... Mas vorte logo. E traga a patroa um dia. Inté. Inté, gente boa!

Foi morrer no fusca debaixo de um caminhão de toras de pinheiro, acabou de contar Universino, seu peão de confiança. Criado desde nascimento pela família do falecido. Completou.

SEU ANDORINHA...

NUNCA SOUBE O SEU NOME.

Para nós, que éramos da Victor Meirelles, era, simplesmente, o seu Andorinha. Profissão: porteiro do Cine Imperial na Rua João Pinto. Tinha a pose de um porteiro de teatro da Broadway. Até que um dos moleques descobriu que era fanho. E, como era durão, e não deixava ninguém furar, e, ainda, ia buscar lá dentro os conhecidos furadores, tinha pouca simpatia da nossa gang. Por isso vivia calado.

Vais nos pagar, proclamou o molecote, morador do morro do Mocotó.

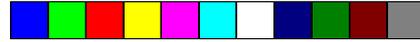




Claro que a sessão de domingo no Imperial enchia. Eram dois filmes e os episódios do seriado mensal. Para entrar sem furar a frente do cinema virava o granbazar de Istambul. Trocava-se de tudo; vendia-se de tudo. Gibi; Globo Juvenil; Almanaque do Fantasma Voador, bolinha de vidro, pião, bola de tênis achada na quadra do Lyra Tênis Clube; pandorga sem rabo ou com rabo cheio de vidro moído para cortar o voo das demais no Campo do Manejo ou Largo Treze de Maio, nos quais o vento sul e o sueste sopravam sempre.

Então foi anunciado um super filme: Maria Antonieta. No domingo, a frente do Imperial ficou intransitável. Seu Andorinha mal dava conta de controlar as entradas e os furadores. Então o molecote furou a fila e lhe perguntou com a voz fanha para chamar a atenção do defeito nasal do porteiro: qual é mesmo filme de hoje? Maria Antonieta... E o molecote em voz alta e fanha: debochado!...





POSTAI DE SOUZA



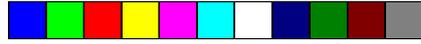
**GEORGE WILLIAN POSTAI
DE SOUZA**

graduou-se em Direito na Universidade da Região de Joinville (Univille-2006), com Especialização em Direito Previdenciário pelo Instituto Luiz Flávio Gomes (IFLG-2007), possuindo Pós-Graduação em Direito Processual Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul-2009), Pós-Graduação em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade de Mato Grosso do Sul (Uniderp-2011) e Pós-

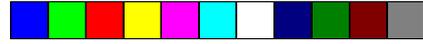
Graduação em Direito Civil pela Universidade de Buenos Aires (UBA-2014).

Fez ainda cursos de extensão nas universidades de Harvard, Stanford e Michigan (2018), todos com relação à Direito e Administração.

Advogado com inscrição na OAB/SC sob o n. 23.789, eleito Membro da Comissão de Ética e Disciplina da OAB Joinville no triênio 2010-2012, eleito Conselheiro da OAB Joinville no triênio 2013-2015 e eleito Membro do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB/SC para o triênio 2016-2018.



Postai de
Souza



O DESCOBRIMENTO DE JOINVILLE PELO CONDE DE VALSUGANA

Postai De Souza

O CARRO CHEGOU À SUBIDA DA Rua XV de Novembro, no Centro de Joinville, com um senhor grisalho, com chapéu estranho, de vestes antiquadas e bengala, que entrou de súbito no palacete.

Assim que aportou ao local indicado pelos cidadãos que o escoltavam, este pôs-se a caminhar pelo grande terreno e logo visualizou a entrada indicada, adentrando à mesma. Mal o fez e a secretária do médico já lhe aguardava, uma senhora elegante de nome Raquel S. Thiago:

– Bom dia, senhor. Tudo bem?

– Mais ou menos. Vim consultar-me com o médico.

– Sim, claro, ele já está lhe esperando – e saiu-se apressada à sala do conhecido médico joinvilense.

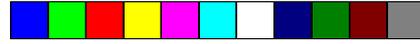
Mal se passaram quinze segundos e estava na porta aquele senhor calvo, de jaleco branco, que o mandou entrar.

No recinto de paredes brancas, grandes janelas avistando um pequeno lago, jazia uma cadeira confortável havia muito tempo não limpa, mas de bom aspecto, apesar do evidente tempo de vida que possuía.

– Vim relatar-lhe uma desavença em virtude de um lugar que descobri – dei-lhe o nome de Joinville, pois meu francês é superior a qualquer vontade que eu possua de nomear-lhe em um simples português. Até pelas minhas resignações que possuo com D. Pedro I e seu filho...

O médico recostou-se em sua cadeira e ouviu atentamente a história de nosso personagem, que começava mais ou menos





assim:

“Eu era jovem, na casa dos meus quinze anos e residia com meus pais num pequeno vale encrustado entre as montanhas suíças e italianas, chamado Valsugana. Mais precisamente em Roncegno, uma cidadezinha pequena que era a sede da comuna, mas que possuíamos sob seu manto nossa pequena vila, a Vila Postai.

Assim como meus antepassados, gostamos de morros, pirambeiras, montanhas e subidas íngremes, de modo que nos estabelecemos no local por volta de 1600, vindos da Hungria.

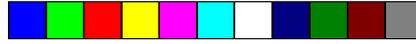
Meus avós prosperaram financeiramente e possuíam algumas propriedades, sendo que meu pai resolveu enviar-me para Paris para estudar, apesar do surto de cólera que acometeu a cidade anos antes. Isso por volta de 1835, com meus 15 anos. Ah, permita--me apresentar: meu nome é Ferdinand Eduard Leonce Mathias Postai.

Bem, parti rumo à Paris e levei dias a bordo de uma carruagem maltrapilha, mas que chegou ao seu destino após muito quebrar pelo caminho. Fui recepcionado por um funcionário amigo de meu pai, que trabalhava no Paço Municipal e, assim, às escondidas, fiquei no sótão do Hotel de Ville por alguns dias, até melhor me acomodar na cidade-luz.

Lá, apesar das dificuldades que os pombos de dia e os morcegos à noite me impunham, resisti bravamente e encantei-me com a Paris pós-iluminista, suas artes, cores, cheiros, sensações e paixões.

Logo que me apresentei à Sorbonne (dou graças a Napoleão que a reabriu depois da Lei Chapelier!), minha universidade e a qual possuo enorme honra de ter-lhe frequentado e deixar-me absorver tamanho conhecimento e dignidade, encontrei pares que me faziam companhia à altura de minha importância.

E digo isso sem o menor constrangimento ou audácia de parecer orgulhoso: de fato, pessoas do meu nível acadêmico, social e financeiro enfim participavam de minha vida de modo a



engrandecer-me o ego, as influências e o poder.

Na faculdade, conheci o filho do prefeito, Bernard, e com ele vieram festas, jantares e tornei-me íntimo a ponto de frequentar as festas da monarquia. Comparecia aos eventos do Rei Luís Filipe I e tornei-me amigo também de Chico, o apelido carinhoso – e aporuguesado – que demos ao Francisco Ferdinando, seu filho.

Já no início do curso, Chico resolveu fazer uma viagem e conheceu Francisca, filha do Imperador do Brasil Dom Pedro I. Ela odiava o Brasil e passava longos tempos em Portugal e, de lá para Paris, era um pulo!

Pois bem.

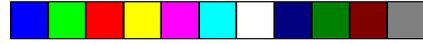
O Chico e a Chica, como carinhosamente lhes chamávamos, se apaixonaram embaixo do Arco do Triunfo – o qual tinha sido inaugurado anos antes, em 1836. Os dois se casaram no Brasil, já que o pai da noiva assim exigiu, em 1843, mas tão logo o fizeram já retornaram à Europa.

Assim, formado e titulado, a vida em Paris parecia iniciar para mim já na parte de cima da casta social, sendo encarregado das consultas jurídicas do “Seu Filipe”, como chamava o pai do Chico.

Até que... tudo mudou.

Revoltas acometeram Paris por volta de 1845 e para livrar minha vida de um enforcamento (desejo da maioria da população com relação ao Rei, seus familiares e súditos próximos, como eu), Chico pediu a seu pai que me fizesse a honraria maior de minha vida e homenageando as terras de meu pai, deu-me o título de Conde e, tal qual minha origem, nomeando-me Conde de Valsugana.

Assim, em 1848 tive que fugir de Paris, juntamente com o Chico e a Chica, para Londres. Mas foi por pouco tempo, até porque meu inglês nunca foi bom o suficiente para garantir-me o sustento, resolvi sozinho aceitar o convite que de Leonce Aubé, outro amigo francês da Sorbonne e que por lá se refugiou, e



partimos rumo à Hamburgo, na Alemanha, onde Leonce possuía contatos. Afinal, o francês era então a língua universal atrás apenas do inglês e muito utilizada na Europa naquela época. Mas quis o destino que ficasse pouco tempo, pois no gabinete em que fui alocado, do senador Christian Mathias Schroeder, a vida deu-me uma chance de fazer meu nome perpetuar-se na história.

E tudo estava ligado a Eduardo, o filho do senador. Ele e eu, junto com Leonce,

fomos designados para cuidar dos negócios do político e, olha o destino, das terras que

o Chico e a Chica tinham recebido de presente quando se casaram.

Onde?

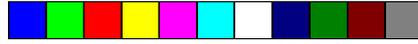
No Brasil.

Sim, no Brasil. Aqui. Longe, longe de tudo e de todos. Longe da civilização. Longe da Europa. Enfim, longe do mundo.

Mas, no auge de meus 30 anos bem vividos anos de romances e solteirice enraizada, parti com meus amigos em um grande navio rumo ao Rio de Janeiro. O Leonce, ou Leo para nós, foi tido como representante do Chico e da Chica e também do senador, o que o Dudu nada gostou. Mas esse só queria saber de festas, tal qual eu.

Rumamos ao imenso navio e chegamos à cidade maravilhosa – que eu ainda não conhecia o título e nem a mesma – no final de 1849 e ficamos pasmos. Não havia lugar no mundo, pelo menos no mundo civilizado, que fosse mais lindo que o Rio de Janeiro. A beleza natural do local encantava e cobria de magia qualquer um. Fiquei encantado. Estupefato. Maravilhado.

Chico e Chica ficaram de vir ao Brasil também, após inúmeras cartas nossas relatando a “descoberta” de um paraíso e que não era uma nação descivilizada, mas sim exótica.



Mas rumos outros tomaram suas vidas e nunca chegaram a conhecer suas terras.

Ah, sobre suas terras!

Já ia me esquecendo: na verdade, o senador Mathias, como era conhecido, fundou uma empresa denominada Colônia Dona Francisca, em homenagem clara à Chica, e com isso trataríamos das questões legais para a colonização dessas terras por imigrantes europeus, já que a terra na Europa estava deveras cara e os impostos altíssimos.

Cada qual de nós ganharia algumas léguas de terras pelo trabalho de 1 ano, o que era um bom pagamento, aos nossos cálculos.

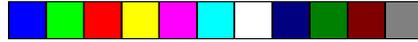
Claro. Era bom para todos, pois o Chico e a Chica precisavam de dinheiro diante do fim da “mamata real”, como todos nós. O senador Mathias tinha fundos para investir nisso, e eu e Leo, o conhecimento jurídico e de engenharia que precisavam. Dudu, claro, seria os olhos do político no sul do Brasil.

Como chegamos ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, quase na virada do ano de 1849 para 1850, presenciamos muitos espetáculos junto à praia, com rituais até então desconhecidos para nós.

Aquilo fascinou a todos, mas em especial ao Dudu. Ele não sabia ainda que seu pai tinha nomeado Hermann Guenther como diretor da Colônia e, tão logo soube, e felizmente para o bem de todos, tratou de rebelar-se contra o pai e assumir de uma vez por todas a condição de empresário e político. Até ali, era apenas o filho solteirão de um político e empresário rico encantado com os encantos da cidade-maravilhosa. Com seu ego afetado, enfim despertou para a vida adulta.

E soube, claro que por carta, por um descuido do pai, que lhe cobrava a chegada à Colônia Dona Francisca. Com isso, não tivemos jeito a não ser partir para o sul do Brasil, rumo às terras novas a serem exploradas. Chegamos ao Porto de São





Francisco do Sul, homenagem flagrante ao Chico, e lá ficamos os três.

Entramos na Baía da Babitonga com nosso barco e ali ancoramos, quando uma forte tempestade nos pegou de surpresa.

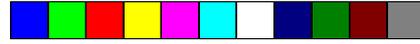
Eu, que nunca tinha experimentado mariscos silvestres na vida e aceitando o convite de um prazeroso jantar com nativos da região do porto, esbaldei-me com tamanha iguaria e deliciei-me por horas e horas.

Obviamente que o prazer cobra um preço. E alto.

Madrugada de 8 para 9 de março de 1851, uma grave diarreia me acomete. Sem que ninguém visse, ouvisse ou soubesse, peguei o primeiro barquinho que dispunha ancorado junto à nossa grande barca e rumei a um lugar seguro, distando grande espaço para que não me vissem despido e a mostrar grande embaraço diante de tal situação.

Aportei numa curva de um rio, que mais tarde nomeei-lhe mais tarde Cachoeira por ter em seu início – e lá se iam algumas léguas, depois fui saber – uma pequena queda d’água. Ali despi-me de qualquer pudor, tirei as botas, senti o mangue afundar-me pouco os pés, tirei minhas vestes e destronei o que me consumia em fortes cólicas. E fiquei ali, a fazer minhas necessidades, refletindo em tudo que minha vida tinha se transformado, em como tinha ido parar naquela situação. Lembrei-me do “Seu Filipe”, do Chico, da Chica, enfim... até do Senador Mathias. O ideal de todos é que aquelas terras fossem uma cidade feliz! Estávamos ali para isso. Para fazer daquele local uma vila de novas esperanças. Mas como seria, com tanto mato, mangue, mosquitos...? Não poderia me abalar, diante daquela situação. O local tinha futuro, boa projeção geográfica e logo receberia uma leva de imigrantes, todos com esperança de que iniciariam uma nova fase de suas vidas.

Àquele local, naquela condição, resolvi chamar-lhe de “vila feliz” em francês. A sagrar que depois da “tempestade” que despejei viria a “bonança” que eu prometera, finquei uma cruz



no local e batizei de Joinville, assim mesmo em francês, ainda que não houvesse qualquer projeção de imigrantes franceses para sua colonização.

Voltei para nossa barca aliviado e contei-lhes o que fiz. Até hoje Leonce me agradece por ter dado um nome francês ao local e o Dudu ficou muito bravo comigo depois disso. Ele queria Mathiasvillage, em alemão e em homenagem ao pai, mas depois batizamos um rio que cortava o local com o nome do pai dele.

Enquanto discutíamos – sim, porque virou uma discussão acerca do nome e do fundador do local, bem como das circunstâncias impróprias e embaraçosas de como se deu tal – aportou a Barca Colon, chegando da Alemanha: a primeira grande barca de imigrantes europeus aptos a colonizar a cidade.

Quisera que Chico e Chica tivessem visto aquilo! Até mandamos, a partir dali, construir-se um castelo – na verdade um pequeno palacete – para lhes abrigar em caso de visita, mas infelizmente nunca chegou a ser ocupado pelos mesmos. Até porque a construção se iniciou anos depois da ideia, devido aos altos custos que tivemos para implantar a sede da Colônia.

Mas foi ali que tudo prosperou. Nos meses e anos seguintes não paravam de chegar barcos e barcas de todos os tamanhos, no máximo de sua capacidade, com pessoas dispostas a trabalhar para iniciar uma nova cidade.

Fiquei maravilhado com aquilo. Mas tanto Leo como Dudu não se conformavam

como tudo aquilo tinha acontecido e como fiquei importante depois de reconhecido como descobridor de Joinville. A situação ficou insustentável. Eles queriam a todo custo ter a importância que eu tive – sem querer. E me pregaram uma peça. E que peça!

Um dia, estava eu em meu escritório na Colônia quando chegou de barco um senhor chamado James Herrison, um homem que se dizia australiano – o que muitos duvidavam.

Para ajudar, em seu estranho barco estava um maquinário o qual ele chamava de refrigerador, que ajudava a esfriar as coisas



e que seria muito útil à Colônia, pois poderíamos armazenar alimentos e bebidas para posteriormente revender na Europa pelo Porto do Chico.

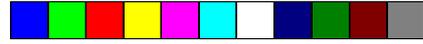
Tal forasteiro foi bem recebido por nós três e tão logo nos explicou que sua geringonça funcionava (pelo menos em tese), após inúmeras instruções físicas e químicas, Leo e Dudu resolveram pregar-me a dita peça e me colocaram dentro da máquina.

Eu, soberbo e audacioso como sempre fui, duvidei do funcionamento do aparelho e ali fiquei até provar-lhes que eu continuava com o sangue quente. Ou seja, a máquina não funcionou. Era evidente. Eu sabia!

O problema é que não lembro bem como tudo se sucedeu depois disso, mas acordei há algumas horas e não reconheci mais a nossa vila, as pessoas, nada, e nem sei onde Leo e Dudu estão escondidos. Vi carruagens estranhas andando sem cavalos, sendo grandes e pequenos, com bicicletas com motores que correm feito loucos, um tipo de chão duro e que não causa poças de lama, enfim, uma terra que não é a minha Joinville.

Comecei a questionar as pessoas e chamaram-me louco! E disseram que o único homem que poderia me ajudar seria um médico, o senhor, passando-se uma série de recomendações para que me acompanhassem, tal qual o fizeram até a porta... e aqui estou, para provar para Leo e Dudu que a máquina não funcionou. Aliás, esqueci de lhe perguntar, doutor, qual sua graça?”.

– Oscar Schroeder, ao seu dispor...



MARIA CRISTINA DIAS



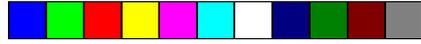
MARIA CRISTINA DIAS é jornalista e escritora. Formada em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com MBA em Marketing e Comunicação (FGV/Sociesc/SC), e mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille).

É membro da Academia Joinvilense de Letras desde 2016 e criadora do site “Maria Cristina Dias – Histórias Vividas,

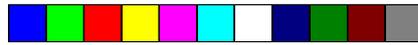
Histórias Contadas”,
www.mariacristinadias.com.br.

Foi coordenadora do Museu Nacional de Imigração e Colonização, de Joinville.

Tem dois livros publicados, dois livros em coautoria e é produtora e editora de seis projetos biográficos.



Maria
Cristina Dias



“À FRENTE VOLUNTÁRIOS”

Guerra do Paraguai. Moradores de Joinville foram Voluntários da Pátria no principal conflito armado da América do Sul

Maria Cristina Dias

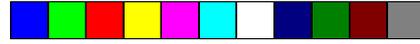
EM DEZEMBRO DE 1864, começava o que seria o principal conflito armado já ocorrido entre os países da América do Sul, que deixou milhares de mortos, desdobramentos ainda hoje (150 anos depois) estudados pelos pesquisadores, e que foi determinante para a formação e para o papel político que o Exército brasileiro teria no final daquele século e ao longo do século 20: a Guerra do Paraguai.

Ao longo de cinco anos, milhares de homens marcharam para o interior e para a região do Prata e pegaram em armas para lutar nas forças brasileiras. Joinville e as colônias alemãs do Sul do País não estavam à margem deste movimento e logo no início de 1865 começou o estímulo ao alistamento nos batalhões de “Voluntários da Pátria”.

Fundada em 1851, a Colônia Dona Francisca tinha apenas 13 anos de fundação, cerca de 4.300 habitantes e ainda estava sendo estruturada. Mesmo assim, 21 homens decidiram aceitar o apelo do Imperador Dom Pedro 2º e se alistar para lutar no conflito. Saíram da cidade como heróis e, embora nenhum tenha sido morto em combate, nove faleceram em função de doenças endêmicas contraídas na guerra (como a cólera) – e os que voltaram tinham a saúde comprometida. Hoje ninguém lembra mais quem eles eram ou quais os motivos que os fizeram pegar em armas por um País no qual eram recém-chegados. Mas seus nomes ainda figuram entre os Voluntários da Pátria.

A principal fonte de registros sobre a presença de joinvilenses na Guerra do Paraguai é o antigo jornal da Colônia Dona Francisca, o *Kolonie Zeitung*, que ao longo do conflito publicou as informações que vinham do País, as notícias locais com as convocações e alistamento dos voluntários e cartas/relatórios do alferes Wilhelm Hoffmann, responsável pelo recrutamento,





que contavam as atividades do grupo local. Este material publicado em alemão entre 1865 e 1870 foi traduzido pelo historiador Carlos Ficker na década de 1960, publicado em forma de artigos na revista “Blumenau em Cadernos” e reunido em livro em 2013, sob coordenação do deputado estadual Darci de Matos.

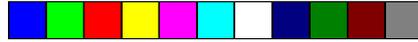
As notícias sobre as ações que levariam ao conflito começaram a aparecer no jornal da colônia em maio de 1864, em matérias que enfocavam a questão na “banda oriental”, o quadro militar brasileiro, a invasão do Paraguai ao Mato Grosso e o pedido do Imperador Dom Pedro 2º para que os brasileiros se alistassem para defender o País, entre muitos outros temas. Pouco a pouco elas foram mostrando o agravamento da crise e a deflagração da guerra. Em 1865, as matérias já informavam do movimento de formação do contingente de “Voluntários da Pátria” e conclamavam os homens de 18 a 50 anos a se alistarem.

Mas foi em setembro de 1865, nove meses depois do início do conflito, que uma nota com o título de “À Frente Voluntários!” informava que o momento de se apresentar e seguir para a guerra tinha chegado.

“KOLONIE ZEITUNG” TRAZIA AS NOTÍCIAS SOBRE A GUERRA. AUTORIDADES LOCAIS CONCLAMAVAM JOVENS A SE ALISTAR.

Nos primeiros meses de 1865, as notícias sobre a guerra se espalhavam pelo País. Pelas páginas do *Kolonie Zeitung*, o jornal da Colônia Dona Francisca, era possível acompanhar a movimentação na Capital e ter informações sobre as frentes de batalha e o avanço dos paraguaios. Em 4 de fevereiro de 1865, o jornal noticiava a criação dos “Voluntários da Pátria” e informava que no Desterro (a atual Florianópolis) 30 homens já haviam se alistado. Em Joinville, a movimentação também começava e o então subdelegado Adolph Haltenhoff conclamava os jovens a se integrar ao grupo – já se falava na formação de um contingente formado por imigrantes alemães, em Porto Alegre.





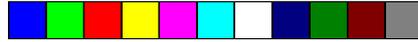
Em março, as autoridades publicavam um aviso da subdelegacia de São Francisco Xavier de Joinville: “Os inspetores de quarteirão da Colônia Dona Francisca serão intimados a prender e levar presos a esta subdelegacia todos os sujeitos fugidos do recrutamento e que se encontram por acaso na Colônia sob pretextos diversos.”

Os desmandos também eram divulgados nas páginas do jornal, como em março de 1864, quando uma nota informava que foram convocados 135 homens na Província de Santa Catarina e 205 se apresentaram como voluntários. Ela revelava um fato ocorrido em Laguna, no Sul do Estado, onde os voluntários foram presos e algemados para serem enviados a Florianópolis. Em outra edição, o jornal chamava a atenção para o estado das tropas, “verdadeiramente deplorável” e para a péssima qualidade e desfalque da ração.

Em 17 de junho de 1865, o *Kolonie Zeitung* informava que a relação com os nomes dos 120 brasileiros considerados aptos para o serviço militar estava afixada na porta da “igreja provisória católica”. A nota foi publicada por Crispim Gomes de Oliveira, capitão da 2ª Companhia do 5º Batalhão de São Francisco. E em setembro o presidente da Província de Santa Catarina, Adolpho de Barros Cavalcanti, decidiu organizar um contingente de voluntários sob comando de oficiais alemães, um batalhão de Caçadores. “O comando, assim como o serviço interno será em alemão”, escreveu, solicitando mais adiante que não fizesse propaganda contra a convocação. “Aqueles que não querem ou não podem se apresentar, peço de não fazer propaganda contra, nem dificultar e desanimar aos que desejam atender ao nosso apelo, mas sim ajudar com todas as suas forças, pois é para o bem deste País, que também é de seu interesse, e nenhum homem honrado pode negar o seu apoio”.

Em Joinville, foi formada uma comissão de alistamento, composta de personalidades atuantes na comunidade e na vida administrativa local, como o padre Carlos Boergershausen, Wiegand Engelke (médico), Adolph Haltenhoff (sub-delegado) e Otto Niemeyer (presidente da Câmara Municipal de São Francisco do Sul para a freguesia de São Francisco Xavier de





Joinville). Wilhelm Hoffmann, ajudante fiscal da mesa de rendas de São Francisco do Sul para Joinville ficou responsável pelas providências necessárias ao alistamento e em 23 de setembro de 1865 publicou no *Kolonie* um anúncio convocando os moradores para que, espontaneamente, se alistassem. Segundo a convocação, a ideia era “formar um batalhão de voluntários alemães, com oficiais alemães, armas e equipamentos modernos ‘à Minié’ e todas as vantagens do decreto imperial de 7 de janeiro do mesmo ano”, conforme detalhou Ficker.

O grupo era chamado de voluntário, mas seu trabalho era recompensado, conforme previa o decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865, do governo Imperial, que estabelecia oficialmente o corpo de Voluntários da Pátria no País. Ficker em seu artigo “Colonos de Joinville na Guerra do Paraguai”, descreve esses benefícios: “Além do soldo, foram concedidos mais 300 réis diários e gratificação de 300\$000 quando dessem baixa no serviço, além de 22.500 braças quadradas de terras nas colônias militares ou agrícolas existentes no País”.

A lista incluía armas e equipamentos, pensão para as famílias em caso de morte do combatente e soldo em dobro se ele retornasse para casa inválido. Havia ainda o boato de que haveria o pagamento adiantado de 50\$000 para os alistados, o que incentivou a procura pelos colonos – a princípio grande.

O entusiasmo, porém, durou pouco. “Quando se desfez o boato, a maioria perdeu o ânimo e voltou para casa. Somente 23 alistaram-se no dia 26 de outubro e seguiram no dia 29, às 7 horas da noite, em formação para o restaurante do sr. Ravache, onde lhes foi servida uma refeição de despedida”, escreveu o historiador em seu artigo.

No dia 4 de novembro de 1865, o *Kolonie* noticiava “a partida de Joinville dos voluntários, sob comando do alferes Wilhelm Hoffman – 23 homens”. A diferença de números (21 homens partiram para a guerra) é esclarecida pela memorialista Elly Herkenhoff em seu livro “Era Uma Vez Um Simples Caminho...”, onde afirma que três destes homens desistiram e um outro morador de Joinville aderiu ao grupo em Florianópolis.





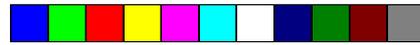
O embarque foi um evento na pequena localidade de Joinville, com discurso das autoridades, entrega de bandeira bordada pelas senhoras da cidade e apresentação de banda de música e das já existentes sociedades Ginástica e de cantores – e direito até a um gole antes da partida, oferecido por um comerciante. “Diante de sua casa de negócios, o sr. Ulrichsen ainda ofereceu aos 23 voluntários um copo de bebida e com ‘vivas’ ao Imperador D. Pedro 2º, à Nação Brasileira, ao Exército e à Marinha, aos diretores da Colônia Dona Francisca e aos Voluntários de Joinville, seguiu a embarcação com a vazante o rio Cachoeira abaixo, até a barra do Araquari, de onde marchariam os voluntários, via Itajaí, para o Desterro”, relata Ficker em seu artigo, a partir das notícias publicadas no *Kolonie Zeitung*. Em janeiro de 1866 o mesmo jornal comunicava que 1.400 homens embarcaram da capital catarinense para o Rio Grande do Sul no navio São Miguel, para lutar na guerra.

Em outro artigo, “Blumenau na História Militar Brasileira”, publicado em 1962 no “Blumenau em Cadernos”, o historiador informa que os colonos de Joinville e Blumenau formaram uma companhia do 25º Batalhão de Voluntários da Pátria. Eram 77 homens de Blumenau (cinco eram oficiais) e os 21 de Joinville, que, em Florianópolis, se juntaram a outros colonos vindo do Paraná.

CARTAS SEMANAIS RELATAVAM OS ACONTECIMENTOS

O que aconteceu depois que os Voluntários de Joinville partiram só se sabe devido às cartas enviadas pelo alferes Wilhelm Hoffman, que eram publicadas regularmente no *Kolonie Zeitung*. Por meio delas é possível saber que ainda em dezembro daquele ano já havia uma baixa, com a morte de um voluntário a bordo do navio São Miguel. Ou que outro voluntário, Neuschaefer, tinha febre, e que os oficiais alemães decidiram ficar com seus homens em um navio de guerra ao invés de seguir para a batalha em terra. E informa que a missão do grupo, após a chegada em Corrientes, na Argentina, seria “guarnecer um navio de guerra”.





Em seu artigo “Colonos de Joinville na Guerra do Paraguai”, Ficker contextualiza esse momento na cidade Argentina, informando que desde outubro ela estava ocupada pelo Exército aliado, formado por Brasil, Argentina e Uruguai, sob comando do General Caceres, e se caracterizou por ser uma base de operações até abril de 1866. Durariam os intensos preparativos até 16 de abril, dia da transposição do rio Paraná, o Passo da Pátria”, escreveu, destacando o calor e doenças como malária como fatores que dificultavam os trabalhos e atrasavam os preparativos das tropas. Hofmann também cita o problema em suas cartas: “O calor é abafante e não menos terrível a praga de mosquitos e pernalongos.”

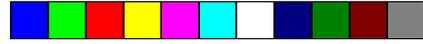
A GUERRA E A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Na década de 1860, as Forças Armadas brasileiras ainda não tinham a formatação que têm hoje e a segurança no País era garantida pelas guardas nacionais, que tinham o papel de milícias para a proteção interna – e não o de uma força militar para defender o País em caso de guerra. Em maio de 1864, o *Kolonie Zeitung* falava do conflito iminente e dava os números da área militar no Brasil. Segundo ele, a força naval tinha 13 navios e 3.203 homens, enquanto o Exército tinha 14 mil homens. “Exigiu-se o aumento para 22 mil, divididos em divisões”, escrevia o redator.

O historiador Wilson de Oliveira Neto, pesquisador sobre o assunto, explica que a Guerra do Paraguai foi um grande desafio para o Brasil, que tinha dificuldades técnicas, econômicas de comunicação e de logística para superar. E um Exército ainda incipiente. “Era um contingente pequeno, mal equipado, sem treinamento profissional. Foi criado às pressas porque a Guerra foi uma ameaça muito grande ao País”, revela.

O historiador explica que a Guerra do Paraguai foi fundamental para o início e fortalecimento deste Exército como instituição, o que determinou as intervenções militares no Brasil no final do século 19 e ao longo do século 20. “A geração de militares que sai da Guerra do Paraguai já começa a pensar o Exército institucionalmente e com ideias políticas próprias”, afirma.



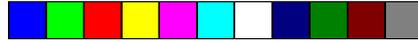


PRÓS E CONTRAS PARA A COLÔNIA DONA FRANCISCA

Para a recém-instalada Colônia Dona Francisca, a Guerra do Paraguai provocou transtornos diretos, mas também trouxe a possibilidade de melhorias, especialmente nas comunicações. No 15º Relatório da Direção da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, de novembro de 1866, traduzido por Helena Richlin, o diretor Otto Niemeyer informava que a guerra era um dos fatores que estava contribuindo para que não fosse alcançada a meta de estabelecer mil colonos por ano no lugarejo. “A continuidade da guerra entre o Brasil e o Paraguai fazem com que surjam receios, mesmo que injustificáveis, de que o imigrante pudesse ser afetado em maior ou menor grau (...).”

Niemeyer também explicava que a guerra prejudicava tanto o comércio quanto o transporte da colônia, pois a comunicação de São Francisco com Florianópolis e Rio de Janeiro, pelo mar, estava deficiente e irregular.

Porém, ele vislumbrava um ponto positivo em decorrência do conflito: a instalação de duas linhas telegráficas ao longo da costa, entre Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul – uma restrita aos usos militares e a outra para fins particulares. São Francisco do Sul estava nesse roteiro e Niemeyer previa a instalação de um ramal entre a cidade e a colônia. “Mas, mesmo sem este, já garante uma significativa facilidade nas relações exteriores”, informava, concluindo: “Espera-se que a guerra seja resolvida muito em breve, a favor do Brasil. E mesmo que, com o seu desfecho, acabe o inconveniente acima citado, a vantagem obtida é permanente”. A guerra durou até 1870 e foi marcada pelas batalhas sangrentas e pela quantidade de mortos – um número que varia de livro para livro, mas que sempre se conta às centenas de milhares. Os países da Tríplice Aliança saíram vitoriosos e o Paraguai deixou o conflito arrasado, com reflexos até nos dias de hoje.



OS VOLUNTÁRIOS DA COLÔNIA DONA FRANCISCA E SEUS DESTINOS**

- Alferes Wilhem Hoffmann – Voltou em 1867 a Joinville em estado de completa pobreza. Sua casa foi penhorada e a direção da Colônia sequestrou o seu terreno por falta de pagamento;
- Carlos Eisendecker – Faleceu no hospital de Corrientes, em maio de 1866;
- Adolph von der Osten - Faleceu no hospital de Corrientes, em abril de 1866;
- Carlos von Reibnitz – Morreu afogado no rio Paraná em maio de 1866;
- Friedrich Knappe – Voltou à Colônia em agosto de 1867, inválido, e em setembro de 1868 um incêndio destruiu a sua casa, deixando-o na miséria;
- David Gentner – Condenado em maio de 1866 a um ano de prisão, seguiu preso para o Rio de Janeiro, onde foi solto;
- Christian Meyer – Faleceu em maio de 1866, de malária;
- Franz Stern – Desertou em 1868;
- Emil Gaensly – Voltou de Rosário em março de 1870;
- August Graeve – Faleceu no hospital de Corrientes;
- Jacob Mayeros – Permaneceu até março de 1870 no Paraguai;
- Hermann Blum – Voltou à Colônia em 1869;
- Hermann Uetzfeld – Faleceu no hospital (não especifica qual);
- Jacob von Vossen – Voltou em 1869;
- Adolph Baurath – Faleceu a bordo da embarcação São Miguel;
- Luiz Richter – Voltou em março de 1870 de Rosário, então Quartel General brasileiro;
- Eduard Seiler – Faleceu em 1868;
- Wilian Neuschaeffer – Permaneceu até o fim da guerra no QG de Rosário;
- Georg Ziegler – Licenciado, foi para Montevideo;
- Jacob Wenz – Faleceu em 1867.

*Fonte: "Colonos de Joinville na Guerra do Paraguai", de Carlos Ficker * Texto-base publicado originalmente no jornal Notícias do Dia/Joinville, em 2015, e ampliado para esta edição. ** Na relação de Ficker só constam 20 nomes, embora nos registros constem 21 voluntários.*





SALUSTIANO SOUZA

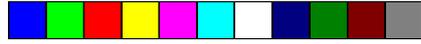


SALUSTIANO SOUZA
nascido em Itajai-SC e radicado em Joinville-SC, é Economista, Advogado e Escritor, com especialização em Economia Industrial, Direito Empresarial e Direito Previdenciário. Foi professor de ensino médio e professor universitário durante vários anos, nas áreas de Economia, Administração e Direito.

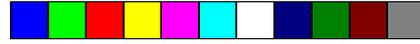
Publicou diversos poemas, contos e artigos em jornais, periódicos e antologias. É membro da Academia Joinvilense de Letras, empossado em março/2016, sendo co-autor da coletânea Ensaios 2 (2017), além de participar, com contos e poemas, em diversas edições do suplemento Hekademeia, editada por essa entidade.

Participou como co-autor das coletâneas Saganossa (2014), Saganossa - Outras Histórias (2015), Janela das Letras (2016) e Viagem das Letras (2017), editadas pela Associação das Letras.

É autor dos romances O eterno Barnes (2013) e As sete Luas (2015), bem como do livro Entranhas (2017), que reúne seus contos e poemas escritos ao longo de sua vida.



Salustiano
SOUZA



A PROCURA

Salustiano Souza

QUERIA SER MÉDICO. Nos poucos anos de criança, abraçava a profissão com fervor, baseado nos livros e na pouca experiência de vida. Médico era tudo. E ia comprar uma Rural para carregar a família que era grande.

Contou para o Emílio, o tal que reunia os garotos no campinho. Meio cego, vivia a mãe mais ele da aposentadoria na casa caindo, no lado do seu Maneca. Moravam de favor, enfumaçando o teto com a luz de “querozena” e fogão a lenha. A molecada ajudou e limparam bom pedaço de chão para o campinho, toda a turma jogava. Acharam engraçado ele querer ser médico e riram, passaram a chamá-lo de “dotô”.

Não ia muito ao campinho. Até gostava, mas era pecado, a mãe dizia. Emílio costurava bolas de futebol. Só das boas. E falava besteiras com a gurizada, besteiras que ele nem sempre entendia, daquelas coisas. Emílio ria com os dentes podres e os olhos semicerrados dos seus precoces quarenta anos. E a mãe, Dona Jorda, já cega. No campinho fizeram bancos e uma mesinha na sombra do mato. Ele até ajudou a capinar. Gostava mesmo de jogar, embora fosse pecado, segundo o dirigente da igreja, e se o pai pegasse, era surra na certa.

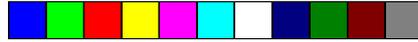
Nas tardes divertidas de calor dava uma esgueirada até lá. Passava escondido por trás da casa de seu Maneca, que vestia sempre branco, era pai de santo, tinha caminho.

– Emílio taí, dona Jorda?

– Tá não, esse menino, foi nu banco prá recebê.

Nas tardes em que Emílio estava, sempre tinha a gurizada da rua. Até o Bimba da dona Carmelina vinha, eles que tinham geladeira e televisão, onde assistiu “O Planeta dos Macacos”. Assistia só durante a semana, porque domingo era dia de igreja, botava calça comprida, tinha escola dominical e culto público.





Falava muito da bíblia, leu inteira, nos sábados as crianças aprendiam sobre Deus.

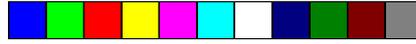
Não entendia como tudo era pecado e Deus nada fazia para punir os ímpios. Lia muito, os livros mostravam outros mundos, outras culturas. Viajou mundos e fundos nos braços das palavras e singrou oceanos na luz bamboleante das lâmpadas de querosene. Mas Deus sempre se mostrava terrível na bíblia, irredutível, tudo era pecado. Não conseguia entender como as outras crianças eram tão livres e podiam brincar.

A gurizada da rua era terrível, brigavam direto, estudar nem saber. Até falava para eles do que a bíblia dizia. Gostava de falar das passagens históricas, das sagas. Moisés conduzindo o povo, Davi matando Urias para ficar com a mulher dele, Elias no carro de fogo, e por aí vai. Agora, gostava mesmo era do Salomão, como toda aquela pompa e sabedoria. Isso sim que era rei. Sonhava para que Deus também lhe desse sabedoria, mas parece que a coisa tinha mudado e Deus estava cuidado de outros afazeres. Aliás, antigamente era mais excitante, Deus envolvia-se mais com o dia-a-dia das pessoas. Tinha milagres grandiosos: o mar secando pelo cajado de Moisés, vários “levanta-te e anda” de Jesus, o sol parando pela mão de Josué, as pragas de Egito, coisa de louco. Hoje não, os milagres eram sempre mixurucas:

– Deus curou o câncer da Irmã Aparecida...

Irmã Aparecida morreu três meses depois. Era de idade, Aparecida não era nome de crente, se converteu depois, não podia trocar. Mas a barriga roncava de fome. Ah, nos tempos do maná ou das perdizes no deserto, ou dos cestos de pães e peixes do evangelho, aquilo sim que era milagre. Às vezes, contava para o pessoal essas coisas, mas eles não acreditavam. E as dúvidas eram muitas, muito suas, não tinha coragem de contar para ninguém. A gurizada às vezes escutava, dava sua opinião, muitos achavam que ele inventava essas coisas. Dava uma discussão danada. Chegou a levar a bíblia no campinho para provar que Noé, bêbado, andou transando com as filhas. Estava lá, convenceu todo mundo. E chamavam de dotô. Só na gozação.





Dona Juveci uma vez meteu a boca nele, porque andou ensinando besteiras para o Wilian. Logo ela que jogava casca de bacucu no meio da rua. Não ensinou besteira coisa nenhuma, ensinou como era a fecundação. Estudavam juntos na Escola da Tupy e o Wilian mais o Miro gritavam palavrão quando passavam nos eucaliptos da rua Nova, só para ver o eco. Achava pecado xingar. Apanhou muito um dia porque chamou o colega de filho-da-puta, jamais sabendo que isto era palavrão. Também nunca ninguém lhe explicou.

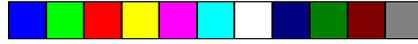
Deu bafafá na rua quando descobriram que o seu Vilásio andava se engraçando para o lado da mulher do Coceira. Da mulher e das filhas. Elas moravam com o Coceira na beira do rio, iam à igreja, e um dia, com duas filhas adolescente, a mulher resolveu abrir uma “boca”. O Coceira, marido traído, ficou com os filhos menores morando na beira do rio, enquanto ela abriu sua “casa” uns metros dali, de madeira novinha. De onde veio o dinheiro ninguém sabia. E o Vilásio se engraçando, aos sábados, metido no macacão da Tupy, lavado e passado, pois não tinha outra roupa, empurrando a bicicleta em direção à casa das “meninas”.

A mulher do Vilásio não perdoou. Foi buscar o galanteador no antro do pecado, puxando-o até em casa, não sem antes esmurrar a cara muito pintada da filha do Coceira. A rua virou em polvorosa, e quando o Vilásio passava, a gurizada não perdoava:

– Ai que coceira, ai que coceira...

Lili, já rapazote e Zequiel, mais moço, raquíticos filhos do dito cujo, se entrincheiravam no pé de cambucá da casa do Bimba e alvejavam a gurizada que tirasse sarro. Na guerra valia tudo, quem apanhava chorava, não raro as mães se engalfinhavam no palavreado sujo do bate-boca. Inocentes também eram alvejados sem dó nem piedade, e o que não podia deixar de ser, ele também foi alvejado e o cambucá manchou a camisa do uniforme da escola. Logo ele que nunca brigara, não contou tempo, chamou o Lili “pra porrada”. Uma sensação. A gurizada cercou os





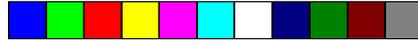
contendores, e ele, mais forte, mantinha o Lili imobilizado com as costas no arame farpado, e a turba incentivando. Num záz, apareceu a mãe do Lili com uma acha de lenha na mão, a gurizada sumiu e ele viu-se frente a frente com o instinto materno enfurecido:

– Sai daqui seu “disgramado”, vocês são “gordo”, meu Lili é magrinho...

Fora essas poucas incursões nas rixas de rua, era aplicado, lia muito e ganhava prêmio na escola, uma caneta, um brinquedo de plástico. Para ele aquilo valia muito. Sonhava. Como sonhava. Os livros eram munição para seus sonhos. Ao lado dos rompantes do pai, que dava bofetada ao deus-dará, buscava lenitivo nos livros. O pai, podre coitado, doente dos nervos, vivia na luta pelo encosto, que sempre cortavam. A mãe na Tupy, de zeladora, arrumou briga com a igreja, porque tinha que usar calça comprida, ainda bem que o dirigente da igreja autorizou, só usava dentro da fábrica, nem no ônibus podia. A doença do pai era desgraça, entre as idas e vindas da antiga IAPI, hoje INSS, quase passavam fome. Seu Jomaia mandava avisar que não podia mais vender fiado porque a conta estava grande. Então eles oravam. As mães também ajudavam, o pai fazia biscate, capinava, roçava, consertava. Elas pagavam com aveia, trigo e óleo em latas grandes, da “Ordem para o Progresso” que os americanos mandavam. Era para ajudar os países para combater os “comunistas”. As mães ajudavam as pessoas, faziam curativos e diziam para as crianças estudarem. Pena que elas não iam para o céu, porque não eram da igreja. Gostavam dele, davam revistas, mas a mãe queimava, eram do pecado.

Oravam sempre. Para comer, para dormir. O pai orava em palavras ininteligíveis, em voz alta. Ninguém entendia. Também não precisava, Deus entendia cada um separadamente. Aquelas orações para Deus eram como música, diziam na igreja. Quando dava trovoada também se ajoelhavam e oravam. Grandes relâmpagos riscavam as gretas de madeiras da casa e iluminavam tudo, aí vinha o toró:





– Mãe, “tá” molhando as cobertas!

Não entendia porque sempre oravam nas trovoadas, pois se Deus mandava a chuva com tanta força, devia imaginar que a casa dos pobres podia cair. E nem sempre a trovoada passava logo. De noite era pior, o vento apagava a luz de querosene, e o medo empurrava a cabeça para baixo das cobertas. No dia que o tio Mário veio de São Paulo deu uma trovoada muito forte, a água passava por debaixo dos pés na cozinha de chão batido e ninguém orou. Estranho que a trovoada passou mais rápido.

Achava que Deus estava meio longe dos crentes, porque os ímpios tinham mais coisas. Ou era alguma estratégia para conseguirem coisas melhores no céu. Pensava muito nisso. Comparava. Seu Daniel, italiano que xingava “porca hóstia” tinha geladeira e um sofá onde a gente se afundava. Adorava quando dona Luzia oferecia pão com margarina geladinha. Seu Varte, marido da Juveci, apesar de encher a cara todo dia, comprava um monte de coisas para os filhos. Tá certo que tinha gente mais pobre que eles, o Vilásio, pai do Lili, por exemplo. Tinha aqueles pretos que alugaram a meia-água nos fundos da Juveci, só comiam farinha. Tinha a família do seu Justino, com quinze filhos. Quando choravam a mãe dava comprimido para dormir:

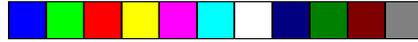
– Pois é, muié, quem dorme não chora e não tem fome.

Seu Jomaia era bom, tinha jornal para saber quem passava na Escola Técnica, e quando o irmão fez o teste a mãe mandou saber. Fascinava o vidro gomado, igual tangerina, com todas as balas dentro. Até ganhava algumas. Na venda, final de tarde, no puxado cercado de mata-junta o pessoal parava para tomar cerveja. Quando vinha da cidade com a mãe, na subida do morrinho, queria saber o que bebiam:

– São tudo uns ímpio.

Naquele puxado, nas tardes quentes, aprendeu datilografia com a Mazilda, filha do seu Jomaia. De graça. Tinha vergonha dela, moça bonita, cheirosa, só que tinha pecado, porque pintava as unhas. Gostava mais da Dete, da igreja, que casou logo.





Adorava sentar ao lado dela, o chamava de namorado, sabia que era brincadeira, ela era moça feita.

Achava estranho o seu Maneca. Tentava descobrir porque ele era tão misterioso, além de pintar os sapatos velhos de branco. Tudo tinha de ser branco. Fazia despacho. Muita gente ia lá, e ele curava as pessoas, principalmente dos males do amor. Não cobrava nada, mais traziam presentes, uma xicrinha, um pirex, um bordado:

- É pouco, só de coração.
- Não se “aprecate”, filha, Deus tem muito.

Não entendia o Deus deles, bem diferente, porque deixava jogar bola, mulher cortar cabelo, andar de calça comprida e fumar. Fumar não, dona Paula fumava de teimosa e contra a vontade dele, dava aquelas tossidas esgazeando os olhos, de quase morrer. Na secura de suas pelancas usava frente única, com os peitos secos, sempre sarcástica e engraçada, fazendo curativo e aplicando injeção na vizinhança:

- Eu faço furinho, mas quem mata é Deus...

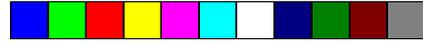
Os rituais das sextas e sábados na casa deles eram cheios de canto cadenciados e tambores. O pessoal respeitava. Ele nem sempre via, pois ia à igreja e quando voltava geralmente já tinha acabado. Às vezes, varavam a noite, vinha muita gente, a maioria vestida de branco, e a cantoria infernizava a vida dos vizinhos. Não tanto quanto os pernilongos no calor, só espantados com a fumaça de pano queimado, que ardia os olhos.

Seu Maneca era santo, diziam, mas não acreditava muito, apesar de admirar a fala mansa e o jeito bondoso, parecia instruído. Emprestou algumas vezes jornal para ele ler, falava da ditadura e do “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Nada o incomodava e só o viu irritado quando jogaram pedra nas telhas na madrugada das cantorias:

- O desgraçado vai quebrar a perna.

Dito e feito, quem quebrou foi o pai, mas não foi ele quem





jogou pedra, tinha certeza, tinham ido à igreja naquele dia. Certamente foi o Mário do seu Vermute, aquele guri safado. Mas a vizinhança não perdoou, e a fama de seu Maneca ficou maior. Assistiu uma vez o ritual deles. Ele, o Mário e o Bimba. Tinha curiosidade, queria saber como era. Seu Maneca aprovou com o rabo do olho. Estava paramentado de vários colares e branco. Batiam muito tambor e cantavam. Dona Paula passava de boca em boca uma cuia de coco com bebida dentro, todos davam uma bicada. O gosto era igual ao que ela dava para eles escondido da mãe. Meio doce, meio azedo.

Lia tudo o que aparecia. Devorava. Juntava revistas que jogavam fora. Tinha “O Cruzeiro” e “Seleções do Reader’s Digest”. O comunismo na Ásia, a luta da América para salvar o mundo, a potência que era o Brasil, um tal de AI-5 veio resgatar a moralidade do país, aqueles baderneiros estavam sendo controlados, parece que Herzog tinha morrido, a igreja católica defendendo o rigor da lei. O pastor falou que não se devia ir contra a ordem instituída, que devia se respeitar as autoridades. Como a igreja católica, que era o anticristo, podia também defender a mesma coisa?

– Cuidado, existe muito lobo em pele de cordeiro...

Quase não ia mais no campinho. Ainda jogavam bola. Emilio tinha muitas revistinhas, Tex, Zorro, tinha umas de mulher pelada, mas só podia ver lá, porque senão a gurizada as traziam melecadas. Vivia muito mais na biblioteca pública, duas a três vezes por semana, encontrava-se com Dumas, Alencar, Machado, Defoe, Cervantes e todos os grandes.

Viajava nas diversas culturas. Carregava livros para casa. Lia tudo o que os vizinhos tinham. Dona Edite, que também se converteu depois, tinha o livro “O moço e seus problemas”, que lia aos pedaços na casa dela. Um dia, aproveitando que mãe estava junto, pediu emprestado:

– Levar pode... Só que ensina como nasce neném...

– Então não pode – falou a mãe, ríspida.



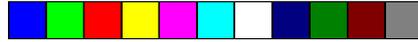
– Ora, já sei tudo...

O tabefe marcou o rosto pequeno. Lágrimas furtivas lhe ensinaram que a verdade às vezes dói. E como dói. Era curioso, entrou no cinema sozinho, no Cine Palácio. Viu o cartaz, nem se lembra direito, era de luta. Queria saber como era um cinema. Nas brigas da tela grande o mundo desabava, o medo quase não o deixava assistir. Jesus estava para voltar. E se viesse agora, que estava ali no escuro? Era pecado e não tinha como pedir perdão. O alívio do “the end” lhe trouxe a luz e a certeza de que o mundo continuava intacto. Havia soldados na Praça da Bandeira, ficou parado vendo revistarem pessoas e carros.

Adorava andar no centro, vinha de bicicleta. Estavam aumentando a ponte do mercado público. Vinha até a Praça da Bandeira, sempre tinha novidade e mascate. Veio comprar sardinha, era sábado, e o homem na praça tinha uma caixinha mágica que fazia aparecer dinheiro. Ficou fascinado. O homem pediu dinheiro de todo mundo para botar na caixa, de cada nota, conseguia outra igual. O mágico guardou um pouco de dinheiro e devolveu o resto, pediu de novo dinheiro, dessa vez ele não titubeou, entregou o dinheiro da sardinha para ter o dobro. O homem disse que esse dinheiro era dele agora, pelo trabalho que tinha, e não quis devolver. Aos gritos, exigiu seu dinheiro de volta, era para comprar sardinha, pois ia apanhar da mãe. Todos riram. Sonhou com a caixinha mágica por muito tempo.

Terminou o primário e foi estudar no colégio das madres. Não tinha ginásio no Boa Vista, mas iam construir. No começo do ano precisava de uniforme, passava algumas semanas e a diretora chamava para saber por que ele estava sem, e então começava a chorar, porque não sabia explicar a pobreza. Com pena, mandavam comprar uniforme para ele. Dona Sônia, professora de geografia, comprou também uma jaqueta linda, que ele usava até nos dias quentes. Queria dar um beijo nela, tinha vergonha. Era bonita, tinha as unhas pintadas. Ficava se perguntado se pintar a unha era mesmo pecado, não conseguia entender como tanta gente podia estar errada e poucos da igreja estarem certos. E Deus não aparecia para responder. Seus pais





já não eram referência, porque sabiam menos ainda.

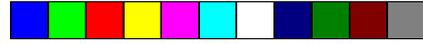
– Deus é a resposta.

Mas a igreja só ensinava o amor para Deus, e não o amor da família. Questionava tudo, a professora pedia silêncio...

– Para de perguntar, menino. Tornou-se convencido, a leitura lhe deu conhecimento, esnobava. A professora de português gostava, ele adorava redação.

Naquele ano o presidente da república veio, teve bandeirinha para todo mundo acenar. Passou bem na frente da rua, vários carros, todos pretos de janelas fechadas, muita poeira. Não viu nada nem ninguém, mas a rua toda gostou do presidente, porque ele estava acabando com os comunistas. Até na igreja falaram deles, aquele bando de sanguinários sem coração, que derrubavam igrejas e matavam missionários. A cortina de ferro era o horror, e estavam querendo nossa Amazônia, o pulmão do mundo e lá pelos lados do Araguaia teve chacina, a professora falou de um tal de Lamarca, mas pediu para não contarem para ninguém. Um professor de educação física foi preso, falava mal do governo, ele era muito legal, dizia que quando a gente crescesse ia ter vergonha desse país, não sabia por quê. Engraçado, escondiam as coisas, ninguém falava do professor preso, das latas da “Aliança para o Progresso” que as mães ainda distribuíam. O governo era bom, mas a barriga às vezes ainda roncava.

A professora Cláudia levou texto de escritora catarinense, sobre o mercado de Florianópolis. Do cheiro adocicado da pimenta e do movimento de gente. Adoraria conhecer Florianópolis. Já tinha viajado tanto nos livros. Apanhou o livro na Biblioteca Pública, o nome era *Sangue sem Dono*, a professora ficou espantada, o livro não era recomendado para menores, pediu que devolvesse. Apenas queria conhecer Florianópolis. Seu irmão mostrou o livro para a mãe. Se aquilo era coisa para guri pequeno ficar lendo, levou uma surra. Mas só queria conhecer Florianópolis.



Tanta coisa no mundo, nada sabia, queria saber mais. As aulas eram cheias de porquês sem resposta. Deus agora mais incógnito não dava os ares de sua graça, sentia ser minoria diferente. Assim como muçulmanos, budistas e tantos outros. Kardec, Lobsang Rampa, Confúcio, Maomé, todos com seus deuses, com suas teorias. Daninken causou furor ao provar que os deuses eram astronautas, ainda mais que o homem tinha pisado e repisado na lua:

– Chegará o dia em que a lua se tornará sangue...

Em clima de “pra frente Brasil” Elis denunciava o choro das Marias e Clarices enquanto Raul Seixas questionava tudo e todos, afinal havia nascido há dez mil anos atrás. Rompeu com a igreja, aliás, havia rompido de muito, apenas não oficializara. As crises existenciais passaram a ser amainadas pelo sexo oposto, no desabrochar da adolescência. Sempre lia, sempre sonhava, a imensidão do mundo era pequena. Era mais e queria mais ainda.

Cresceu. Foi para o Exército, longe, em Brasília. Naquele dia acordou cedo, ninguém levantou para fazer café. Beijou a mãe que dormia e saiu no amanhecer. A imensidão do mundo era sua. Não mais voltou para casa, mas ainda busca respostas.



MILTON MACIEL

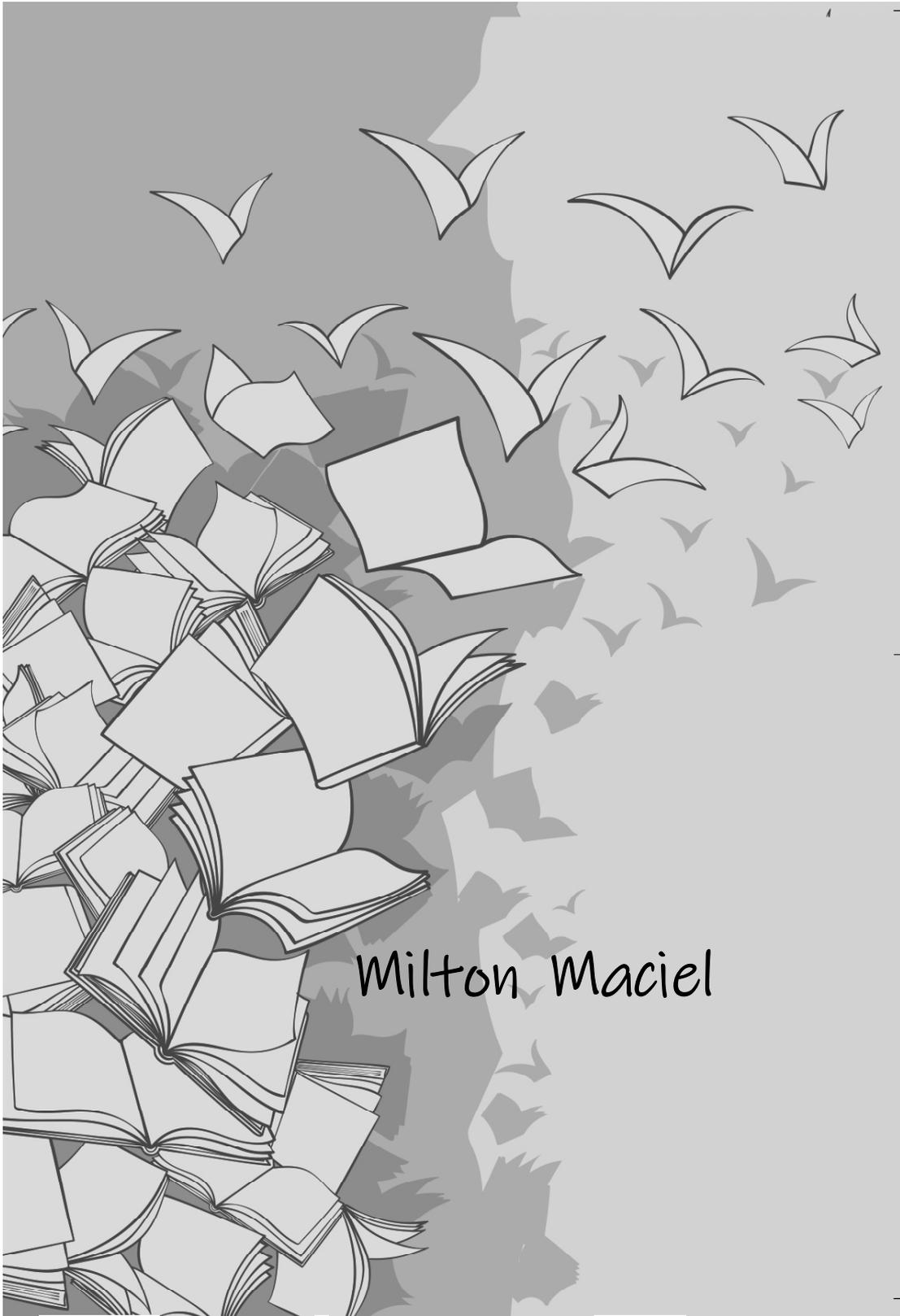
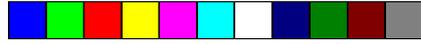


MILTON MACIEL
nascido na fronteira gaúcha com o Uruguai, é escritor, editor e conferencista internacional. Dos 14 aos 28 anos morou em Porto Alegre, onde estudou engenharia química. Viveu 25 Anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor. Residiu durante quatro anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para morar em 2003, porém de 2007 a 2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos, como conferencista, escritor e ghost writer.

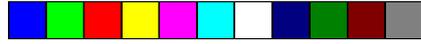
Tem, até o momento, 39 livros publicados, em 4 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de agricultura orgânica, nutrição, etanol e astronomia.

É membro da Associação das Letras, da Confraria do Escritor e Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul. Acadêmico titular da Academia Joinvilense de Letras desde 2015, foi seu presidente de outubro de 2016 a outubro de 2018. É também membro da Romance Writers of America e da Non-fiction Writers Association.

Em São Paulo, dirige a Escola do Escritor e é o editor da nova Revista Brasileira do Escritor.



Milton Maciel



UM ESTRANHO CERCO

Milton Maciel

O COXO ENTROU ESBAFORIDO NA CAVERNA, segurando o rifle com as duas mãos:

– Não adianta. As coisas nos cercaram. Não tentem sair!

– Mas que diabo são essas coisas?! O que é que elas querem? – perguntou Ivan, agitando os braços nervosamente enquanto olhava a cena incompreensível lá fora.

– Nos matar, isso é o mínimo, já deu pra ver – disse a moça. – Eu também quero saber quem são essas coisas. Mas com esse nevoeiro...

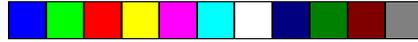
– É, não se vê nada em plena manhã. É o nevoeiro mais esquisito que eu já vi. Não dissipa nunca. E nunca fica mais claro. Afinal, o que aconteceu com o sol? Que horas são? – Ivan falava mais para si mesmo do que para os outros. Surpreendeu-se quando veio uma resposta:

– 7:40. Era para estar dia claro, mas segue tudo turvo, cinzento. Tem algo muito errado nesse nevoeiro – o Coxo sacudia a cabeça para os lados. – Nunca vi algo assim em toda a minha vida. O que você acha, Professor?

O Professor andava de um lado para o outro, pensando, batendo de vez em quando a bota contra a areia fofa do piso da imensa caverna. Era uma formação natural gigantesca, com mais de 1000 metros quadrados, com uma abóbada alta de mais de 10 metros e uma entrada enorme, pela qual entrava luz suficiente para iluminar tudo fartamente. Por fim ele respondeu:

– Não acho nada. Preciso sair e dar uma outra olhada naquelas coisas.

– Claro – o Coxo sorriu, irônico. – E ser frito por elas, como já aconteceu com dois dos nossos.



– Você tem certeza que eles estão mortos?

– Caíram ao meu lado, Professor. Duros, olhos abertos, arregalados. Vieram aquelas coisas e eles foram atingidos. Eu escapei por milagre.

– Fuzil ou metralhadora? – perguntou Ivan, lacônico.

– Aí é que está. Nem uma coisa nem outra. Não houve um único estampido de tiro. Nada. Vieram aquelas três coisas do nada, no meio do nevoeiro. De repente acenderam as luzes, eram como globos enormes, verdes. E nos atingiram com uma coisa esquisita, o barulho que eu ouvi lembra o que se escuta quando a gente sacode um chicote grande no ar.

A moça ergueu-se surpresa:

– Chicote? Como um estalo?

– Não – respondeu o coxo. – Não como um estalo, é uma coisa mais comprida, como se fosse um sopro, um assobio longo, mas com o som de chicote. Aí eles caíram varados por algo, foi instantâneo, morte na mesma hora. E sem sangue algum.

O professor não conseguiu mais se conter:

– Eu vou lá fora. Preciso ver isso com os meus olhos. Tá difícil de acreditar no que você está dizendo, Coxo.

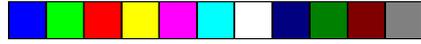
– Vá por sua conta e risco. Eu já falei que as coisas nos cercaram. Vão fritar você.

Ivan e a moça fizeram menção de acompanhá-lo. O Professor fez-lhes sinal para ficarem onde estavam.

– Ninguém mais vai comigo. Se metade do que o Coxo disse for verdade, basta um cadáver a mais lá fora. Vou levar o AR--15.

Disse isso, apanhou o fuzil e saiu pela abertura principal da caverna, três vezes mais alta que ele. Dentro, o silêncio foi total. Tanto o Coxo, como Ivan e a moça, assim como os outros quatro mercenários, permaneceram todos em pé sobre a areia como estavam, com os ouvidos aguçados, tentando escutar os ruídos





que viessem do exterior. Era 6 de abril e o nevoeiro lá fora não fazia o menor sentido nessa época do ano.

O pequeno grupo de doze pessoas estava há quatro dias fugindo das forças do Governo. Exceto o Professor, o Coxo e a moça, eram todos mercenários a soldo do movimento revolucionário. Foram alcançados duas vezes, deram combate rápido e fugiram, estavam em número muito menor que o do inimigo. Em cada uma dessas escaramuças, perderam um homem, ferido mortalmente.

O Professor guiou-os então para a caverna onde estava escondido o arsenal de armas, munição e explosivos que lhes restava. Aquele era um lugar que não constava nos mapas, não havia estradas vicinais por ali, os soldados que os perseguiam não tinham como localizá-los facilmente. Além do mais, vinham em jipes militares, totalmente inúteis para transitar por aqueles leitos íngremes e pedregosos. Teriam que vir atrás dos guerrilheiros a pé, perderiam a vantagem das três metralhadoras fixas dos veículos.

O Coxo tivera oportunidade de ver bem os perseguidores e contar seu contingente: eram 30 homens no início, haviam perdido três nos combates, um fatalmente, os outros dois feridos. Ficaram três com estes, para cuidá-los nos veículos, 24 tinham vindo no encalço dos fugitivos. A pé.

O plano era esconderem-se na caverna e armar o ataque ao acampamento dos soldados no meio da noite, usando os explosivos. Mas então algo havia acontecido.

Na noite anterior, ouviram tiros de fuzil e rajadas de metralhadoras, vindos de onde esperavam estar o acampamento inimigo. O estranho é que os estampidos partiam todos de um único ponto, sem haver revide de tiros vindos de outro. E, depois de um curto espaço de tempo, o silêncio fez-se total.

Subindo ao respiradouro superior da caverna, Ivan e um dos mercenários voltaram rapidamente, dizendo que viram no horizonte luzes fortes, de estranho tom esverdeado, no meio de





um vasto nevoeiro, algo completamente inexplicável em abril.

Tiraram as sortes e o Coxo e dois mercenários foram escolhidos para se esgueirarem furtivamente até algum lugar onde pudessem fazer uma observação mais próxima do acampamento inimigo. Chegaram perto o suficiente para verem algo inimaginável: todos os soldados estendidos pelo chão, imóveis, em posições estranhíssimas.

Ousaram chegar mais perto: estavam todos mortos, 24 homens! Marcas de perfuração nas roupas, diversas, mas nenhum sangue visível. Todos de olhos abertos, esbugalhados...

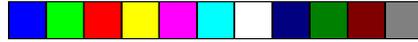
O Coxo e os dois mercenários abandonaram suas armas, pegaram outras mais novas no chão. Apanharam mais armas e munição, tanto quanto poderiam carregar, e trataram de voltar o mais rápido possível à caverna, para dar a boa nova aos camaradas.

Foi quando estavam quase chegando que o estranho nevoeiro surgiu junto com o amanhecer, súbito, inteiriço, denso, incompreensível. No meio dele acenderam-se três luzes, como grandes globos esverdeados. Os três homens abandonaram suas cargas e trataram de correr o mais depressa que podiam para a caverna. Mas as três luzes os seguiram e cercaram. Então os estranhos ruídos que lembravam estalar de chicotes vieram às dezenas e os mercenários tombaram inertes, de olhos abertos.

O Coxo observou-os rapidamente e rolou pelo chão, esgueirando-se até à entrada da caverna. Por alguma estranha razão, as coisas verdes, ou aqueles que as dirigiam, não entraram, permanecendo lá fora. Os camaradas que estavam dentro da caverna chegaram à entrada, olharam a cena insólita, mas o Coxo os fez recuar incontinenti. Seguiu-se o tenso diálogo, até que o Professor tomou a decisão de sair rapidamente.

Cerca de um minuto depois todos ouviram os estampidos do AR-15 em sucessão, sem parar. Os ruídos de chicote espocaram no ar e o Coxo fechou os olhos, despedindo-se do Professor. Seguiu-se o silêncio.





A moça gritou e correu para a entrada. A tempo de ajudar o Professor a se arrastar para dentro. Vinha lívido, pálido, caminhava com dificuldade. Na manga do casaco militar um furo chamuscado, o braço esquerdo pendendo inerte. Nenhum sangramento.

O ferido conseguiu falar:

– É mesmo tudo o que o Coxo disse. Só que eu tive menos sorte do que ele.

– Mas muito mais sorte que os outros dois que estão lá fora – retrucou o Coxo.

– É verdade. Pagaram só o meu braço. Perdi o fuzil.

– Armas é o que mais temos de sobra aqui dentro – observou Ivan, soturno.

A moça aproximou-se, levantou a manga do casaco, todos puderam ver a marca de entrada e saída da munição que atingira o Professor. Não sangrava.

– Antes que me perguntem, não dói nada. Nada mesmo. Mas não consigo comandar meu braço. E examinei bem nossos caras lá fora, antes que começassem a atirar em mim. Bem mortos. Foi quando as luzes se acenderam no nevoeiro. Na hora não pensei em nada, acho que foi automático, disparei toda a munição do fuzil em direção àquelas três coisas. Aí elas revidaram. Eu rolei no chão e me arrastei para cá. Então algo passou pelo meu braço, eu fiquei paralisado por uns segundos, larguei o fuzil, depois segui me arrastando para a caverna.

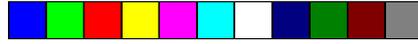
– E ela recolheu você – completou o Coxo.

– Sim, ela me salvou, talvez. Devo agrade...

Então o Professor fraquejou, rodopiou sobre si mesmo e estatelou-se no piso de areia.

A moça jogou-se ao chão, tomou a cabeça do homem desacordado e colocou-a em seu colo. Não disse uma palavra, mas seus olhos se encheram de lágrimas. Sua expressão era de





pânico e desespero. Mas o Coxo auscultou o desacordado e falou, categórico:

– É o choque. Ele está respirando bem, o pulso está lento, mas forte. Vai acordar.

De fato, menos de três minutos depois, o Professor recuperou os sentidos e ergueu-se, sentando no chão. Então todos trataram de confabular e tentaram entender a esdrúxula situação em que se encontravam.

Um dos mercenários perguntou:

– Afinal, quem são esses caras?

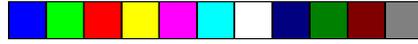
– Pensei que fossem unidades do Governo, com armamento mais moderno, veículos especiais. Até que vi os caras aniquilarem os soldados do próprio Governo – disse o Coxo – Por um instante cheguei a acreditar em milagres. Nosso lado tinha conseguido reforço, era uma unidade super equipada nossa, exterminando os que nos perseguiram. Isso até eles nos perseguirem e começarem a nos exterminar também. Agora não sei mais nada.

Ivan, objetivo como sempre, dirigiu-se a todos, mas, em especial, aos quatro mercenários restantes, seus comandados:

– É simples: os caras lá fora querem nos pegar. Ou eles nos cercam e nos matam de fome e de sede; ou eles invadem esta joça e nos matam aqui dentro; ou nós saímos com as nossas armas e eles nos matam com a maldita munição moderna deles lá fora. Bem, nós somos pagos para lutar, para matar e... para morrer. Somos soldados. Soldados da fortuna, mas soldados. Então eu decido que devemos lutar.

Os quatro mercenários confabularam entre si rapidamente, até que um deles falou:

– Bem, se a alternativa é morrer ou morrer, nós também achamos que o negócio é morrer lutando. Mas, chefe, não existe um meio melhor do que sair por aí dando tiro de AR-15 e de



B&T MP9?

– Certo, meu velho. Sei o que você está pensando, o mesmo que eu pensei. Fico feliz que vocês queiram agir como soldados agora, porque eu iria fazer o que tem que ser feito, ainda que sozinho. Mas vamos lá: nós temos um tremendo arsenal de explosivos aqui. Temos granadas, temos bazucas. Com isso os verdes lá fora não estão contando. Então nós cinco saímos atirando.

– Isso, chefe. Só que não de fuzil e metralhadora. Saímos de bazuca e granada pra cima deles. Aí eu quero ver eles terem tempo de acionar as tais armas modernas deles.

– Mas... e nós? – perguntou o Professor, levantando do chão.
– Também posso atirar com a mão e o braço direito.

– E nós também – falou a moça, apontando para o Coxo.

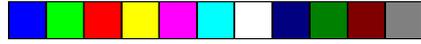
Ivan foi taxativo:

– Não! Nós cinco somos ex-militares, sabemos usar essas armas e explosivos. E somos pagos para fazer isso. Vocês só sabem atirar com armas leves, isso não tem a menor chance com os caras da luz verde lá fora. Cinco de nós chega para darmos combate, o fator surpresa vai estar a nosso favor. Além do que, se ficarmos aqui, morremos todos, nós e vocês, tão logo esses bandidos resolvam invadir a caverna. Isto aqui não é uma fortaleza ou casamata, não tem portão, nada impede que os caras entrem a hora que quiserem.

– De acordo, chefe. Então vamos lá, vamos logo, vamos dar as boas-vindas a esses idiotas lá fora, antes que eles resolvam se convidar para entrar.

Os cinco combatentes foram ao depósito de armas e voltaram com cinturões de granadas. Cada um trazia um bazuca armada, pronta para atirar.

O que se seguiu foi uma verdadeira batalha campal. Da entrada da caverna, os homens de Ivan abriram fogo com as



bazucas contra as esferas esverdeadas. Cinco explosões foram ouvidas. A seguir largaram as bazucas e correram para fora, em direção aos alvos, cada um arremessando uma granada com cada uma das mãos. Mais dez explosões se seguiram. Mas, pouco depois, começaram a zunir os ruídos de estalos de chicote, ininterruptos, até que o silêncio de fez total.

Da entrada da caverna, a moça, o Coxo e o Professor viram Ivan e seus soldados estirados no chão. As coisas verdes continuavam iluminadas, em meio a um nevoeiro ainda mais denso. Tinham vencido.

O Professor levou os outros dois para a escada de corda que subia até o respiradouro da caverna. E ordenou:

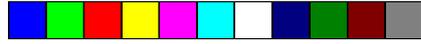
– César, chegou a hora. Não há um minuto a perder. Logo esses malditos vão entrar aqui e terminar com todos nós. Então eu vou preparar a recepção para eles. Não é algo que tenha que ser feito ainda, já mandei montar tudo para uma emergência dessas desde o início, vocês sabem. Então vocês têm que ir agora, saiam por cima e corram o mais que puderem em direção ao oeste. Levem a reserva de água e mantimentos regulamentar. E armas leves, para não dificultar a marcha. Submetralhadoras só.

A moça entrou em desespero, agarrou-se ao Professor, mas César, o Coxo, conseguiu desprendê-la e fazê-la entender que ela tinha a obrigação de se salvar e dar continuidade à luta, caso algo acontecesse ao Professor. Só ela teria força moral para isso, para manter a flama dos resistentes ao regime acesa.

O Professor conseguiu convencê-la que iria encontrar-se com eles assim que fizesse tudo o que precisava ser feito. Sairia também pelo respiradouro e correria para se salvar. Mas antes precisava ficar a acionar os dispositivos de emergência. E podia fazê-lo perfeitamente usando um braço só. Despediu-se da moça com um beijo leve na face, um sorriso largo e um tranquilizador “até já”.

Deu um grande abraço em César e falou bem baixo, para que





só ele pudesse ouvi-lo:

– Vá, meu irmão, você sabe muito bem o que vai acontecer comigo hoje. É inevitável. Salve Laila, só ela pode garantir a continuidade do nosso movimento. Nossos seguidores serão fiéis a ela como foram fiéis a mim e, antes de mim, ao nosso pai. Você é tio dela e meu irmão, sei que vai cuidar muito bem da minha filha única. Leve o meu tesouro, proteja-a. E leve com ela o futuro da nossa luta, a semente da nossa vitória, pela qual vou fazer o que tem que ser feito agora.

O Coxo forçou Laila a subir a escada de corda e seguiu atrás dela. Do topo do monte, os dois correram rumo oeste, sem se arriscar a chegar à beira para olhar as estranhas coisas em frente à entrada da caverna. Poderiam ser vistos ou detectados por instrumentos.

Dentro da caverna, o Professor dirigiu-se ao painel oculto e puxou todas as quatro alavancas. Imediatamente os fluidos começaram a correr nos dutos e comunicaram entre si todas bases do paiol de explosivos. Era a solução final. Tudo tinha sido disposto assim desde o início. Antes perder tudo do que deixar o arsenal cair nas mãos do odiado inimigo. A diferença única era que, agora, o Professor não sabia mais quem era o inimigo.

E a segurança extrema exigira, desde o começo do plano, que a detonação fosse manual. Não era possível correr o risco de tentar uma detonação à distância, por via eletrônica, ou por via de um detonador convencional com um fio ultralongo. A margem para erro era zero. Zero absoluto. Alguém teria que estar ali no momento derradeiro. Suas mãos acionariam os dispositivos e a detonação. Seria sua última ação na vida.

Com tudo pronto, e colocando-se na pequena câmara do fundo da caverna, ele ficou esperando o momento em que os inimigos iriam fatalmente entrar. Saber quem eram eles e por que queriam matar tanto governistas quanto guerrilheiros não tinha mais nenhuma importância. Eram inimigos e ponto final.





Teve tempo então de olhar um pouco para o seu passado, ao mesmo tempo em que sentia uma profunda paz invadi-lo mais e mais a cada instante. Sim, entregava sua filha ao mundo e entregava o movimento revolucionário a ela e a César, o Coxo, apelido que este escolhera usar depois de ferido em combate, meses atrás.

O Professor deixara a Universidade quando seu pai, o Presidente, fora deposto e assassinado pelos militares golpistas. Saía do laboratório de física diretamente para a clandestinidade e, daí, para o exterior. Ali, ao longo de dois anos, havia passado por todos os treinamentos. Voltara ao país, para liderar o movimento secreto e preparar a insurgência. Quando esta eclodiu, em 12 de setembro, Laila já havia imposto sua participação ativa no movimento, estava com 25 anos, não houve como dissuadi-la.

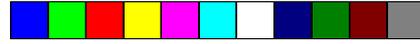
Desde então estivera sempre com ele e com o tio. Agora era a primeira vez que se separavam. E a última, certamente.

Sua filha era forte e decidida. Tinha combinado em si o melhor de seus pais: a retidão de caráter de sua falecida mãe, o idealismo, o senso de justiça e a coragem do pai. Era uma líder nata e uma mulher de bela figura, que impressionava todos que a conheciam.

Nada estava definido. O governo militar era muito forte, desviara impressionantes quantidades de dinheiro público para consolidar tanto seu poder armado quanto a corrupção de políticos e magistrados, tanto da direita quanto da esquerda. O país afundara numa espiral inflacionária e grande parte das conquistas econômicas e sociais, obtidas no período democrático de seu pai e antecessores, estava se perdendo. Por isso mesmo a resistência popular também aumentava e o recrutamento de voluntários continuava crescente. Laila saberia manter essa chama acesa, tinha certeza.

Estava como que antegozando essa convicção quando ruídos à entrada da caverna anunciaram a entrada dos invasores. A hora tinha chegado!





O Professor olhou pela pequena vigia oculta na parede da câmara do fundo. Viu a abóbada, as paredes de rocha, o piso de areia da enorme caverna tingirem-se de luz verde. Uma névoa espessa invadiu o ambiente e impediu uma visão nítida do que se passava à sua frente. As esferas verdes, muito maiores do que um homem, tiveram que entrar na caverna uma após a outra. Pareciam flutuar na névoa cinzenta, a uma altura de três metros acima do piso da grande formação natural.

Como físico, o Professor tentou conjecturar que tipo de máquinas seriam aquelas. As esferas pareciam ser a parte superior de um mecanismo muito maior, que possivelmente deslocava-se sobre o solo, apoiado sobre rodas ou lagartas. A névoa impedia qualquer visualização dessa parte. E se fossem esferas que flutuavam no ar, com a ajuda da névoa? Tentou rapidamente formular uma hipótese baseada em magnetohidrodinâmica, em fluidos condutores, talvez um plasma presente naquela névoa. As coisas deslocavam-se sem fazer barulho algum!

Mas não tinha tempo para conjecturas. Tinha o tempo curto e exato para agir. Fosse quem fosse o inimigo, ele estava dotado de uma tecnologia muito superior às que ele pudera conhecer. Mas agora ele não tinha nenhuma curiosidade em conhecer mais uma. Bastava-lhe saber que sua velha tecnologia de explosivos tinha tudo para dar conta de um insidioso inimigo que, se não fosse destruído, iria ao encalço de sua filha e a destruiria. E isso ele não poderia permitir jamais.

Pensou, quase divertido, que chegava enfim o momento de saber se existia vida após a morte. Tinha lá suas convicções e, ao mesmo tempo, suas dúvidas. Agora, no entanto, iria ter, enfim, certezas.

Sorriu ao pensar que, se existisse, ele em breve iria saber quem era o inimigo das esferas verdes. Quem, quantos, por quê? Tantas respostas ao mesmo tempo, tão logo acionasse a pequeno dispositivo sob sua mão direita.





Esperou que as coisas verdes se distribuíssem pela caverna. Certamente estavam atrás dele e das outras pessoas. Mas estas, Laila e seu tio César, já estavam bem longe e a salvo da explosão. Imaginou, com um sorriso de paz, a revolução vitoriosa, Laila à frente do governo que fora de seu avô, democracia de novo, eleições. Haveria visão mais bela?

Então sua mão desceu mansamente sobre o pequeno cilindro horizontal do detonador. Que se comprovou à prova de falhas.

Uma dezena de explosões espetaculares irrompeu do solo e fez desabar todo o teto da caverna. Grande parte do morro deslizou para dentro do gigantesco buraco aberto. Lá dentro, tudo e todos, fossem quem fossem esse todos, foram esmagados sob milhares de toneladas de rocha.

Findos os deslizamentos, veio o silêncio e o nevoeiro desapareceu.

Enfim... a paz.





ALESSANDRO JOSÉ MACHADO



ALESSANDRO JOSÉ MACHADO

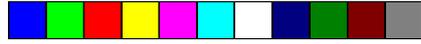
Catarinense de São Miguel D'Oeste, nascido em 28 de janeiro de 1971. Casado com Daniela Garcia e pai do Filipe e da Brenda. Residente em Joinville desde 2002.

“Filho de militar do Exército Brasileiro e uma dedicada Dona de Casa tenho em minha formação intelectual grande débito ao Colégio Militar de Curitiba”, onde passou longos e felizes 7 anos. Tenente Coronel da Briosa e Gloriosa Polícia Militar de Santa Catarina, tendo sido formado em dezembro de 1995, pertencente à Turma Santa Catarina, carinhosamente chamada de “Leões do III Milênio”. Bacharel em Direito, formado pela UNIVALI em 2005 e especialista em Segurança Pública pela UNISUL em 2010.

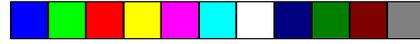
Nos quadros da PMSC, lotado na 2ª Companhia do Batalhão de Aviação, onde ingressou em 2001, após mais de 5 anos dedicados ao 1º Batalhão de Polícia Militar sediado em Itajaí.

Em 2001, foi brevetado Piloto Comercial de Helicóptero, na EDRA Aeronáutica sendo atualmente também instrutor de voo e oficial de segurança de voo formado pelo CENIPA.

Membro eleito para Academia de Letras dos Militares Estaduais – Cad. nº 35. Entre suas obras, destacam-se: Águia urbana, Abordagens Emotivas, Conhecimento geral dos helicópteros, Operação Santa Catarina.



Alessandro
José Machado



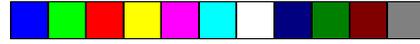
O ÚLTIMO ANO

Alessandro José Machado

QUANTOS ÚLTIMOS ANOS TEREMOS? Haverá o derradeiro, aquele que ninguém espera e que é tão amaldiçoado, o último ano da vida? Mas existem outros últimos anos. Alguns planejados, que falaremos mais tarde. Outros de saudade, que alguns morrem, outros comemoram... O último ano do casamento que ruinou, o último ano de namoro que deixou apenas saudade... O último ano em que bebi, parei por necessidade e saúde, não por vontade própria. O último ano que pulei carnaval, a última ceia do último ano. Cara, essa história de último ano é em alguns aspectos paradoxo, pois tem o último ano que nos dará muitos mais anos, talvez alegrias, talvez tristezas, mais tempo para decidir qual dos dois valorizar...

Que último ano lembrará? Que último ano planejará? O último ano na firma, que de alegre é para o operário que consegue se aposentar, mas terrível para aquele que ficará sem emprego... Mas sempre existe uma nova oportunidade para quem ainda está vivo, uma nova alternativa para ser feliz até o último ano. O último ano do operário aposentado pode ser o primeiro de uma nova vida, ou o realmente o último da vida.

E o último ano planejado? Não do suicida, que em ausência de amor a vida e não consegue ver motivos para estar na terra, motivos que não por maldade nem por ignorância, mas sem saber no sentimento o sentir dos que o amam... Mas não só de tristeza consiste o último ano planejado. Existe alegria de ter completado um ciclo, completado a permanência em um lugar, em uma vida, e na vida de outras pessoas... Completado um tempo que finda, voluntariamente ou não. Militar tem duas peles, o epitélio físico e o epitélio de tecido verde, cáqui, azul ou branco. O militar morre duas vezes, uma planejada e outra não. O último ano da



primeira vez pode ser planejado. Como será a saudade desse último ano? Do último ano da firma, no quartel, na empresa, na editora? O plano é fazer ser saudoso, ser bondoso e benfazejo, e não emaranhado em amargura e coisas mal resolvidas que jamais terão conserto ou remédio. O último ano é isso. É o que você quer que ele seja. Só depende de você!

Sempre terá um último ano. Até que seja o último.

PARABÓLICAS DUARTE

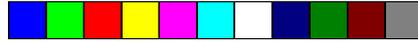
O SERVIÇO POLICIAL É FASCINANTE. As nuances da atividade que vai de atendimento à crianças e idosos, prevenção às drogas com o PROERD e equoterapia para crianças espaciais ao patrulhamento tático móvel, resgate de reféns e radiopatrulhamento aéreo. Sem contar as diversas especialidades, como Policiamento de Choque, Ambiental, Trânsito entre outros.

Porém, a atividade que constitui o carro chefe do policiamento ostensivo e preventivo é o de radiopatrulha. Atendem a tudo e a todos. Desde briga de marido e mulher, perturbação do sossego por som alto, desinteligência entre vizinhos, criança perdida, animais soltos na pista até assaltos a pessoa, roubos de carro, roubos a residência, tráfico de drogas e tentativas de homicídio. Não é fácil esse trabalho. Demanda bastante conhecimento, técnica e sangue frio.

Entre tantas ocorrências que tive conhecimento, algumas chamaram atenção pela cena inusitada, pela jocosidade e pelo certo grau de travessura, que vez em quando é necessário para enfrentar a carga do dia a dia policial.

A rua estava tranquila. Era uma avenida modernizada na grande Itajaí, um dos maiores produtos internos brutos do Estado de Santa Catarina. O asfalto era de um ébano perfeito, liso como um tapete extenso com cheiro de piche, que em muitos





moradores chegou a dar cefaleia. O Pronto atendimento do bairro Cordeiros atendeu a dona Maricota e o Seu Alzir com enjoos e dor de cabeça, reclamando que quando era só de pedra a rua não cheirava mal. Saudosismo puro do belo trabalho que seu Alzir fizera quando peão da prefeitura, calcetando todas as ruas principais da cidade. Era sua obra de arte. Irritava-o ver que todos aqueles quadros pintados pedra a pedra estavam agora eternamente sepultados, debaixo de uma larga gama de petróleo usinado. O médico logo falou que a dor de cabeça dele era a “incomodação” em ver a modernidade chegando, e da esposa, era a “incomodação” que ele fazia por causa disso. Nada tinha a ver com o odor do piche.

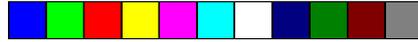
Naquele enfadonho dia, uma viatura fazia sua ronda justamete naquela avenida. O motorista era o Cabo Jean Claude Van Douglas e o Tenente Barba Roxa. Na verdade, nomes fictícios, mas apelidos que representam quem eram no ambiente da caserna.

Já haviam rodado cerca de 100 quilômetros em rondas aquele dia. O tenente era conhecido por gostar de patrulhar e acompanhar todas as ocorrências, que ao final da década de 90 era possível dar contar com apenas quatro viaturas nas ruas.

O sol já estava se pondo. As poucas nuvens estratificadas no céu causavam um belo contraste escarlate com horizonte, passando do vermelho ao laranja em tons suaves, de imperceptível cobrança visual. O rádio balbuciava informações de alguma situação corriqueira, atendida por dois soldados do outro lado da cidade.

O movimento estava paulatinamente se intensificando, com a saída do pessoal das indústrias pesqueiras, bastante comum naquele Cordeiros, onde a própria avenida margeia as águas caudalosas e barrentas do Itajaí-açú. O limite de velocidade era de 60 quilômetros por hora naquela via, e de repente passou um Fiat Fiorino adesivado com logotipo de empresa pela viatura. A viatura estava com a velocidade de aproximadamente 50 KM/





H, e foi de estranhar o Fiorino ter passado com tanta pressa, ignorando a presença de um ente fiscalizador em seu caminho. Porém, não estando em uma velocidade absurdamente acima do permitido, bem como não estando a pôr em risco os demais transeuntes, passaria totalmente incólume não fosse um mero detalhe. O motorista estava dirigindo ao celular!

Imediatamente, sirene ligada, sinais luminosos do “giroflex” quadrado piscando intermitentemente, “encaudamos”* o pobre veículo utilitário, que imediatamente respeitou a ordem de parada.

– Por favor cidadão, CNH e documento do veículo, solicitou o Cabo.

Uma rápida consulta e pudemos ver que estava tudo em ordem. A rotineira e chata lição de moral, normalmente imposta nesses casos, foi solenemente dispensada. Porém, coube ao tenente, a orientação e o perdão da falta em usar o telefone, usando de seu poder discricionário de apenas advertir.

– O senhor está advertido. Mas se eu o flagrar mais uma vez usando o telefone celular enquanto dirige, irei lhe dar duas multas, por esta vez e pela outra. Estamos entendidos? Disse o tenente.

– Opa, claro, não me verá mais cometendo esse tipo de infração policial. Tem a minha palavra.

– Pois bem, o Sr está liberado. Tenha um bom final de tarde.

Todos embarcaram em seus veículos. Anoitecia. O Cabo Jean Claude observou Barba Roxa sacando a sua caneta e anotando alguma coisa no bloco de notas da viatura. Acreditou que seria a placa, para afinal tê-la em caso de abordar o seu Duarte novamente.

Assim que o Fiat com uma antena enorme em cima da carroceria partiu, ouvira do tenente para segui-lo à distância.

Algumas ruas e minutos depois, o tenente puxa de um dos bolsos do colete policial o celular funcional do Oficial de Serviço



externo. Tecla uns números e ao lado já se podia ouvir o barulho usual de chamada em andamento.

– Alô, quem fala? Questionou a voz do outro lado da linha.

– Boa noite, é o tenente. Por gentileza, o Sr. Poderia encostar o Fiorino?

Abismado, ao olhar pelo retrovisor lateral, Duarte avistou a mesma viatura que o abordara cerca de 10 minutos antes.

Ao parar a viatura, o motorista já desceu com o bloco de multas na mão. O tenente já tinha lhe passado os dados para a aplicação das duas multas.

Incrédulo, Duarte não sabia o que dizer. Apenas ouviu do tenente que o que é combinado não sai caro, e que deveria ter cumprido a palavra.

Ao ir embora, antes de perguntar qualquer coisa, Cabo Douglas viu o número estampado na porta lateral do Fiorino. Dizia, “Precisando se comunicar, liga pra mim: PARABÓLICAS DUARTE, fone...”

– Eu não acredito que o Sr. fez isso – disse Douglas antes de soltar uma estridente gargalhada.

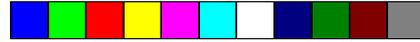
* *Encaudar*: termo usado pelos aviadores brasileiros do “Senta a Pua” nos campos da Itália, em plena 2ª Guerra Mundial, para ilustrar a situação em que um caça consegue ficar colado na cauda do caça inimigo, estando a ponto de abatê-lo.

RESGATE PARA UM FUNERAL

ACONTECEU EM RIO DO SUL NO ANO DE 2011.

A enchente que assolava o Vale do Itajaí ocupava o tempo de todas as aeronaves de resgate presentes no evento. O céu





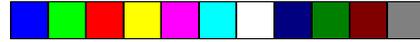
estava repleto de Esquilos, Koala e B4. Os Águias de Santa Catarina e São Paulo, com o Arcanjo Catarinense, o “Polícia” negro da Polícia Civil e o Falcão paranaense desdobravam-se nos voos de transporte de enfermos, medicamentos, água potável e alimentos para os desabrigados. (Na aviação militar e policial, é comum rebatizar as aeronaves com nomes que representam o espírito lutador e aguerrido das Unidades Aéreas. Surgem Águias, Arcanjos, Falcões, Fênix, Resgate, Pégasus, entre outros.)

Na primeira semana, porém, apenas o Águia da Polícia Militar e o Arcanjo do Corpo de Bombeiros estavam atuando. Os resgates eram muitos. A água que cobria o telhado das casas parecia teimar em não baixar, sendo em muitos momentos alimentada pela garoa fina que caía. Na situação precária em que até o quartel dos Bombeiros Militares estava submerso, a logística toda era concentrada no quartel do 13º Batalhão, que fica em uma área alta de morro. O Águia 01, da Companhia de Joinville pertencente ao Batalhão de Aviação da Polícia Militar estava pousado no campo de futebol dentro de suas instalações. E dali alçava os voos, começando já ao nascer do sol.

Passados alguns dias de operação, a guarnição militar de serviço composta por dois oficiais e duas praças, operando desde o início do evento, foi acionada para um resgate de cadáver. Até aquele momento sabíamos apenas de uma vítima fatal da enchente, que havia sido um jovem que sofrera uma grave descarga elétrica ao tocar uma linha energizada tendo o corpo em boa parte debaixo d’água. Chegamos a pensar que seria esse caso, porém os soldados do Corpo de Bombeiros já haviam feito de barco essa remoção.

A informação dava conta que seria às margens da BR 470. Na ocasião, o Comandante Cap Machado e seu Co-piloto Cap Reisdorfer “brifaram” os Soldados Mello e Carpes que seria usada uma rede para recolher o corpo, sendo este transportado em carga externa à aeronave, sendo suspenso e levado até um descampado que ficava ao lado do cemitério. A estranheza e





certa desconfiança já tomaram conta dos tripulantes. O porquê de levar até o cemitério. Seria logo enterrado ou o IML estaria coincidentemente naquele local para receber o morto?

Como missão dada é missão cumprida, imediatamente deslocou-se para a rodovia. A cidade estava ilhada, e ao chegar na rodovia a impressão que dava era que o asfalto brotava das águas de repente, como uma enorme serpente negra que exibía partes de suas costas fora da água. Muitos carros estavam parados em toda sua extensão. Não havia como progredir nem como recuar. Tudo parado.

O voo à baixa altura seguia a rodovia na intenção de avistar algum corpo boiando na margem. Passaram-se minutos e nada. De repente, o resgatista posicionado na porta avistou em tinta branca pintado no negro do asfalto os dizeres “morte” e algumas pessoas acenando. Pousamos a aeronave entre os carros para

com maestria. Aquele corpo, em rigidez cadavérica foi acondicionado com cuidado na rede. Estava todo engomado, em um terno impecável, de gravata e tudo.

Tudo pronto, aeronave decolando, o cabo esticando e logo estávamos fora do solo. O corpo ficou retinho em pé. O único problema era tentar não sobrevoar áreas habitadas, pois pingava um líquido estranho do cidadão. Tudo narrado pelo Carpes.

Fomos devagar, e o vento causava efeitos extravagantes para quem observava de fora. Um homem de terno, pendurado em uma rede sendo conduzido pelo helicóptero da Polícia Militar, acenando para as pessoas (as mãos moviam-se para frente e para trás) com a gravata que tremulava mais que a Bandeira nacional em dias de chuva.

Chegamos ao cemitério. Ainda hoje me lembro da expressão de espanto na face pessoas. Alguns familiares, outros amigos, desconhecidos de outros enterros, todos boquiabertos com o ilustre chegando de helicóptero para o próprio enterro.





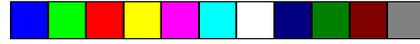
Foi uma entrada triunfal. Ou uma saída, depende do ponto de vista. Mas o desfecho foi ainda mais traumático. Como o corpo estava rígido, todo cuidado era pouco para deixá-lo no chão. Havia muitas pessoas no local, então resolvemos baixar em um ponto um pouco mais afastado, onde tinha uma viatura policial. O PM, muito vivaz, imediatamente isolou o local para que pudéssemos alijar a carga.

No ponto. Aeronave pairada e o Mello orientando “abaixo, abaixo”. De repente, quando tocou em solo, o corpo partiu-se em umas três partes. Que coisa feia.

Muito rápido, desenleamos o ilustre passageiro em seu voo final, recolhemos nossa rede e sem cortar o motor decolamos para a próxima missão. A bronca ficou com os policiais lá no local, que ficaram de entregar o morto à família.

Nossa parte, fizemos...





ONÉVIO ZABOT



ONÉVIO ANTÔNIO ZABOT

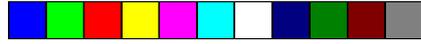
*Herval do Oeste/SC (1953).
Engenheiro Agrônomo e
advogado. Especialista em
Direito Ambiental.*

*Poeta: participação em
coletâneas e antologias: Jornal
da Poesia (Fortaleza, Ceará) -
Dois mil poetas da língua
portuguesa; edições Galo
Branco – Poesia Para Todos - RJ.
Premiado em concursos
literários: Prêmio Evilsásio
Caon (OAB/SC; Prêmio Silvio
Castro (RJ); Prêmio Lindolfo
Bell (SC). Livros publicados:
poesia –Arco de pedra (2000),
Campo de nozes (2019) e
Redescobrimdo o campo (1917).*

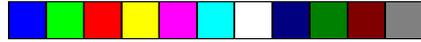
Membro da Academia de Letras

*Poeta Cruz e Sousa (Itapoá/SC),
da Confraria das Letras, da
Associação das Letras e da
Academia Joinvilense de Letras.*

*Articulista: artigos publicados
nos jornais A Notícia, Jornal de
Joinville, Extra, Diário
Catarinense, Notícias do Dia, O
Pescador, Notícias da Vila e
Jornal de Pirabeiraba.
Geopoética de raízes
campesinas. Universo rural.*



Onévio
Zabot



PARREIRAIS DE MINHA INFÂNCIA

Onévio Zobot

E SE foram os anos
de colher uvas.

Safras amigas.

Parreirais de minha infância...
Papai socava uva com os pés,
pois pés descalços fazem vinho.

Sargaços,
breves bagaços de aurora
de quem bota
regatos fora.

As pipas de Vovô,
enormes lá no porão,
cresciam como invernadas
florindo.

Ó Deus, era pequeno
e não sabia que o mundo
cresce nos bagos de uva.

Verdes pássaros pequeninos,
sem destino.
Depois azulzinhas...
Cachos de esperança
em minhas mãos de menino.

Parreirais de minha infância...
Parreirais de minha infância...

Aonde andam aquelas uvas?

Eterna saudade,
ó Deus, que doce lembrança!

ONDAS DE REDE

O IMENSO
balanço das horas
atraiu-me
naquela tarde.

Balanço de rede.
Balançar.

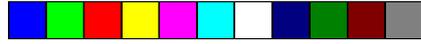
Pés e mãos
atados ao vento...
Puseram-se meus pensamentos
a voar.

Hora estavam no céu,
hora estavam no mar.

E arfou a rede
imersa...

Pôs-se a balançar
presa nas ondas
do bem-amar.

Ó doce ventura!
Como é bom sonhar
quando a rede balança
como balançam
as ondas do mar.



ANASTÁCIA

ALI na lápide fria,
parece remoçar...
Negação do espanto.

Na cabeceira, lá está o retrato...
Enaltecer a eterna moça,
à moça mais linda do povoado.

Nasceu ainda ontem,
como nascem
as aves alvissareiras.

E nuvens desprendem-se,
esvanecer-se às sobranceiras...
Margaridas amarelas.

Mas aquele olhar,
por Deus, ó santo Deus!
Que grata surpresa...

Expressar-se às arvozeiras,
olhar singelo...
Enaltecer às ervas rasteiras.

E fadas voam, e voam,
E ao voar reconstróem castelos
nos quintais da esperança.

E Anastácia, calada,
nada pede,
apenas recolhe orvalho à
mão cheia.

Teares verdes,
renovação da esperança.
Crianças crescendo,

como crescem as rosas
nas manhãs do mundo.
Quintais de casa.

Nada mais pede Anastácia,
senão encanto e doçura
nas mãos de Deus.



GRATA SURPRESA

PEQUENINOS apresentaram- se,
um a um devagarinho
dobravam galhos verdes...
Dançarinos do entardecer.

Desfilavam ao leu,
desafiando as ramadas.
Quando os vi, exibiam-se...
Desenhavam o azul no céu.

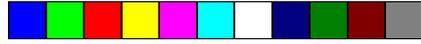
Joel os apresentou,
um a um, toda a turminha.
Mamãe com filhotinho
às costas pôs-se a caminho.

Danadinhos, os sacanas...!
Olhares ressabiados,
esbanjavam carinho.
Pediam apenas bananas.

Por favor, um bocadinho!
O maiorzinho dá um salto...
Abraça o mundo.
Por Deus, quanto carinho!

Nem quiseram saber de mim,
sabiam que não era dali.
Recolheram-se a espera
que partisse, enfim.

Demora danada demora,
se vivo de curtir a natureza...
E mais ainda os frágeis saguis.
Ó Deus, que grata surpresa!



CAVALOS EM ULAN BATOR

CAVALOS alados
coabitam Ulan Bator.

Pégaso e Hipogrifo
desvendam o azul...
Leite branco
de égua em cio.

Cio da terra!

Gengis Khan
porém não está mais lá,
e nem falanges povoam o Mar
Cáspio.

Nuvens passageiras
retiram-se ressabiadas.

Amplidões d'Ásia...!
Mongólia de cavaleiros andantes.

Ó insignes águias!
Vastidão a estender-se
além de vossas casas.

Incansáveis asas
devoram a solidão
do mundo.

Asas do espanto.

De Ulan Bator
partem cavalos ensimesmados
com suas celas de prata.

Vasculham a solidão do mundo,
cavalos de Ulan Bator.

110



ARPEJAR ÀS CALENDAS

ARPEJAM as harpas
para encantamento do mundo.

Há as paraguaias...
Essas carregam seus pássaros
coloridos.

Bemóis ao encanto,
dançarinos do entardecer.
Ou apenas sustentados
ao renascer.

Reverberam ao verde,
as harpas.

Provocação aos pássaros
entristecidos.
Descansam enfim
os pássaros desiludidos.

E outros, nem tanto,
pois vivem de lembranças.
Pássaros verdes,
verdes versos da
esperança.

Há aqueles pequeninos,
carregam árvores
nos ombros.

E outros maiores,
apresentam versos
à imaginação...

Ilicitude às calendas...

Acordes ao vento,
esperança à mão.

Arpejar às calendas,
ó quanta desventura!
Desventuras da ilusão.



INGRATO DESENCANTO

EM OUTROS tempos,
ali arrozeiras.

Hoje prédios desgovernados
refazem a memória do tempo.

E não há mais lâminas
contendo gramados.

Apenas o suor,
rende-se às aves sobranceiras...

Última víbora,
refúgio ao ingrato desencanto.

PAPAGAIOS CHARÃO

E VOAM os papagaios charão
rumo à extensa selva...
Inebriar-se às breves constelações.

E voam os papagaios charão.
Não sozinhos,
pois com eles
voa todo o sertão.

E pinheirais desfilam
sob a luz das estrelas...
Imensidades desdobrando-se,
breves frutos da ilusão.

E assim voa o mundo
à caça do espanto,
pois sempre haverá luz
onde sobra encanto.



ADEUS AOS ANOS

ADEUS, se preciso me vou,
até porque nem sei por quanto tempo
devo estar por aqui
colhendo rosas no jardim.

Como canto derradeiro, resta-me dizer:
sobretudo encantaram-me as corredeiras
e as verdes florestas de minha infância.

Pescar lambaris.

Depois veio a peste dos homens...
A gripe espanhola sufocando raízes.

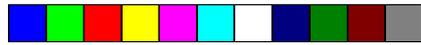
Continuei a caçar perdizes, no entanto;
mas veio o coronavírus,
e fiquei muito triste, triste mesmo,
pois vivem as universidades a esmo.

Eterno sonhar...
Cadê Oxford, cadê Harvard!

Se já não abrigam pássaros,
quem nos salvará!

Pobres universidades,
em pleno século XXI sequer pescam
andorinhas no ar.

Nobel à ignorância,
breve versos a lua-cheia.
Sangue brotando nas veias.



Ó Deus, quem nestas horas nós salvará,
se as universidades vivem
vivem ao Deus dará!

Prometem mundos,
mas que mundo ousam entregar?

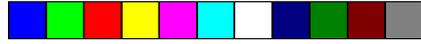
Nuvens de vírus no ar.

Que arte encerram,
que ciências as movem
se vírus pequeninos
as encoivaram.

Inóspitos habitares...

Abestadas princesas,
sapatilhas de vento ao luar!





ELSE SANT'ANNA BRUM



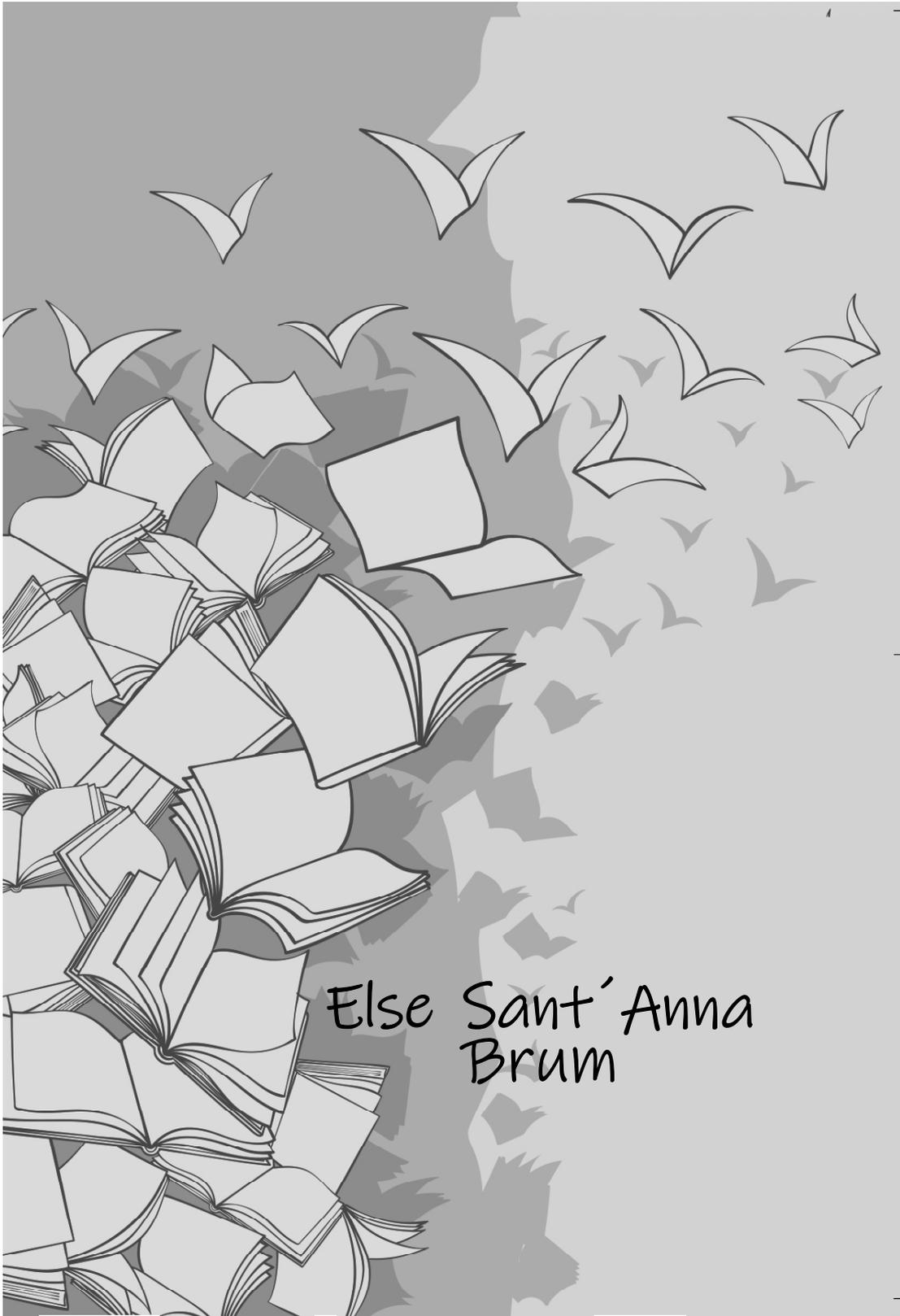
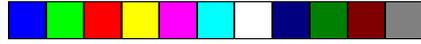
ELSE SANT'ANNA BRUM

é joinvilense. Formada em Letras, pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura.

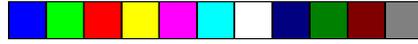
*Escritora de livros infantis e poetisa. Além dos livros infantis, sempre teve seus trabalhos publicados em jornais, revistas e antologias. Seu livro de poemas *Hóspedes do coração* foi publicado*

*pelo grupo literário *A Ilha*, do qual faz parte. Ocupa a cadeira de número 28 da Academia Joinvilense de Letras desde 2016.*

*Recentemente publicou *CRI-CRÓ* e outras histórias (2019).*



Else Sant'Anna
Brum



DESTRUIÇÃO

Else Sant'Anna Brum

O SOL NAQUELA MANHÃ pediu que as nuvens não lhe empanassem os raios porque era primavera e ele queria beijar todas as flores de todos os jardins.

Por esta razão, o dia estava radiante. A passarada cantava enquanto buscava galhinhos secos, fiapos e musgos para a construção de seus ninhos. As borboletas se atropelavam para alcançar as flores maiores, antes que os beija-flores viessem com seus agudos bicos sugar o melhor néctar, que é o da manhã.

Tudo era beleza. Estava tudo certinho como um carreiro de formigas, quando um ronco forte veio quebrar a harmonia reinante, As árvores do grande parque começaram a tremer de medo quando viram que o ronco provinha de um grande trator que se aproximava. Fincaram suas raízes na terra, achando que ficariam mais firmes e poderiam resistir a qualquer ataque. Já tinham ouvido os passarinhos contar sobre essas máquinas, que os fizeram abandonar seus ninhos em outros parques, onde nada foi poupado.

Tudo tremeu naquele espaço quando uma voz ordenou:

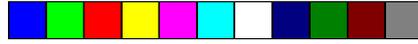
– Nivele tudo por baixo, assim levaremos tudo de uma vez.

O sol piscou várias vezes e a brisa veio correndo consolar as árvores, suas velhas e queridas amigas numa triste despedida. Os pássaros olharam angustiados seus ninhos que estavam ainda no alicerce e começaram a migração.

Um velho bem-te-vi soltou um doloroso “bem-te-vi” de adeus a uma das árvores, que sabia tudo sobre sua vida, pois em um de seus ramos ele nascera e em outros construía seus ninhos.

Em menos de quatro horas não restava uma árvore de pé. A destruição foi total. O velho bem-te-vi, encarapitado no poste em frente, falou para o João-de-barro:





– Parece o fim da guerra de Canudos. Arrasaram tudo!

No outro dia, o João-de-barro encontrou-o morto e disse consigo mesmo:

– Os homens pensam que os animais não sofrem!

Enquanto o João-de-barro pensava assim, chegou a brisa para ver como estavam as coisas. E a brisa chorou! Chorou baixinho, miúdo e durante toda a noite regou com suas lágrimas o parque nu e triste.

Não tardou a surgir um grande edifício naquele local e a brisa, sempre curiosa, entrava por todos os cantos querendo ouvir a conversa das pessoas que ali trabalhavam, mas ela não entendia as pessoas. As árvores sim, as árvores a entendiam e a saudavam com acenos graciosos. As paredes nada diziam, eram imóveis e ainda barravam sua passagem.

Uma esperança, porém, a animava! Talvez aqui será uma Escola. Verei crianças nas janelas e correndo pelo pátio. Crianças enchem a vida de alegria. Elas são como as flores, como os pássaros! E assim com esse pensamento a brisa animava o coração.

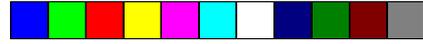
Quando a construção ficou pronta, chegaram certo dia muitos homens em carros bonitos, senhoras elegantes e foi uma senhora bonita que descerrou a placa na entrada do edifício, onde a brisa curiosa chegou-se depressa para ler. Pobre brisa parou aterrorizada, perplexa ao ler:

FÁBRICA DE CIGARROS “MADAME”

Seus sonhos se diluíram no ar, como a fumacinha que alguns dias depois ela viu sair de uma comprida chaminé que ela achava ser um mastro onde as crianças da imaginada Escola hasteariam a Bandeira nos dias de festa! Lembrou-se, então, do seu amigo, o velho bem-te-vi e passando adiante, pensou:

– Destruição sobre destruição!!





O CAPITÃO DA SUJEIRA

ERA UMA VEZ UM MENINO, sujo como ele só. Na escola onde ele estudava, as crianças iam todas com seus uniformes azuis e brancos bem limpinhos. Todos, não. Ele não ia.

Morava longe da escola numa casa de chão batido. Não tinha energia elétrica, por isso até as narinas eram escuras da fuligem da lamparina de querosene. Morava só com o pai.

Quando chegava à escola, a professora fazia-o tomar banho no riacho que passava nos fundos e trocar a roupa suja pelo uniforme limpo que ela guardava pendurado num prego numa salinha ao lado da sala de aula. Digo quando chegava, porque às vezes ele não chegava! Gazeava a aula para inaugurar seu novo bodoque ou estilingue no peito fofo de um sabiá descuidado. No outro dia, ficava de castigo, ele e os companheiros que levava junto.

Era um rapagão forte. Era pobre, bem pobre, mas parecia feliz. Só o entristecia o fato de que alguns colegas o apelidaram de Capitão da Sujeira.

– Não fique triste – dizia-lhe seu amigo Diogo. – Olhe, eu também fico chateado por ser chamado de “bujão” porque sou gordinho, mas eu deixo pra lá. Até já me acostumei!

– Tem razão, mas que dói, dói. Sou amigo de todos e sei que os que são mesmo meus amigos não ficam zoando de mim.

Sua prima Alzira também falou:

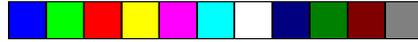
– E eu? Pensam que não sei? Tem uma turminha que me chama de cambacica.

– Cambacica? – perguntou Diogo admirado.

– É, disse a menina. Cambacica é um passarinho pequeno, da perna bem fina e como não cresci muito e tenho a perna fina não deu outra...

– Ah! – disse Diogo, mas não é nem pra se importar. Ser





comparada com um passarinho é até um apelido carinhoso! Minha irmã que está estudando para professora fez um trabalho sobre bullying. Ela me explicou que bullying é uma palavra usada para todos os tipos de agressão, verbal ou física. Quer dizer, quando falamos ou quando tratamos as pessoas mal. Os apelidos ruins são uma forma de violência verbal e eles magoam as pessoas.

A verdade é que o Capitão da Sujeira era um menino bom. Gostava dos que eram amigos. Ele era alegre e dizia coisas engraçadas. Sabia falar na linguagem do “P”.

– Va-pa-mos-pos ver-per quem-pem che-pe-ga-pa mais-pais li-pi-gei-pei-ro-po na-pa en-pen-cru-pru-zi-pi-lha-pa-da-pa?

E a meninada que entendia a linguagem do “p” largava na corrida.

Para quem chegasse primeiro, ele sempre tinha uma goiaba verdolenga ou um araçá, na sacola de pano suja como ele, e onde se misturavam cadernos, lápis e muitas bugigangas. Ninguém nessa hora olhava para a sujeira da sacola. Só se ouvia o tlec-tlec do encontro das frutas com os dentes. Sabia contar cada história de assombração, que se não fosse de dia, a turma havia de sair correndo, ainda mais que ao lado havia mata virgem.

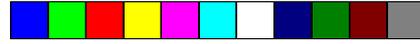
Ele era o Capitão da Sujeira, mas tinha um bom coração e um nome muito bonito: Arlindo!

O SALGUEIRO E O RIO

BENTO TRABALHOU TODA A MANHÃ. Parou para comer o almoço que trouxera numa marmita. Saciou a sede na água cristalina do rio que atravessava o campo e deitou-se para descansar debaixo do salgueiro que se debruçava na margem do rio. Dormia sempre um bom sono ali em sua folga do meio dia, aproveitando a gostosa sombra.

Naquele dia, aconteceu algo que Bento não consegue explicar se foi sonho ou realidade, mas ele garante que ouviu o salgueiro e o rio conversando.





– Amigo rio, disse o salgueiro, podes contar-me de onde estás vindo? Vejo tuas águas passarem e a cada dia minha curiosidade aumenta. Podes dizer-me onde nasceste?

– Sim, posso contar-te. Nasci de um simples olho d'água que aflorou de um lençol de água subterrâneo existente numa montanha, longe daqui. Assim que nasci, comecei a abrir caminho e fui descendo a montanha. Passei por muitos lugares diferentes e, à medida, que fui avançando, meu leito foi se alargando, tanto por receber águas das chuvas quanto por riachos que se lançaram em mim.

– Não encontraste nenhum obstáculo em tua trajetória?

– Muitos! Contornei enormes pedras e já despenquei em cachoeira, onde formei uma grande lagoa. Tive que fazer um esforço gigantesco para não me acomodar e ficar sendo apenas uma simples lagoa. A verdade é que eu tenho um sonho e para realizar um sonho é preciso persistência.

– Que sonho é esse?

– Não quero contar-te agora. Deixa que termine de relatar meu caminho. Saindo da lagoa, continuei avançando. Atravessei campos como este onde estás, feliz ao ver que, em minhas águas, os animais matam a sede, muita gente toma banhos refrescantes, canoas levam os pescadores para suas pescarias e mulheres lavam roupas, cantarolando cantigas que gosto de ouvir. Até este moço que está aí a dormir, toma seus banhos como deves ver.

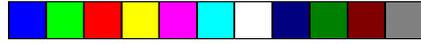
– Continua, continua, estou gostando de te ouvir!

– Não, não, agora eu desejo saber de ti! Tens alguma história para me contar?

– Tenho, Primeiro, quero dizer que sou um salgueiro-chorão mas sinto-me bem feliz. Vivo isolado aqui, calado, debruçado sobre tuas águas onde vejo a minha imagem. Gosto de sentir o vento a balançar meus ramos verdes. Porém, o que mais me dá prazer, são os pássaros que pousam em meus ramos trazendo notícias dos lugares por onde andam.

– E o que eles te contam?





– Ah! Contam que no mundo todo há muitos salgueiros ornamentando e dando sombra em parques e jardins.

– São todos iguais a ti?

– Não, não são todos iguais. Existem muitas espécies. Um bem-te-vi, que é o que mais me traz notícias, disse que há mais de trezentas espécies e que em alguns lugares descampados, os salgueiros são plantados formando barreiras para proteger áreas agrícolas dos ventos fortes. Uma andorinha contou que nas regiões árticas existem salgueiros bem pequeninos que até parecem filhotes dos salgueiros grandes.

– Muito interessante! Confesso que mesmo com tantos salgueiros que existem por aí, como teus amigos pássaros contam, tú és o único que encontro em todo o meu longo percurso.

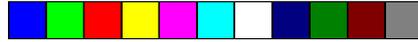
– E o teu sonho? Estou curioso para saber. Posso saber agora?

– Com certeza, amigo. Meu sonho é chegar a um rio maior que eu e que ele me leve até o oceano!

– Acredito que vais realizar o teu sonho . Tenho certeza! Agora quero pedir que sempre me concedas uns momentos de atenção para mais uma boa prosa como esta que tivemos!

A partir desse dia, o sono do jovem Bento debaixo do salgueiro tem sido povoado com a conversa do salgueiro com o rio, mas ele guarda segredo disso porque sabe que, se contar, ninguém vai acreditar!





NELCI SEIBEL



NELCI SEIBEL

é natural de Bom Princípio/RS. Formada em Comunicação Social – Relações Públicas, pela UNISINOS – São Leopoldo/RS e cursou Pós-Graduação em Produção de Texto e Gramática, na UNIVILLE – Joinville / SC.

Em Joinville desde 1980, desenvolveu atividades de Relações Públicas, Cerimonial e Jornalismo em diversas empresas públicas e privadas, além de colunista em veículos de comunicação (17 anos no Jornal A Notícia), assessorias de imprensa e edição de material de promoção turística.

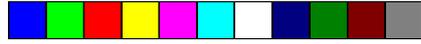
Nelci é autora de diversas obras, com destaque para: São Francisco do Sul 500 Anos – Construções Históricas; Bom

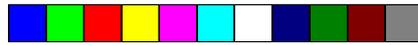
Princípio Construções Históricas; História do Porto de São Francisco do Sul; Personalidades da Cultura Germânica em Joinville; O Balaio Gigante – Memórias de Família, entre outras.

Ao longo de sua vida profissional foi agraciada com diversos troféus e comendas, por reconhecimento ao seu empenho em favor do turismo e cultura de Joinville e Santa Catarina. Foi apresentadora do programa de turismo e cultura “Pessoas e Lugares”, na TV Cidade Canal 20 e mantém uma página no Jornal da Cidade, sobre os mesmos temas, além de colunas em vários jornais, impressos e online.

Nelci é membro da SCAJ – Sociedade Cultural Alemã de Joinville, da ALASFS – Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul, da AJL – Academia Joinvilense de Letras e de outras entidades.







BARNABÉ DE BELÉM

Nelci Seibel

SENTADO À SOMBRA DE UMA ÁRVORE, tem às suas costas um trecho do caudaloso rio Guamá, um dos maiores cursos de água do Estado do Pará. Sua canoa de pesca está presa à mesma árvore. A corda de amarração, já esgarçada em vários pontos expõe vários nós de correção. “Qualquer dia vou a vila comprar uma corda nova, senão posso perder minha canoa. Mas é tão longe, mais de 40 quilômetros. Levarei no mínimo três dias”, pensa alto, tendo só ele próprio para ouvir. “Poderia também comprar outras coisas que faltam. Quem sabe um vestido novo pra Josefina, mas com que dinheiro?”, continua pensando alto.

Cabelos grisalhos e desgrenhados, pele curtida e enrugada, das quase infinitas horas passadas ao sol e sob a água, calça rota e arregaçada até os joelhos projeta ainda mais os seus pés descalços. Seus olhos; ah esses olhos! Brilham, mas não de alegria (antes fosse)! Em toda sua profundidade seus olhos brilham de tristeza, desolação, de solidão.

Queria saber mais do mundo. É seu sonho desde menino, quando vivia falando em conhecer Belém, a capital. Dizia isso a alguns parques moradores da região, que já se foram há muito tempo. Dali vem também o seu apelido – Barnabé de Belém. Que pena que eles foram embora. Pelo menos tinha com quem conversar de vez em quando. Ele ficou. Deixou nas mãos de Deus a oportunidade que nunca veio...

Dirigindo o olhar ao horizonte – “o que será que existe de traz desses morros? Ouvi dizer que nas cidades vive muita gente”, fala para as árvores e o vento. Ninguém para lhe informar. Se ao menos algum ser humano passasse por aqui, perguntaria como é a vida naquelas lonjuras. Talvez ainda valesse a pena colocar o pé na estrada com a Josefina. Será que ela aguentaria? E os monólogos de Barnabé continuam. “O vento e a rara chuva não





trazem novidades e não há nenhuma forma de comunicação. Queria ter estudado quando jovem. Agora é tarde”...

Barnabé nasceu naquele interiorzão do Pará, assim como a Josefina. Magra e sem dentes, igualmente condoída com o isolamento. A moradia do casal é uma choupana feita de barro com folhas de palmeira. Folhas de palmeira fazem também o seu telhado. “Fácil de substituir se necessário”, comenta Barnabé. Os dois sobrevivem da pesca e das frutas encontradas nas florestas da redondeza. Há também as raízes de inhame nativo, que podem ser cozidas ou assadas. Com o tempo Josefina aprendeu a usar algumas folhas de plantas da mata como tempero. “Com os peixe que Barnabé trais fica bão”, diz Josefina. Plantam também alguns pés de feijão. Anos atrás tinham algumas galinhas que botavam ovos. Mas os animais selvagens as comeram.

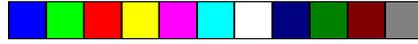
Barnabé e Josefina tiveram vários filhos. Alguns morreram pequenos. De desnutrição. Um deles se afogou no rio em tempo de cheia. Outro foi “roubado” por alguma fera do mato. Uns saíram pelo “mundo de Deus”. Nunca mais os viram. Sem notícias. “Será que estão vivos? Conseguiram algum trabalho? Tiveram oportunidade de estudar? Ou teriam se transformado em pessoas importantes... vai saber”.

Tudo isso Barnabé fala com frequência. Mas os seus ouvintes, as árvores, não respondem. Nem o vento...

AXÉ MINHA CHINOCA

O BRASIL É MESMO, além da imensa área geográfica, um país multicultural. Como cidadãos que amamos a nossa terra, nos ufanamos pela diversidade de etnias e suas tradições provindas da ancestralidade, acrescidas do ambiente em que vivem e das lendas locais. Essa mistura resulta em linguagens específicas e no folclore de cada região, que se entranham na vida e no viver das pessoas de forma tão intensas, que muitas delas já foram incluídas no Patrimônio Imaterial do País.





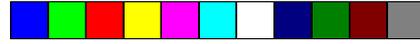
De Norte a Sul temos distintas músicas e danças, carregadas de simbolismos, que o povo leva tão a sério qual fosse uma religião. Acrescenta-se a essas formas de expressão o amor dos brasileiros pelas cores e brilhos, recheados de muita alegria e disposição, como um fruto maduro e saboroso deste país tropical.

No Amazonas é realizado anualmente, em junho, o grande Festival Folclórico de Parintins, show de dança popular que canta a história dos bois, Caprichoso cuja cor é o azul e o boi Garantido que se veste de vermelho. Os participantes do espetáculo aderem a cor do seu boi, azul ou vermelho, resplandecentes de brilhos. O Festival de Parintins foi construído sobre uma longa e interessante história ficcional, que tem por base o folclore do “Bumba meu Boi”, praticado de Santa Catarina ao Maranhão, especialmente nas regiões do litoral brasileiro fundadas por imigrantes açorianos.

Já no Nordeste predomina o forró, com várias divisões – pé de serra, xaxado, coco, baião, xote entre outros. O mais famoso é o “Forró Pé de Serra”, que teria surgido em 1940, cuja fonte de inspiração é o universo rural do sertanejo. Porque forró? Naquela época, ingleses construía estradas de ferro no Brasil, hostilizados pelos brasileiros, leia-se proprietários de terras que eram cortadas pelas vias ferroviárias. Periodicamente esses ingleses organizavam eventos de lazer restritos a seus trabalhadores. Contudo, vez por outra realizavam uma festa aberta aos moradores da região em que a ferrovia se encontrava em obras. Na entrada do local do evento era colocado um cartaz “For All” (para todos). O que acabou se tornando o nome da festa – hoje tem “forrol”, que acabou sem o nome do difundido forró.

Por volta de 1980 surge na capital da Bahia, Salvador, o Axé, que significa “a força que realiza”. Axé é também um cumprimento, um voto de alegria, de boas vindas para o outro. É uma palavra de alto teor positivo, emanando energia, poder e felicidade. Segundo o sincronismo religioso baiano, Axé é como dizer “Amém” para os católicos e também muito presente nos rituais do candomblé.





O Rio de Janeiro, a sempre Cidade Maravilhosa prima pelo samba cenário dos seus principais compositores e intérpretes, cujo pódio é o carnaval, a maior e mais incrível festa popular do Brasil, quiçá do mundo no gênero. A criatividade, beleza e emoção do carnaval brasileiro é algo que foge de longe a qualquer expectativa.

Santa Catarina foi colonizada por um leque de imigrantes de diversas partes da Europa, que trouxeram na bagagem suas culturas e tradições, com predominância para a alemã e a italiana. Suas músicas e danças folclóricas se fixaram na nova terra com seus trajes típicos, que animam e enriquecem qualquer festa ou evento. Essas vestimentas são também a base dos trajes das rainhas e princesas das festas típicas –, como a Oktoberfest em Blumenau –, verdadeiras obras de arte em bordados e luxuosos adereços.

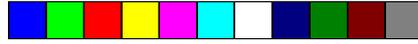
A tradição é a memória cultural de um povo. E sem falsa modéstia (como gaúcha de nascimento) devo considerar a singularidade da música e das danças do Rio Grande do Sul. Com raízes europeias, e complementos de países latinos, a música e a dança gauchescas, exprimem a bravura dos habitantes desse Estado, advinda das revoluções que vivenciaram. Impacto, energia, ritmo, cadência e beleza brotam da alma gaúcha, denotando o sangue quente que corre em suas veias, sempre pronta para a luta e o desafio.

A pluralidade de toda essa riqueza cultural, em que o “Axé” baiano pode significar Olá e “Chinoca” em gauchês definir menina, cabocla, garota..., vamos falar o NOSSO português: “Axé minha Chinoca”.

A MULHER SOZINHA

ERA SEXTA-FEIRA SANTA. Fui convidada pelo Jaison, maitre do restaurante de um hotel em Joinville para almoçar e expressar minha opinião a respeito do novo prato de frutos do mar, lançado naquela data. Cheguei ao local pelo meio dia, fui recebida por





um dos garçons e conduzida a uma mesa. Ato contínuo veio o maitre, amigo de muito tempo.

– Olá Dona Marina, tudo bem? – falou com simpatia. – Seu marido não veio? Continuou.

– Não. Não tenho mais marido, nos separamos – disse eu um pouco constrangida e já meio irritada pela pergunta.

– Mas como se separaram? Não sabem que o que Deus une o homem não pode desunir? É uma lei da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, e sei que a Senhora é católica! A Senhora não acha que deveria repensar essa decisão com seu marido e voltar atrás? Falou o maitre, como se fosse o árbitro do juízo final.

Fiquei olhando pra ele, acho que de boca aberta (não me lembro), espantada, confusa e indignada. Não sei qual dessas em maior intensidade. Com que direito, pensava! Em minha cabeça se formava um reboliço. Levanto e vou embora, dou de dedo sobre o nariz do Jaison, começo a rir como tresloucada ou digo que acato a sugestão dele, de repensar... No entanto não falei nada, não fiz nada. Sou um pouco ‘faísca atrasada’, por isso fiquei estupefata e sem ação...

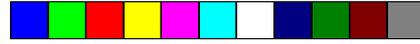
Após alguns segundos de tensão ele percebeu a gafe e meio sem jeito se desculpou, pediu licença e mandou servir o meu prato. Almocei e nem senti o gosto da comida, aliás, esqueci se era peixe, camarão ou polvo.

Isso aconteceu há anos, quando o preconceito da mulher sozinha em locais públicos ainda era um pouco mais evidente, apesar de que nos últimos 20 anos não tenha mudado tanto assim. Superei o episódio, contudo, ainda hoje, ao entrar em um restaurante lembro-me do fato.

Sentimos no ar que o machismo existente desde priscas eras vai muito além, em relação a mulheres sozinhas. Tanto que os crimes hediondos de feminicídio, para horror da sociedade estão em alta.

Viajar sem companhia então, é apenas mais um dos desafios





que mulheres enfrentam ao longo dos tempos. Pode ser libertador, uma declaração de independência, mas ao mesmo tempo um ato de extrema coragem. O preconceito a esse respeito começa na própria família.

– Mas por que você quer ir sozinha? Vá com o seu parceiro, uma amiga ou colega de trabalho –, recomendam.

Agências de viagem e viajantes frequentes sugerem que mulheres sozinhas devam escolher muito bem os destinos que pretendem visitar. Desaconselham o Oriente Médio, onde o direito e o respeito pela mulher são mínimos. A mulher pode sofrer enfrentamentos, ser recebida com estranheza no hotel em que irá se hospedar entre outras dificuldades. Além disso, o assédio está sempre à espreita em qualquer lugar. Infelizmente é o maior dos problemas e acontece todos os dias com milhares de mulheres no Brasil e no mundo

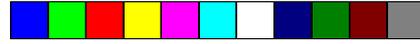
Contudo, planejar e se permitir viajar sozinha é uma atitude enriquecedora, uma experiência e um crescimento muito interessante. Uma conquista feminina, apesar de que o preconceito é real e deve ser combatido.

DESACATO À AUTORIDADE

INACREDITÁVEL, ABSURDA, instigante, louca, intrigante, ilógica, fantástica, disparatada foi àquela cena. Tantos adjetivos? Só vindo para descrever o acontecimento surreal que assistimos naquela tarde. E também me influenciei nos contos e crônicas do escritor paranaense Nilson Monteiro, em seu livro “As cidades e seus cúmplices” que acabei de ler. O autor utiliza todos os adjetivos de significado similar para ressaltar certas cenas e momentos em seus episódios.

Naquele município, de forma injusta, conhecido como “Morro da Cachaça”, por causa do alambique e não dos cachaceiros, porque poucos havia. Um perigoso surto de peste





suína se aproximava atacando os porcos, parte da subsistência e economia dos colonos da região.

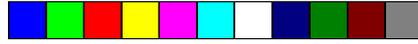
Para prevenir o mal maior e evitar que os pequenos proprietários rurais perdessem suas criações, o prefeito sancionou uma lei, intimando a todos a vacinarem os seus suínos. Para que o trabalho fosse realizado com a rapidez necessária, a prefeitura contratou grande número de trabalhadores temporários, que visitavam uma a uma as propriedades. Mãos à obra. A vacina era gratuita.

Tudo seguia de forma normal e rápida, até os vacinadores chegarem à propriedade da família Gastbach. Algo de estranho no reino do Morro da Cachaça. Antes de conseguirem se anunciar foram recebidos por raivosos cachorros. Algumas pessoas paradas atrás destes incitavam os cães a avançar. Como não entenderam nada, os profissionais, apesar da sua missão, se retiraram e foram ter com seus superiores contando o ocorrido.

No dia seguinte repetiram a visita, desta vez com reforço de vacinadores e um dos coordenadores do projeto. Este, com jeito de adestrador de animais, conseguiu acalmar o cão mais bravo e dirigir algumas palavras aos proprietários, explicando a necessidade da vacinação. A senhora mais velha, Frau Gastbach, saia e avental aproximados do chão, cabelo em coque semidesfeito, gritou: “aqui ninguém vai vacinar porco nenhum!” Os demais familiares repetiram a frase em uníssono. Mais uma vez, nem pensar em chegar próximo aos chiqueiros e sem outra opção se foram.

Dois dias se passaram. A vizinhança já toda em reboiço, quando um comboio de três veículos entrou pátio adentro na propriedade dos Gastbach. O primeiro, dos vacinadores; no segundo vinha o prefeito e alguns assessores (claro!) e o terceiro, um jipe da polícia. A mulherada da casa – Frau Gastbach e duas filhas e também alguns homens –, com paus na mão, obrigaram os visitantes a recuar. “Os porcos são nossos e fazemos com eles o que quisermos”! Só não deu um arranca-rabo maior porque os carros deram volta e partiram. “Quem vocês pensam que são, vindo ao nosso terreiro nos intimar”, ainda gritou Firmínia, uma das moças, com pedaços de palha de milho grudados nos cabelos desgrenhados.





Mas a farra, que os Gastbach pensaram haver acabado estava longe do fim. Os vizinhos chegaram a dar palpites e fazer apostas sobre o que estava por vir. Aí sim, o Morro da Cachaça parecia um reduto de cachaceiros.

Chegou o fim de semana e também a Missa de domingo, maior evento social de qualquer vila do interior. Aí a notícia se espalhou como fogo em palheiro. A torcida se intensificou. Os Gastbach nunca imaginaram tornarem-se tão famosos (e falados).

Segunda-feira. Às 14 horas de uma tarde quente. Uma caminhonete verde, com dois policiais na cabine e dois com cassetetes em punho na carroceria coberta, com um banco de madeira em cada lado fazia a curva entrando na rua dos Gastbach. Os vizinhos pararam de respirar. Um agricultor que iniciava a arar um trecho de terra travou o arado e se mandou pra casa com sua parrelha de bois. O mundo (do Morro da Cachaça) vai acabar!

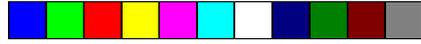
Não se passaram dez minutos, o pandemônio começou. Mulheres gritando e chorando, homens rogando pragas e policiais ameaçando e dando ordens. “Todos pra dentro da caminhonete”, vociferou um agente da lei. Ouviu-se, então, o veículo a manobrar e arrancou em meio à confusão de xingações. As mulheres de dedo em riste na cara dos policiais e estes com os rebenques bem próximos e bem: não iam bater nas mulheres... Mas com certeza fizeram o maior esforço pra não avançar naquelas peçonhas desvairadas. A cidade (se é que podia ser chamada de cidade) parou.

A turma revolucionária foi despejada na delegacia, no centro do Morro da Cachaça e trancafiada no xilindró. O delegado, sentado atrás de sua mesa alisando a barriga disse, com sua costumeira e sarcástica calma: “vamos deixá-los dormindo aqui esta noite. Amanhã nos ajudam a vacinar os porcos.”

De tanto espernear, o cansaço venceu a descabida família e todos adormeceram, sob a vigilância de dois corpulentos policiais.

No dia seguinte, sob as ordens do delegado, em fila indiana os Gastbach entraram no mesmo veículo verde do dia anterior e os levou de volta pra casa. Não houve choro nem ranger de dentes. Todos de cabeça baixa. Os vacinadores já aguardavam





no portão da propriedade. Sempre acompanhados dos tiras, os porcos Gastbach foram vacinados. Frau Gasbach segurava o rabo e as filhas seguravam as pernas. No Morro da Cachaça, o perigo da peste suína estava extirpado.

O INCRÍVEL FUSCAAMARELO

QUANDO APRENDI A DIRIGIR não havia Autoescola em Novo Hamburgo (RS), onde morava. Só havia um senhor afrodescendente, grandão e gordo, que ensinava a arte de conduzir um veículo. Eu era uma candidata, na fila de espera do “Seu Schmier” como era conhecido, quando ainda pouquíssimas mulheres se sentavam a um volante. E tinha muito medo também.

O medo procedia das recomendações de todos – em especial de homens.

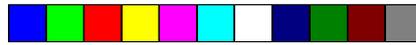
– Não tente! É muito perigoso! Ainda mais para mulheres!

O machismo andava solto, mas decidi me acertar com o Seu Schmier, que teve muita paciência em me ensinar. Foram muitas aulas até me sentir segura. Primeira vez que fui sozinha a São Leopoldo para a Unisinos onde frequentava a faculdade – a doze quilômetros de Novo Hamburgo foi meu dia de glória.

Logo depois ganhei um fusca zerinho, amarelo de doer os olhos. Meu xodó. Fusca amarelo estava na moda. Mas com certeza o meu era o mais lindo. É bem verdade que ele sofreu um pouco em minhas mãos e minha desatenção. Mas nada que desabonasse a sua beleza.

Sentia-me orgulhosa em poder oferecer carona para duas colegas diariamente ao fim das aulas. Um dia ao chegarmos ao carro tentei abrir e a chave não entrava na fechadura. Estranhei, reclamei e o fusca se fingia de morto. Nada. Até que uma das caroneiras me diz:





– Nelci, esse fusca não é o teu. O teu está ali, apontou com o dedo. Ela havia decorado a placa antes de mim...

Certo dia fui a Porto Alegre, a 70 quilômetros de Novo Hamburgo com meu fusca comprar tecido para fazer cortinas para o escritório do meu marido. Entrei em um estacionamento coberto, como manda o figurino de quem cuida do seu precioso carro. Sai andando a procura do tecido, entrei em uma loja e comprei. Como eram muitos metros deu um enorme pacote e estava anunciando chuva. Segurando o pacotão, desviava das pessoas para chegar o mais rápido possível ao ponto de ônibus intermunicipal. Pelo menos ali havia cobertura.

Entre no ônibus. Graças a Deus não apanhei chuva, ainda... Ao chegar a Novo Hamburgo chovia torrencialmente. Aguardei um pouco, mas a chuva não amainava. Decidida, sai andando em direção ao escritório que pelo menos não ficava longe. Ao chegar, o cabelo escorrendo, o pacote da compra se desfazendo e vieram as perguntas:

– Onde está teu carro?

– Que carro? Ah meu Deus! Esqueci.

No dia seguinte um funcionário do escritório foi mandado a Porto Alegre para buscar o meu lindo fusca.

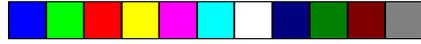
Eu ia todos os dias para a faculdade em São Leopoldo, época em que a velocidade máxima permitida era 80 km. Como eu nunca fui madrugadora, via de regra estava atrasada. Descia aquele morro a 120 km, e dito e feito: aproximando-me do posto da Polícia Federal já desacelerava porque um policial me aguardava.

– Outra vez, Dona Nelci!

Com um sorriso falso, tentando ser convincente, dizia:

– Ah Sr. Policial, por favor, me deixe ir, estou atrasada para a faculdade.





Ele, se esforçando para não rir, fazia um gesto com a mão e dizia:

– Vá, mas veja se levanta mais cedo, né.

Esse meu fusca amarelo era mesmo incrível.

ÁGUA TRÁIRA

ÁGUA E TRÁIRA têm muito a ver. Logo ligamos uma à outra. Não é preciso dizer que traíra é um peixe e que vive na água. Mas aqui a história é outra. Traíra é também uma expressão reduzida e de gíria de traidor ou traidora.

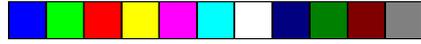
Fui criada junto a uma fábrica de queijo, como já explicitiei no livro “O Balaio Gigante”. E, por isso, às vezes sou convocada para ensinar ou compartilhar da fabricação “caseira” de um ou dois queijos. Fabricação caseira mesmo! O leite esquenta sobre o fogão em uma grande panela, e se procura seguir o rito de ações de uma fábrica de queijo. Quando o projeto de queijo estiver a ponto de ser colocado na forma, deve ser prensado para livrá-lo do soro e do excesso de umidade. Isso é feito com um tijolo super limpo e passado no vinagre, sendo depois envolvido em plástico. Higiene é fundamental.

Porém, depois de tantos anos não fazer queijos nem sempre posso garantir que resultem aquelas peças redondinhas, macias e porosas como o Adolibio (meu pai) ensinara. Mas a gente tenta.

Há dias, meus amigos Franz e Margarida, que criam vacas e bezerros no sítio, me convocaram para fabricar um queijo e também ensinar-lhes o processo. Havia dez litros de leite na geladeira, quantidade exata para um queijo de um quilo.

Panela de leite esquentando no fogão, ao chegar à





temperatura ideal coloca-se o coalho. Coagulante – que no meu tempo vinha em grânulos e hoje vem em líquido. As gotas – oito para um queijo, diluídas em meio copo de água.

Nas entrelinhas – cuidado com a temperatura, do leite, preparar a forma, eu bebia um copo d’água, que estava pela metade sobre a mesa. Ao pegar o copo e beber mais um pouco da água estranhei o gosto, indefinido, salgado, intragável!

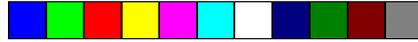
– Meu Deus! O que tem essa água, que gosto horrível!

– É o coalho, disse Margarida!

– Mas era a água que eu estava bebendo, rebati.

– Pensei que você tivesse colocado a água ali pra colocar o coalho!

Bem: nada a fazer. Caímos as duas na risada. Ainda bem que a água traíra não causou nenhum efeito colateral.



DAVID GONÇALVES

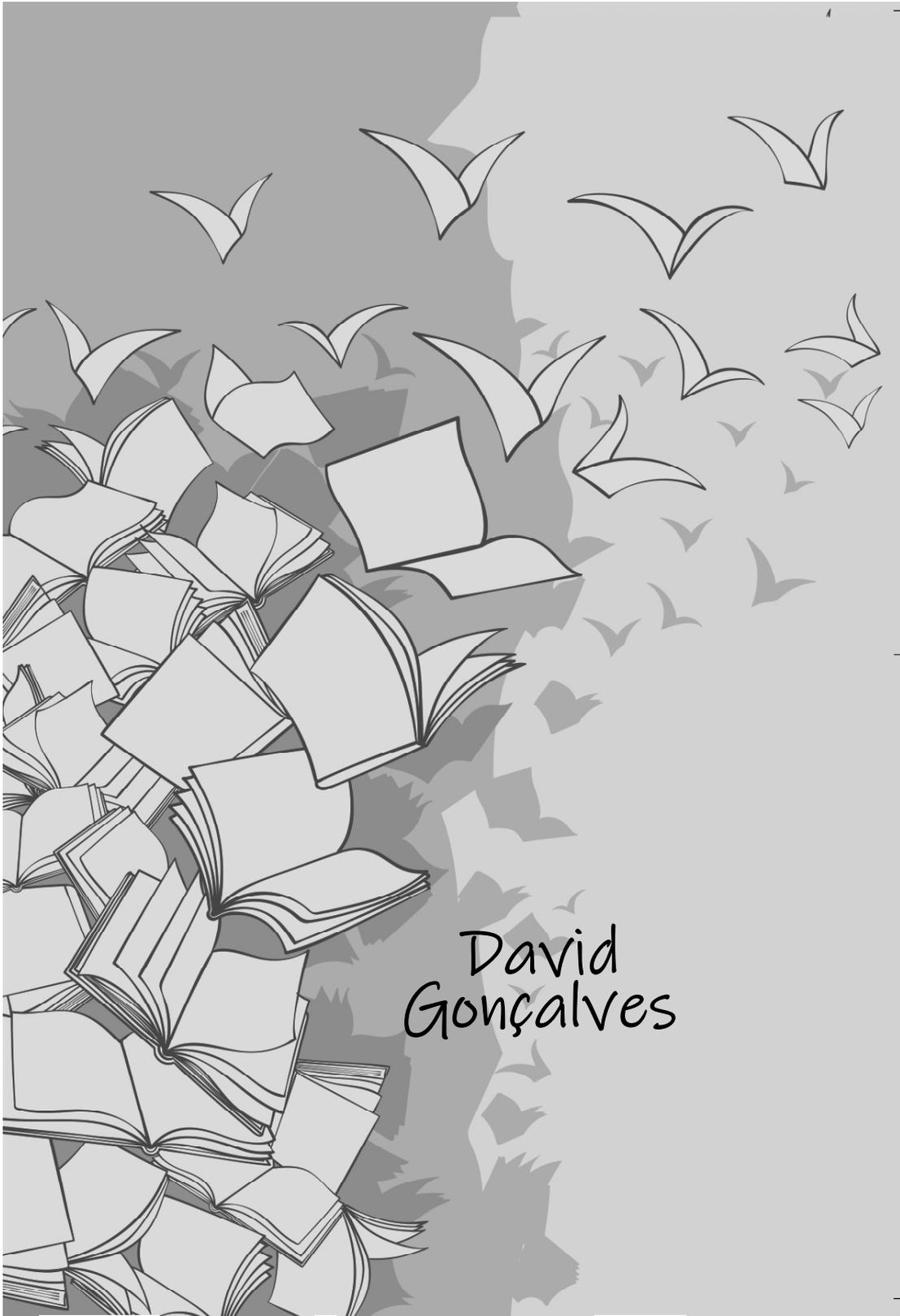
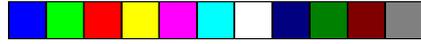


DAVID GONÇALVES [1952] nasceu em Jandaia do Sul, PR, e desde 1974 reside em SC. Professor universitário, empresário e consultor de empresas, ministra cursos e palestras sobre literatura, comunicação, liderança e marketing.

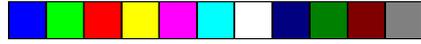
Membro da Academia Joinvilense de Letras, Membro da Academia Catarinense de Letras. Foi empresário, diretor de escolas, e ativo incentivador da cultura. Publicado em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis e Joinville. Premiado nacionalmente.

Já escreveu e publicou mais de vinte obras, entre elas Geração viva, O sol dos trópicos, Sangue verde e Pés-vermelhos. Lançou, recentemente, A gente se vê amanhã, contos. Dois livros foram traduzidos para o inglês: Above the ground [romance] e a coletânea de contos Tales of blood and shadows.

Contatos:
david.goncalves@uol.com.br
www.davidgoncalves.com.br



David
Gonçalves



O ÚLTIMO DEFUNTO VIGIA ATÉ O PRÓXIMO CHEGAR

David Gonçalves

ONTEM, FUI VISITAR A ALDEIA ONDE NASCI.

Cadê o povo daqui? Fiquei perguntando, um pouco assustado. Foram pra cidade, responderam. Fazer o quê? Sabe lá Deus!

Ruelas desertas, casas envelhecidas, algumas abandonadas.

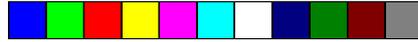
Entrei na barbearia. O barbeiro não estava. Um moleque cor de cuiá usada me disse: está arrancando dentes. O quê? O barbeiro, agora, também arranca dentes na aldeia. Corta cabelos e arranca dentes. Logo ele chegou. Foi dizendo: os dentes da velha me deram trabalho, eram toquinhos inchados. Não estranhe, agora arranco dentes podres da aldeia. Tem gente com dentes podres por aqui. Até mesmo nas crianças. O dentista também se foi. Quer cortar o cabelo? Digo que sim. Me manda sentar na cadeira com estofado rasgado onde uma mola salta à mostra.

Corte americano? – pergunta o barbeiro.

Aceno com a cabeça confirmando e olho pelo espelho partido, com pequenas manchas de ferrugem, a rua desolada. O menino cor de cuiá usada chuta uma bola de capotão murcha na terra quente, seguido por um cachorro de pelos amarelos. O barbeiro espreme os lábios como se fosse assobiar, mas comenta: a velha gemia demais, os caquinhos de dentes não saíam do lugar. Foi uma sangueira só. Um homem – rosto envelhecido, enrugado, estragado pelo sol, entra na barbearia, senta-se e permanece mudo. Parece ter a cabeça vazia.

É surdo-mudo, diz o barbeiro manuseando com destreza a tesoura. A família dele foi embora e deixou o traste por aqui. Vive da bondade dos outros, comendo pão velho, dormindo nos ocos das árvores.





Ouvia-se o trac-trac da tesoura e os fios de cabelos caindo nas lajotas gastas.

Uma vila tão próspera, eu disse.

Que me perdoe, disse o barbeiro tocando os meus ombros. Nem igreja tem por aqui. Padres e pastores estão sempre onde o dinheiro está.

Faz trinta anos que fui embora.

Então o senhor puxou a fila dos desertores.

Desertores?

Sim, depois foi indo todo mundo embora. Depois daquela geadinha negra. Queimou o cafezal, não sobrou nada, só varas secas espiando o céu.

O barbeiro segura a tesoura bem aberta no ar abafado das três da tarde. O surdo-mudo parece uma estátua, parado no tempo.

Veio o trator, veio a colheitadeira, veio a soja, veio o agrotóxico, veio o telefone, a televisão e os campos ficaram vazios. Um trator faz por cem famílias. Os sitiados foram vendendo, os fazendeiros foram comprando. Agora, uns têm muito, outros não têm nada. Você anda léguas e léguas e não encontra viva alma.

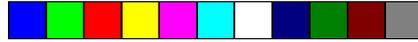
As gentes dos Vermelhos? Também foram?

Tesourou e disse: Não há mais ninguém por lá. Só um mar de soja. Suspirou. Depois o trac-trac voltou a dominar o ar abafado.

O velho Vermelho se matou. Estourou os miolos. Mas, também, o que essa gente foi fazer na cidade? Pobre moça... Eram três. A mais nova se perdeu. Virou puta.

Gelou minha alma. O nome dela? Marília, disse o barbeiro, parando e indo à moringa e enchendo o copo de água. Quer também? Bebeu de um trago só. Logo o suor porejou na sua testa.





Minha paixão, quando jovem. Ela nem ligava pra mim. Velho tão religioso, correto, de repente uma filha puta... Que desgraça, disse o barbeiro, retomando o corte. Era a mais bonita das filhas. Uma flor de maracujá. O velho não aguentou. Estourou os miolos.

Paguei e saí rua afora. Fortes dores nas costas. Um gosto de cabo de pregos na boca. Um trem se aproxima da estação abandonada, apita estridente, mas não para. Para o maquinista, a aldeia não existe. O cão de pelos amarelos quer me acompanhar, mas desisti. Estou, agora, na frente do cemitério semiabandonado, cruzeiros caídas. No muro descascado, uma placa torta: o último defunto vigia até o próximo chegar.

Mas vai demorar, ri sem graça.

Não há nada para fazer aqui. Fui debandando, a fala do barbeiro-dentista martelando: então o senhor puxou a fila dos desertores. Por onde andaria a puta tão desejada?



NATAL NO OCO DA FIGUEIRA



A GRANDE FIGUEIRA SOMBREIA A PRAÇA, galhada longa que parece braços gigantes. Raízes tentáculos que parecem pernas tortuosas. No meio, o oco, a casa dos desamparados.

Patrão, não quero esmola. Isso aqui é trabalho. Vigio os carros, guardo estas preciosidades. Um carrão vale mais de cem mil pratos. Muito mais. Se o patrão deixa na rua, quando volta, vai encontrar depenado, vidros quebrados, portas arregaçadas, lataria riscada. Sou o teu guardador. Esmola, eu não aceito.

Merrecas. Trocados miudinhos. Uns motoristas saem correndo, acelerando o motor. Os pão-duros, os mão-de-vacas, os muchecas. Da próxima vez, tomara que alguém rebente o carro do espertinho. Eu, não. Mas o Polaco faz. Fica de olho nestes espertalhões, os muchecas, e depena o carrão. Quem manda ser muquirã.





Dez horas da manhã. O calorão já deixa o povo sufocado. Mas Tavarinho, o guardador, sente a camiseta de malha grudando no corpo. De um bueiro, baratas saem da toca, um tanto agitadas. Nenhum trocado nos bolsos. Mora na praça, no oco da figueira. Mesmo cozido de cachaça, não dormira bem. Oh gente excomungada. Primeiro, a banda de música. Depois, os evangélicos berrando bênçãos. Depois, os drogados. Depois o Carniça gritando tresloucado, dizendo coisas infernais. Uma noite difícil.

– Ele virá pra dar esperança aos pobres, aos que nem têm poeira como roupa! Ele virá! Eu tenho certeza. O filho de Deus.

Carniça gritava depois da meia-noite. Sapateava. Erguia os braços.

– Sim, é hoje. O mundo espera por Ele.

Que inferno.

– Cala essa goela, Carniça. Quero dormir. Já passou da meia-noite.

Mas o idiota sapateava e dançava na praça deserta.

– Te racho a cabeça.

Mas Tavarinho jamais faria isso. Rachar a cabeça de um idiota era pra gente ruim. Depois, ele era louco, mas não arruinava ninguém. Tinha bondade na loucura.

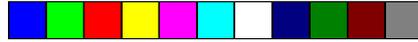
Remexia-se no oco da figueira. Cadê o sono? Por que os guardas não prendiam o louco? Pra quê? – disse um guarda. Ele é doído, não mata ninguém. Quadrínculo sabe que ele é maluco de vez.

Remexia-se. A figueira parecia dançar. Alguém poderoso jogava a enorme figueira centenária pra cá, pra lá, e as raízes se firmavam, garras potentes.

– O filho de Deus! Sim, Ele virá.

– Idiota, largue de conversa fiada. Os bois já foram dormir. Sapateava e dançava.





– Os sinos repicarão hinos. Os pobres e órfãos serão abençoados com o pão sagrado. Ele virá!

Tavarinho, incomodado, pegou o porrete de peroba, pé de uma cama achado na rua, e saiu atrás do louco.

– Para com esta conversa mole. Eu quero dormir.

– Estou anunciando...

– Vá à merda. Te racho a cabeça.

Carniça fugiu, gritando:

– Você se arrependerá. Você vai ver. O Salvador está pra chegar. Chegou a vez dos pobres e órfãos.

Tavarinho o perseguiu até o fim da praça, rodando no ar o porrete, como se fosse cassetete de polícia. Depois, cansado, insone, voltou ao oco da figueira, sua casa, e dormiu.

Acordou com o sol alto e a praça burburando.

Véspera de Natal. O dia prometia. Tinha que se livrar da zoeira na cabeça. Se pegasse o Carniça e desse um sova...

O carrão estacionou.

– Eu guardo pra vossa excelência.

O ricaço o encara. Não fala. Mas pensa. Sai da frente, pé de cana, corote de cachaça. Acha que sou otário? Tua baba pode manchar a lataria. Fique de longe, nem chegue perto.

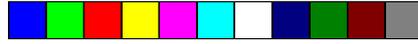
A rua se agita. Gente indo, vindo, comprando, sacolas e pacotes de presente. Calorão de matar.

Passa o carro do Papai Noel distribuindo balas, a criançada alvoroçada atrás. Dá volta na praça e segue avenida acima.

– Toma um real. Vê se cuida mesmo. Mas não toca nele.

Ah, que avarento! Tavarinho precisa mais. O que é um real? Muquira. Está com a goela seca. O Barbosa, dono do bar logo na frente da praça, não vende cana fiado. Bem, não pode desprezar a moeda. Enfia no bolso. Antes, passa os dedos no





bolso pra ver se não está furado. Perdeu muitas moedas por descuido.

Outro notável cidadão joga-lhe um real. Deus o abençoe, senhor. Larga o posto, suando em bicas, e entra no bar. Demorou, hem, diz o Barbosa, rindo cinicamente. Enche o mercedinho de cana. Com as mãos trêmulas, leva à boca e, de um golpe, joga goela adentro. Queima como soda. Aos poucos, a serenidade volta e ele fica olhando o movimento na praça. Vá andando, diz Barbosa, impaciente. Você espanta os fregueses.

De novo na praça. Carros chegam, carros saem. O sol arde. Nem é meio-dia. Adiante dele, caminha Carniça, trôpego, mudo, como se alguém tivesse costurado a sua boca. Toda a loucura tinha sumido. Só ficava louco à meia-noite, quando a lua subia e os cães uivavam? Que diabos dançam nos miolos dele?

Uns trocados aqui, outros lá. Tavarinho se move diante da necessidade e dos apertos. Tem que aproveitar o amontoado de gente na praça. Nem todo dia é festa. Nos dias de chuva, rói as unhas.

Será que ela vem? Todo dia, ela vem. É dona daquela loja. Será que a princesa vem? Dela, não quer um tostão. Guarda o carro de graça. Faz por amor. Ela estende as moedas com aquela mão alvíssima. Mas Tavarinho não aceita, o coração suspenso. Você é bobalhão, Tavarinho, diz. Medo de mulher, que idiotice.

Mês atrás, dois malandros conhecidos estavam rodeando o carro dela. Tavarinho pulou no tacho quente: quem mexer aí, é homem morto. A faca enferrujada na mão. Riam dele? Sai, pé de cana. Velho vagabundo. Tavarinho riscou o muro com a faca. Ah, é. Záp-záp. Sangue espirrou de um braço. Correram. O alarme do carro disparou. Já tinham rebentado a porta. Filhos da puta. Ah, senhor, dizia a mulher: se não fosse sua bravura. Quis dar-lhe dinheiro. Não aceitou.

Será que ela vem?

Dinheirinho na mão. Toca sedento pro bar. Uma dosezinha, seu Barbosa. Toma e chispa, seu imbecil. Mas ele beberica, sem ansiedade. Filósofa. Se fosse rico, o que faria? Compraria





um carrão. No dinheiro. Os donos desses carrões aí vivem atolados e amargando dívidas: consórcio, prestações, juros, multas, impostos, seguros. O carrão os devora. Muitos nem têm tostão para o guardador.

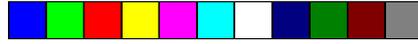
Mas tinham que pagar. Reservava-lhes vagas, limpava os para-brisas, guardava-lhes o bem precioso. Ora, tinham que pagar. Bondade nunca deixou alguém rico. Piedade, também. Se bobear, nem sobrevive. Pede outro mercedinho. Xi, seu Barbosa, guarde o copo. Aquele motorista é fujão. Sai desabalado, pula na frente do carro. Contrafeito, o homem jogou-lhe uma moeda. Sovina. Mas tirou farinha do pão seco. Volta pro bar apertando a moeda: não dá meia pinga, aquele miserê.

Véspera de Natal. A praça está cheia. Todo mundo encantado com o presépio que o prefeito montou. Solzão. O jeito é caminhar pela sombra. Bendita figueira! A sombra se espraia.

Hora de almoço. Dá um pão com linguiça, seu Barbosa. Estômago oco roído pelo álcool. Cadê o dinheiro? Homem ganancioso, capitalista, vê dinheiro em tudo. Já volto, diz, e sai correndo para pegar outro motorista fujão. Depois volta, zonzó, feito barata tonta. Ih, calorão. Sol na moringa pede uma pinga. Sua em bicas. Aqui está, seu Barbosa. Hoje, até que está rendendo. Deve ser a magia do Natal. Seu Barbosa, você é homem instruído, pode me dizer por que tanta gente sai apavorada comprando tudo que vê? Seu Barbosa faz que não ouve, mcorongo, atende os fregueses, depois responde: tudo é comércio, Tavarinho, os judeus vendem Cristo até hoje. Eu quero vender, vender e vender. Tem gente que se endivida até as calças. Tavarinho se sente livre desta fome de comprar coisas. Não tem nada. Devora o pão com linguiça. Vem o sono. Sai cambaleando em direção do oco da figueira.

Uma bênção, essa figueira. Quem tem casa tão arejada assim: o grande oco cercado de raízes que formam paredes, tentáculos que se alastram na terra removendo o calçamento, uma abóbada semiescura, céu nublado a chover. Ali se deita, entre trapos, um travesseiro rasgado e sujo. Ali ele fica em concha, no bem-bom,





enquanto a praça parece ferver no calorão do meio-dia. Dorme feito anjo, sonhando. Sim, ela, a princesa, está vindo: tão bonita, alvíssima angelical. Um anjo dançando em plumas de algodão. Ele sorri, a felicidade pendente nos lábios.

Adquirira sabedoria com o tempo. No começo, muito boboca. Todo mundo o enganava. Guardava as vagas e ninguém lhe pagava. Aprendera a trucagem dos camelôs, dos mágicos, dos equilibristas, das mães de pés inchados com filho anêmico a tiracolo, dos jogadores de dados. Para conseguir freguês surgia nos lugares mais inesperados e imprevisos, feito raio, pulando na frente dos motoristas, como se surgisse do nada. Saltava rápido, limpava o para-brisa com a flanela ensebada. O motorista não tinha como escapar. Em seguida, cobrava cordialmente.

– Seu doutor, guardei essa belezura pro senhor. Não deixei ninguém chegar perto. Olha só: inteirinho, seguro, protegido.

O otário ficava sem jeito. Enfiava a mão no bolso, contrariado, cenos fechados, dava-lhe os trocados. Talvez saísse xingando, palavras remoendo no céu da boca como saibro.

Os fujões xingavam.

– Sai da frente, pé de cana! Senão passo por cima. Vá trabalhar, vagabundo. Está pensando o quê?

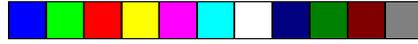
Aceleravam. Ele pulava de lado. O carrão ia embora, mas ficava marcado. O Polaco logo daria um jeito. Por um cigarro, um trago, um sorriso torto, o Polaco faz qualquer coisa.

Então, o que fazia não era trabalho? Sabia mais do que aqueles falsos doutores. Era doutor das ruas. Não tinha diploma, mas tinha a sabedoria das ruas.

De tarde a praça ferveu de gente. De hora em hora, Tavarinho acorria ao boteco do Barbosa, suado, exausto.

Se não fosse a bebida, estava rico. Mas o que importa? Preocupar-se com o amanhã? Pra quê? Essa gente que pensa no amanhã carrega bichos roedores na cabeça. Toda aquela gente, que se fazia de rica, estava endividada. Certeza nenhuma





tem o homem. Vivo agora, morto em seguida. Sem despedir, sem confessar os pecados, sem desarrochar os amargos da vida, sem dizer “oh minha gente, estou partindo”. O que o homem tem: o aqui, o agora, o já.

De hora em hora, pingavam-lhe moedas. Lá ia, satisfeito, para o bar. Pinga na goela. Olhava a praça lotada. Entardecia. O calor amainava. O prefeito e a primeira-dama passeavam de mãos dadas, embevecidos, cumprimentando e distribuindo sorrisos. O carro do Papai Noel desfilava pelas ruas enfeitadas, pisca-que-piscando. Mas o Papai Noel era outro. Quem aguenta ficar o dia inteiro, sob sol escaldante, naquela roupa? Só por moedas.

A praça era um mar de cabeças, granfinos e pobres, senhores e servos, virgens e putas, honestos e vagabundos. Passeavam cachorros de apartamento e seus donos exibicionistas, mas solitários. Perambulavam vira-latas já enfarados de tanto vistoriar as lixeiras. Mocinhas namoradeiras esperavam encontrar os seus príncipes. Velhos vampiros ambicionavam chupar os pescoços de donzelas incautas.

O pançudo Tartaruga, sentado na mesa de bar, bebericava, vazio de ideias, mirando a praça.

– Então, Tartaruga, se enricou vestido de Papai Noel?

Olha enfarado. Beberica a cachaça.

– Aquilo não é vida. Foi um banho de suor. Não dava tempo nem de tomar água. Os pestinhas me agarrando, quase me derrubaram. O que a gente não faz pra ganhar uns trocados?

Tavarinho ironiza.

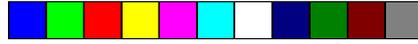
– Por dinheiro, a gente vende até a mãe. Mas não entrega.

– Por dinheiro mesmo – confessa Tartaruga. – Ainda bem que é o último dia. Aceita um mercedinho, Tavarinho?

Mas que pergunta! Aceitava, sim.

– Traz um pro pé de cana, seu Barbosa.





Tavarinho não se ofende. Fica olhando a pança de Tartaruga e a praça anoitecendo e as luzes brilhando fortemente.

– Forrou o bolso, Tartaruga.

– Um miserê. Mas dá pro gasto.

– Você é cara de sorte. Muito esperto. Sabe ganhar dinheiro com essa pança monstruosa.

Tartaruga se levanta com dificuldade. Os pés-inchados, batatas doces vermelhas. Se move com dores, varizes estourando. Despede de todos e vai pra casa. Está moído. A cachaça chamou o sono.

No meio do vai-e-vem, Carniça gesticula, brada, mas ninguém lhe dá atenção. Tavarinho tem vontade de esgoelar o doido. Se fizesse o mesmo palavratório nesta noite, o porrete de peroba desceria com severidade.

Sente-se cansado. Mas tem que ir atrás de mais algumas moedas. A final, ele é o guardador de carros.

Meia hora está de volta. Mais um, seu Barbosa. Joga duas moedas no balcão. Olha de um lado, de outro. O burburinho da praça azucrina. Naquela hora, olhando dali, parecia mais cheia. Celulares brilhavam, filmando e fotografando. Na frente do presépio, junto ao berço de palha do Menino, era um empurra-empurra frenético. Todos queriam fotos junto do Inocente.

Olhou minuciosamente o bar.

– Quem é aquela gente?

Essa gente – um homem simples, barbudo e uma mulher grávida – olhava-o, como se dissecasse em minúsculos pedaços.

– Quem são eles?

– Sei lá, chegaram agora. Uns pobres coitados. Famintos como cachorro de rua. Mulher tão barriguda. Capaz de dar cria naquela mesa – disse Barbosa, impaciente, limpando o balcão ensebado com um pano também ensebado. – Acho que precisam de ajuda. Eu não posso. Se eu fosse ajudar todo mundo que





aparece aqui, já tinha fechado as portas.

– Nem eu – respondeu Tavarinho. – Não bebem nada?

– Nada. Pediram água da torneira. Eu dei. Isso eu não nego. Parecem mortos de fome.

Tavarinho sentiu uma onda de bondade invadir o corpo como fogo se alastrando em capinzal seco.

– Seu Barbosa, você sabe, não tenho onde cair morto. Mas sou guardador de carros. Um trabalhador, portanto. Dá alguma coisa pra eles comerem. Do jeito que me olham, sinto o coração derreter. Pago depois. Eu não falho. Quando falhei com o senhor?

– Fiado só amanhã – mostrou a plaqueta pendurada logo acima da prateleira. – Conta outra pra mim. Nesta, já sou professor.

Foi limpar a pia que estava abarrotada de copos e pratos. Voltou. Tinha um olhar de carneiro.

– Pensando bem, Tavarinho, você é gente boa. Se disse que paga, eu aceito. Pode fazer o pedido.

– Dá um sanduichão pra eles. Pão com bastante mortadela e tomate. Maionese também. Aquela que tua mulher faz, com cheirinho verde. Gente boa. Mas não fala que fui eu. Bojuda assim pode parir aqui. Deus me livre.

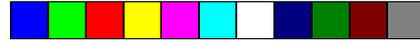
Tavarinho olhava. Que gente iluminada. Ela parece ter clara de ovo na calcinha. O bebê vai descer, pensou. Por que olha tanto pra mim? Tem olhos de mãe santa. Xi, estou vendo uma auréola sobre ela. Acho que bebi demais.

Na praça, escasseavam as pessoas. Restavam os deserdados.

– Vou embora, estou zozzo. Vou pro oco. Se aquele Carniça me infernizar, racho a cabeça dele.

Quando ia sair, a mulher desejada entrou no bar. Segurava uma cesta de Natal. Ah, ela veio! Sentiu as pernas bambearem.





As palavras fugiram, o piso parecia rodar, e a imensa figueira flutuava.

– É pra você – disse ela, e depositou em seus braços a cesta.
– Uma lembrancinha, poucas coisas.

Tavarinho não sabia o que dizer. Coração desabalado. Ela veio. Ah, ela não se esqueceu de mim. Está afogueado, o rosto cor de sela usada vermelho igual ferro em brasa. A mulher bojuda sorri pra ele, bondosa. Tavarinho não sabe o que dizer, a cesta no colo. Em seguida, ela foi embora. Deixou atrás de si um rastro de perfumes. A mulher bojuda o chamou:

– Ela sabe que você é pessoa boa. Mas não devia beber tanto assim. O que te coça nesta vida?

– Quem pode gostar de um homem acabado assim, sem lar, sem família, feito um cão jogado no mundo? – consegue dizer, voz engasgada, olhos úmidos.

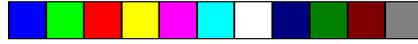
– Ah, bom rapaz, os simples herdarão o reino dos céus. Você verá com seus próprios olhos – voltou a dizer a mulher bojuda, voz doce, suave como a brisa que começava a soprar na praça.

Tavarinho se retirou. Hora de fechar a bodega, anunciou seu Barbosa. Também tenho direito a descansar.

Entocou-se. Poucas pessoas na praça. Carniça o espiava de longe, ressabiado. Quase meia-noite. Cabeceava de sono. Mirava o alto do oco da figueira. Havia lugar mais aconchegante no mundo do que aquele? Sua toca parecia com a abóbada celeste rebrilhando de estrelas. Incrível, nunca tinha reparado naquele céu estrelado. Sempre lhe parecia nublado, com raios e trovões. Enrodilhou-se. Se Carniça inventasse moda... Bem, o porrete de peroba estava ao alcance das mãos.

Estava feliz. Ela viera. Como era linda! Nunca Tavarinho havia recebido uma cesta. Aquele mimo valia por um milhão de moedas. Então se imaginou passeando com ela pelos campos, imensos vales, de mãos dadas. Ih, cadê o sono? Sumira. O oco





da figueira começou a ter pregos pontiagudos, que o faziam remexer, incomodado, lagarteando.

Praça vazia. O povaréu dera no pé. Carniça não estava de lua. Cansado, dormira debaixo de qualquer marquise.

Levantou-se. Foi até o gramado, onde os galhos da figueira não alcançavam. Deitou-se de barriga pra cima e ficou olhando as estrelas. Sim, ela viera. Trouxera-lhe um mimo. Seria capaz de guardá-lo pro resto da vida. Novamente, passeavam nos campos floridos, imensos vales, de mãos dadas. Adormeceu. Tudo se apagou. De repente, acordou. Ouvia vozes? Onde estava? Sentia a aragem fresca da madrugada beijar-lhe o rosto. Por que não estava no oco da figueira, sua casa?

Sentou-se no gramado. Sonolento, olhou o tronco da figueira. Arregalou os olhos. Não acreditava no que via. O oco, a sua casa, estava iluminada. Dentro, o casal que estava no bar. O homem orava, agradecia, ajoelhado, os olhos pro alto. A mulher segurava uma criança, um tiquinho de gente, enrolado numa manta, que chorava, chorava. Sobre as três cabeças havia uma auréola brilhante como se fossem três arco-íris.

Carniça sentou-se ao seu lado no gramado, eufórico. Não havia nenhum sinal de loucura em seu rosto.

– Alegre-se, homem de Deus! O Salvador veio ao mundo pra dar esperança aos deserdados...





ESTE LIVRO FOI COMPOSTO NA FONTE TIMES ROMANE
IMPRESSO PELA IMPRESSUL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA., EM
MAIO DE 2020, SOBRE PAPEL BOOK MILLENNIUM 80 G/M2.



ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

152

